

**UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CULTURA E
TERRITORIALIDADES**

THAIANA IVIA DA COSTA E SILVA PEREIRA

Mulheres pensando afrofuturos: fabulações, movimentos e sentidos

**NITERÓI,
2022**

THAIANA IVIA DA COSTA E SILVA PEREIRA

MULHERES PENSANDO AFROFUTUROS: FABULAÇÕES, MOVIMENTOS E SENTIDOS

Dissertação apresentada ao programa de Pós-Graduação da Universidade Federal Fluminense como requisito parcial para obtenção do título de mestre em Cultura e Territorialidades.

**NITERÓI,
2022.**

THAIANA IVIA DA COSTA E SILVA PEREIRA

MULHERES PENSANDO AFROFUTUROS: FABULAÇÕES, MOVIMENTOS E SENTIDOS

Dissertação apresentada ao programa de Pós-Graduação da Universidade Federal Fluminense como requisito parcial para obtenção do título de mestre em Cultura e Territorialidades.

Aprovada em

BANCA EXAMINADORA

NITERÓI
2022.

AGRADECIMENTOS

Às mulheres e a todos os ancestrais que abriram os caminhos para que eu pudesse estar onde estou hoje.

Agradeço por vir a este mundo em uma família de mulheres fortes e lutadoras que me ensinaram a nunca desistir dos meus sonhos, em especial, a quem dedico toda essa dissertação, minha tia Ângela Maria, que mesmo antes de mim, acreditou nessa pesquisa.

Aos meus pais, Teresa e Jorge, a minha irmã, Tatiana e a minha prima, Laís Meri e meu marido Lucídio por possibilitarem e incentivarem todas as minhas jornadas, não só com palavras, mas, sobretudo, com gestos e escuta atenta. Amo vocês!

A minha filha, Maria Ivia, meu maior presente e desafio desta vida, que diariamente me dá ânimo e coragem para seguir buscando um mundo mais justo e antirracista.

Aos artistas, escritores e performers do Brasil e do mundo que acreditam no afrofuturismo como mecanismo de transformação de futuros.

À orientadora mais afetuosa que eu poderia ter: Ana Paula Pereira da Gama Alves Ribeiro, por me dar autonomia para desenvolver esta escrita e por tanto conhecimento, generosidade, colo, atenção e paciência comigo durante esses dois longos anos.

À minha banca de qualificação e examinadora deste trabalho, por toda contribuição, Iris Amâncio e Denilson Araújo.

À turma 2020 do Programa de Pós-graduação em Cultura e Territorialidades da Universidade Federal Fluminense, especialmente, ao nosso Isoporzinho - Cantareira virtual que salvou nossos dias pandêmicos quando não tínhamos nenhuma certeza sobre o amanhã. Construímos uma rede de cumplicidade, respeito e descobrimos que o amor pode habitar na academia. Sobre o amor, mil vezes obrigada, aos Mestres formados neste programa, Ruth Maciel e Daniel Ruiz que, amorosamente, acreditaram nessa

pesquisa, contribuíram através de textos, livros, áudios de whatsapp, diálogos e escutas sensíveis durante este processo.

Aos companheiros de trabalho da extinta Plataforma Urbana Digital do Macquinho, Joel Vieira, Jef Rodriguez, Ana Clara da Silva, Elielton Rocha Telto, Josemias Moreira e Douglas Araújo que, através da música, arte e atividades culturais desenvolvidas com os jovens da comunidade do Palácio, mesmo que inconscientemente, me estimularam a aprofundar meus estudos sobre a corporeidade negra e o afrofuturismo. Levarei para sempre na memória o orgulho de ter construído com eles o *Primeiro Seminário Negritude na Ciência, Tecnologia e Comunicação* da Prefeitura de Niterói, indo na contramão dos racismos institucionais.

Às lideranças comunitárias femininas e a todas as mulheres guerreiras de Niterói que tive a honra de conhecer através da Coordenadoria de Política e Direitos das Mulheres da Prefeitura de Niterói e que foram grande inspiração para essa pesquisa.

Por fim, agradeço a todas as mulheres pretas que, antes de mim, imaginaram e criaram caminhos possíveis e aos meus ancestrais do futuro que me dão força para seguir em frente.

Aos ancestrais que eu conheci, aos ancestrais que eu não conheço e aos ancestrais que me conhecem mais do que a mim mesma. Em especial, a quem tive o privilégio de conviver, aprender e criar laços de amor, a mentora intelectual desta dissertação, Professora Doutora Ângela Maria da Costa e Silva Coutinho.

RESUMO

O afrofuturismo é um movimento cultural, estético, social e político que une ficção científica, tecnologia, realismo fantástico, ancestralidade e cosmologia africana. O termo ganha notoriedade a partir do pesquisador branco, norte americano, Mark Dery que, na década de 1990, questionou a ausência de negros nas produções artísticas e culturais. Convém ressaltar que obras, concepções e elementos afrofuturistas, muito antes do surgimento do termo, já poderiam ser identificadas como, por exemplo, as vinculadas ao compositor de jazz e filósofo Sun Ra, que, na década de 1930, teve uma experiência alucinatória transcendental com a ficção, a partir de composições musicais e performances, na qual teria sido abduzido, levado ao planeta Saturno e presenciado um futuro profético. As fabulações presentes na temática afrofuturista permitem imaginar novos futuros para a população negra, a partir de uma conexão com o passado e o presente. Este trabalho tem como objetivo apresentar elementos da filosofia africana que se associam ao movimento afrofuturista, relacionando-os às construções artísticas, estéticas e discursivas de mulheres negras em diáspora que imaginam novas possibilidades de futuro para a população negra em diferentes perspectivas. No primeiro capítulo, pretende-se apresentar conceitos da filosofia africana, historicamente construídos, sobre ancestralidade, afrocentricidade e tempo, além de definições e percepções conceituais do movimento afrofuturista, desde o surgimento do termo. No segundo capítulo da pesquisa, a proposta é relacionar movimentos, eventos e performances com a temática afrofuturista em diferentes territórios e alguns acontecidos durante a pandemia da Covid-19, a fim de evidenciar a predominância do gênero feminino nesta temática, através de experiências visíveis, empíricas e sensoriais de mulheres africanas e diaspóricas. Já no terceiro capítulo, apresento definições feitas por mulheres negras de diferentes territórios e gerações, que pensam o afrofuturismo e fabulam sobre este movimento de maneira multifacetada, através de pesquisas, literaturas, histórias de ficção científica, performances e outros vieses artísticos e culturais.

Palavras-chave: afrofuturismo; ancestralidade; temporalidade; mulheres negras; fabulação.

ABSTRACT

Afrofuturism is a cultural, aesthetic, social and political movement that unites science fiction, technology, fantastic realism, ancestry and African cosmology. The term gains notoriety from the white, North American researcher, Mark Dery, who, in the 1990s, questioned the absence of black people in artistic and cultural productions. It should be noted that Afrofuturist works, concepts and elements, long before the emergence of the term, could already be identified, such as those linked to the jazz composer and philosopher Sun Ra, who, in the 1930s, had a transcendental hallucinatory experience with fiction, from musical compositions and performances, in which he would have been abducted, taken to the planet Saturn and witnessed a prophetic future. The fables present in the Afrofuturist theme allow us to imagine new futures for the black population, based on a connection with the past and the present. This work aims to present elements of African philosophy that are associated with the Afrofuturist movement, relating them to the artistic, aesthetic and discursive constructions of black women in the diaspora who imagine new possibilities for the future for the black population in different perspectives. In the first chapter, we intend to present concepts of African philosophy, historically constructed, about ancestry, Afrocentricity and time, as well as definitions and conceptual perceptions of the Afrofuturist movement, since the emergence of the term. In the second chapter of the research, the proposal is to relate movements, events and performances with the Afrofuturist theme in different territories and some that happened during the Covid-19 pandemic, in order to highlight the predominance of the female gender in this theme, through visible experiences, empirical and sensorial experiences of African and diasporic women. In the third chapter, I present definitions made by black women from different territories and generations, who think about Afrofuturism and fable about this movement in a multifaceted way, through research, literature, science fiction stories, performances and other artistic and cultural biases.

Keywords: Afrofuturism; ancestry; temporality; black women; fabulation.

LISTA DE IMAGENS

1. Daniela DaMata, em entrevista para a série Afronta!
2. Rapper Karol Conka (2018), em clipe exibido na entrevista da série Afronta!
3. Card de divulgação de festival de Jazz 1979, com a participação do Sun Ra.
4. Capa do álbum Space is the place, de Sun Ra.
5. Fragmento da tabela de resultados com busca livre do termo.
6. Fragmento da planilha de Excel, a partir dos dados obtidos no site de análise de dados Digital Methods Initiative.
7. Print da tela do site de análise de dados.
8. Resultados obtidos.
9. Publicação do Manifesto Futurista, do poeta italiano Filippo Marinetti, no jornal francês Le Figaro, em 5 de fevereiro de 1909.
10. Card da exposição Black Magic: AfroPasts/AfroFutures.
11. Obra da artista Adama Delphine Fawundu: AfroPasts/AfroFutures.
12. Imagem transferida sobre tecido, bastidor e linha de costura. 30,0 cm diâmetro - 1997.
13. Entrada do Festival Afrofuturismo, edição 2018.
14. Card de divulgação do Festival Latinidades, edição 2020.
15. Card do evento O Futuro é preto- Afrofuturismo, edição 2020.
16. Obra “Sonho-voô: Expansão”, de autoria da artista Vika Teixeira.
17. Composição de fotos dos vereadores de Niterói, outubro de 2021.
18. Composição de fotos da Solenidade Mulher Negra Destaque 2022.
19. Existem pessoas negras no futuro.

20. Manifest Destiny, Library Street Collective, Detroit, MI. Curadoria Ingrid LaFluer

21. Pelas Liberdades, Time Square Arts.

22. Último registro de durante a pesquisa.

SUMÁRIO

Introdução: aproximação do termo	12
CAPÍTULO 1	25
AFROFUTURISMO. REPENSAR O PASSADO E PROJETAR NOVOS FUTUROS. ANCESTRALIDADE, AFROCENTRICIDADE E TEMPORALIDADE	25
1.1 Afrofuturismo: alguns conceitos	25
1.2 Filosofias Africanas - breves apontamentos	30
1.3 Ancestralidade	32
1.3.1 Corpo e Corporeidade	34
1.4 Afrocentricidade	41
1.5 Temporalidade	44
CAPÍTULO 2	50
INVENTAR NOVOS MUNDOS	50
2.1 Afrofuturismo no Youtube em um contexto pandêmico	51
2.2 Tecnologias e possibilidades	54
2.3 Sentidos	57
2.4 Eventos afrofuturistas no mundo e no Brasil	64
2.4.1 Black Magic: AfroPasts/AfroFutures	66
2.4.2 A costura da memória: Rosana Paulino	68
2.4.3 Festival Afro.Futurista	69
2.4.4 Festival Latinidades	70
2.3.5 O futuro é preto – Afrofuturismo	72
2.3.6 Sonho-voou: Expansão	73
CAPÍTULO 3	76
AFROFUTURISMO. FABULAÇÕES E APROXIMAÇÕES DE GÊNERO	76
3.1 “Da nossa memória, fabulamos nós mesmos”	79
3.2 Ficção científica e mulheres do afrofuturismo	81
3.3 Mulheres negras que pensam e constroem cenários futuros saudáveis	82
3.3.1 Octavia E. Butler: 1947. Califórnia.	85

3.3.2 Lu Ain-Zaila: 1970, Rio de Janeiro.....	86
3.3.3 Nnedi Okorafor: 1974, Ohio.....	87
3.3.4 Tomi Adeyemi: 1993, Chicago.	88
3.3.5 G.G Diniz: 1998, Ceará.	89
3.3.6 Nátaly Nery: 1994, São Paulo.	89
3.3.7 Aza Njeri:1985, Rio de Janeiro	90
3.3.8 Zaika dos Santos: 1988, Minas Gerais.	91
CONSIDERAÇÕES FINAIS	93
REFERENCIAIS TEÓRICOS	100

Introdução: aproximação do termo

Há alguns anos, a ideia/conceito de aquilombamento me persegue. Sou mulher, negra, mãe, professora, profissional de educação física, fisioterapeuta e apaixonada pelas maravilhas da máquina corpo humano. Sempre considerei o corpo a nossa principal ferramenta relacional com o outro e com o mundo, o que me fez compreender a necessidade de buscar e empreender pesquisas acerca das experiências corporais, em toda a sua complexidade, através de um recorte racial.

Em 2018, aconteceu meu primeiro contato com o termo afrofuturismo, assistindo aos episódios da série “Afronta!¹”, do Canal Futura, na qual são apresentadas experiências e relatos pessoais de artistas e pensadores negros contemporâneos de destaque na cena negra, sobre temas como racismo, estética, música, representatividade, pertencimento, empreendedorismo, ancestralidade e afrofuturismo. Este último, me foi apresentado nos episódios protagonizados pela maquiadora e empreendedora Daniela DaMata e pela rapper Karol Conka, exibidos em novembro de 2017 e em março de 2018, respectivamente.

Minha atenção foi aguçada quando Daniela DaMata expressou-se da seguinte maneira:

Pra mim, é isso, afrofuturismo: desconstruir coisas que são normais pra sociedade, de uma maneira que faça te representar assim, sabe? Eu me considero uma pessoa afrofuturista, a louca dessa geração. O lance do batom preto, o lance do batom branco, né... que o batom branco, tipo, as pessoas: - Nossa, mas pra quê? Você é preta, não vai ficar bom ou lá,lá,lá... ou qualquer outra cor que as pessoas falam que sempre vai ficar feio tipo uma sombra “x”, eu vou lá e faço porque não existe essa regra pra gente. Eu fico feliz de fazer parte dessa geração também, né, que é essa geração de internet, que questiona e não entende determinada coisa e vai lá querer saber, de botar o dedo na ferida da sociedade mesmo assim. A gente tem que abraçar qualquer movimentação que é transformadora pra sociedade no geral, sabe? (DA MATA, 2017)

¹ Série documental composta por 26 episódios, de 15 minutos cada. Dirigida pela cineasta negra Juliana Vicente e produzida pela Preta Portê Filmes, em coprodução com o Canal Futura. <https://canaisglobo.globo.com/assistir/futura/afronta/t/8fbhXhBFDX/>

Imagem 1: Daniela DaMata, em entrevista para a série Afronta!



Fonte: <https://canaisglobo.globo.com/assistir/futura/afronta/t/8fbhXhBFDX/>

Quanto à rapper, sua percepção de afrofuturismo resultou na seguinte explicação:

Fui para a Europa e me chamaram disso, assim: *afrofuturista!* Eu falei – O que? O que é isso? E aí, falavam: isso é o futuro, é um estilo futurístico - eu não entendia muito bem, eu não entendo muito bem. Depois, eu fui entendendo, né? Não são só as pessoas, é a era afrofuturista, entendeu? É uma era que a gente está passando, que a gente tá vivendo e é graças à internet [...].

Imagem 2: Rapper Karol Conka (2018) Clipe exibido na entrevista da série Afronta!



Fonte: <https://canaisglobo.globo.com/assistir/futura/afrota/t/8fbhXhBFDX/>

A partir desses estímulos, senti que precisava pesquisar mais sobre o assunto. Nesse mesmo período, trabalhava na Subsecretaria de Ciência e Tecnologia da Prefeitura de Niterói, especificamente, na equipe do Macquinho², no Morro do Palácio. Questionávamos a ausência de pessoas negras nos processos de construção de agendas voltadas para a ciência, tecnologia e inovação na cidade e, eventualmente, parte de nossa equipe era alvo em situações de racismo. Aquele racismo desprezioso, “não intencional”, naturalizado no discurso construído pela branquitude. Foi assim que nós, da equipe do Macquinho, entendendo a necessidade de dar visibilidade às produções negras dessas áreas e romper com o discurso de que pessoas negras não pertenciam a áreas tecnológicas e científicas, construímos coletivamente o 1º Seminário Negritude na Ciência, Tecnologia e Inovação, da subsecretaria.

O referido evento tinha como mote principal reunir cientistas, pesquisadores, especialistas pretos e pretas dessas áreas para contribuírem com a legitimação dessas pessoas enquanto sujeitos e protagonistas, em pesquisas acadêmicas e não acadêmicas, visando subverter o fluxo de produção e informação, historicamente pautado no processo de epistemicídio - termo criado pelo sociólogo e estudioso das epistemologias do Sul Global, Boaventura de Sousa Santos (2018), para explicar o processo de

² Espaço público, pertencente ao Programa Niterói Digital da Prefeitura de Niterói, onde eram desenvolvidas atividades artísticas, educacionais e culturais mediadas pela tecnologia. Em função da pandemia e também por motivos outros, este equipamento ainda se encontra fechado.

invisibilização e ocultação das contribuições culturais e sociais não assimiladas pelo ‘saber’ ocidental e que, dentre outras coisas, nega os conhecimentos advindos do povo preto e que se perpetua desde o período colonial até os dias de hoje. Conforme Boaventura, “o epistemicídio foi muito mais vasto que o genocídio porque ocorreu sempre que se pretendeu subalternizar, subordinar, marginalizar ou ilegalizar práticas e grupos sociais que podiam constituir uma ameaça à expansão capitalista”. (SANTOS, 2018 p. 200).

A partir daquele seminário e dos episódios da série “Afronta!”, não me desliguei mais do afrofuturismo e assim começou a minha trajetória nesse movimento artístico, estético e filosófico tão plural, que conecta passado, presente, futuro e tecnologia.

Falas como as de Karol Conka, Daniele DaMata, Magá Moura, Juliana Luna e de outras e outros participantes da série propunham reflexões para a compreensão de como os negros brasileiros criam redes, gerando autonomia para alterar a realidade de hoje e inventar novos sentidos para o amanhã, imersos em um processo de aquilombamento. Aquilombar-se é um termo baseado no pensamento de Beatriz Nascimento (1977, p. 2). Segundo a escritora, “no momento em que o negro se unifica, se agrega, ele está sempre formando um quilombo, está eternamente formando um quilombo, e o nome em africano é união”. Ou seja, aquilombar-se pode ser compreendido como um movimento histórico, político e cultural que resgata e valoriza os saberes ancestrais como possibilidade de entender o presente e construir o futuro. É um movimento de deslocamento da condição de quilombola em si para quilombola para si. (BRITO et. al, 2020 p.433 e 434.)

A ideia de aquilombamento despertou em mim uma enorme vontade de entender, pesquisar, me apropriar das pautas raciais e combater o racismo sentido cotidianamente no meu corpo e nos corpos de negros e negras como eu. Entendendo o corpo como uma ferramenta ultra tecnológica, considero que “(...) somos sujeitos corpóreos e usamos nosso corpo como linguagem, como forma de comunicação (...)”. (Gomes, 2003 p. 173).

Nessa perspectiva, meu projeto de pesquisa, intitulado “Corporeidades de jovens negros e Afrofuturismo: uma análise a partir das experiências da Plataforma Urbana Digital do Macquinho, no Morro do Palácio”, buscava utilizar os conceitos oriundos do afrofuturismo para fomentar, valorizar e promover representatividade negra, quebrando paradigmas sociais atribuídos ao corpo negro, especificamente, de jovens negros do

Morro do Palácio, em Niterói, que participavam das atividades educacionais da Plataforma Urbana Digital do Macquinho.

Ao ingressar no PPCULT, este projeto não pôde ser levado adiante pois no mesmo mês, em março de 2020, fomos surpreendidos pelo novo Coronavírus, um vírus ainda pouco conhecido e ao mesmo tempo assustador. Para que o vírus não se propagasse, as autoridades em saúde recomendaram rigorosas medidas de higiene e, principalmente, a não aglomeração de pessoas em espaços fechados. As aulas presenciais foram suspensas em maio do mesmo ano e, com certa dificuldade, iniciamos as aulas remotas.

Em relação ao coronavírus, Brasil e Estados Unidos apresentaram afinidades. Os dois países estão entre os mais atingidos em números de óbitos pela pandemia no mundo, o que pode ser justificado pela semelhança na condução da pandemia por parte do poder público e as atitudes negacionistas e banalizadoras da morte, legitimadas pelos atuais presidentes no auge da pandemia, que se correlacionam à presença do racismo que estrutura as relações sociais e econômicas dos dois países. À luz de Foucault, Mbembe (2018) diz que:

racismo é acima de tudo uma tecnologia destinada a permitir o exercício do biopoder, “esse velho direito soberano de matar”. Na economia do biopoder, a função do racismo é regular a distribuição da morte e tornar possíveis as funções assassinas do Estado. Segundo Foucault, essa é a condição para a aceitabilidade do fazer morrer” (MBEMBE, 2018, p.18)

Sabemos que, no Brasil, o surto do coronavírus se deu primeiramente nos territórios mais ricos, a partir do retorno de seus moradores de viagens à Europa - “Foi durante a Quarta-feira de Cinzas, em 26 de fevereiro, que o país detectou o primeiro caso: um homem branco, de 61 anos, que havia voltado de viagem da Itália para a cidade de São Paulo” (MATTA et al, 2021 p.28) - e se espalhou rapidamente para as periferias, impactando fortemente a população negra.

Em artigo intitulado "O pesadelo macabro da Covid-19 no Brasil: entre negacionismos e desvarios", Campos (2020) aponta que as maiores vítimas desse vírus seriam

Aquelas pessoas mais expostas ao contágio social e, ainda, as mais vulneráveis. Moradores da periferia e dos subúrbios, pessoas em privação de liberdade e asilamento, pessoas dependentes do transporte público, trabalhadores que lidam com outras pessoas – comerciários, autônomos, profissionais de saúde – enfim, a maioria

da população brasileira. Tendo em vista a desigualdade crônica do nosso país, a pandemia tende a vitimar os mais pobres, dentre os quais os afrodescentes são a maioria. (CAMPOS, 2020 p.4)

Pesquisas apresentadas no relatório final da CPI da Covid mostram que a população negra foi mais afetada pelos efeitos da pandemia do que a população branca. O parecer cita, dentre outras, a pesquisa do Instituto Pólis, de 2020, cujos dados apresentam que “a taxa de mortalidade por covid-19 entre homens negros era de 250 por 100 mil habitantes enquanto a de brancos era de 157 óbitos por 100 mil habitantes.” (CPI DA PANDEMIA RELATÓRIO FINAL, 2021-2022 p. 612).

SANTOS et al. (2020) afirmam que, segundo relatório do governo de Nova York, que incluiu dados sobre etnia/raça, dos 580 pacientes hospitalizados com a Covid-19, as piores taxas de mortalidade para a doença referem-se a negros e minorias étnicas.

Estado e municípios³ propuseram planos de enfrentamento à pandemia com vistas a não propagação do vírus e contenção dos danos causados por ela. Nesse sentido, diante do cenário pandêmico instalado, as atividades propostas na pesquisa, que seriam realizadas no Macquinho, foram inviabilizadas em função da necessidade de se cumprir o isolamento social/medidas de segurança. Até o momento desta escrita, no Brasil, temos um total de 34,7 mil casos de pessoas infectadas e 687 mil mortes. (Fonte: JHU CSSE COVID-19 último acesso em: 7 de outubro de 2022). Cabe ressaltar a perceptível subnotificação dos casos, o que significa que, talvez, os verdadeiros números relacionados à pandemia só sejam conhecidos em um futuro distante.

Os meses passaram e as previsões de quando saríamos desse cenário estavam cada vez mais incertas. Com isso, a pesquisa e as possibilidades de campo foram tomando novos rumos. Durante toda a quarentena, pudemos assistir a entrevistas e a podcasts, participar de cursos, “lives” e seminários sobre o afrofuturismo e suas diferentes abordagens.

³ Aqui no município de Niterói, as estratégias de enfrentamento da pandemia foram iniciadas precocemente pelo poder público, com ações de isolamento social, programa de renda básica mensal para população em situação de vulnerabilidade social, investimentos na disseminação de informações baseadas nas recomendações da OMS e ampliação da capacidade de atendimento em saúde com a construção do Hospital Municipal Oceânico de Niterói, o primeiro exclusivo do SUS para tratamento de casos graves de pacientes infectados pela Covid-19 no Brasil. Essas e outras ações fizeram com que a cidade fosse a única do país e uma das quatro da América Latina a receber o reconhecimento da ONU pela atuação contra o coronavírus.

Tudo isso me levou a ver este movimento muito além da perspectiva estética, musical, literária ou cultural. Entendo-o, hoje, como um movimento fabulatório⁴ (considerando o sentido denotativo do verbo fabular, que significa apresentar em forma de ficção ou inventar), político e uma forma de resistência e (re)existência dos corpos negros, muito necessária a nossa população nos dias de hoje e para o futuro.

Recordo-me o que nos ensina Lélia Gonzalez (1991): “Temos que nos voltar para dentro do quilombo e nos organizarmos melhor no sentido de dar um instrumental para esses que vão chegar e vão continuar o nosso trabalho (p.8)”. O que Lélia fala, em entrevista ao Jornal Movimento Negro Unificado nos anos de 1990, dialoga com as ideias de (re)ancestralizar, de Katiúscia Ribeiro. No TEDx Unisinus, (2019), Ribeiro traz a importância de repensarmos sobre a nossa própria existência, sobre saber onde vive a nossa ancestralidade, sobre reconhecer os lugares que ela habita e, assim, construir caminhos possíveis para repensar outros modelos sociais, a fim de eliminar diferentes formas de violências a que somos submetidos cotidianamente.

Essas pensadoras nos fazem refletir sobre o valor da ancestralidade para refazer os caminhos do nosso futuro, amparados em nosso ventre ancestral, revisitando nossas tecnologias e utilizando-as como ferramenta de transformação.

Ailton Krenak (2019) colabora ao dizer que: “Se as pessoas não tiverem vínculos profundos com sua memória ancestral, com as referências que dão sustentação a uma identidade, vão ficar loucas neste mundo maluco que compartilhamos” (KRENAK, 2019, p. 26)

A escolha do tema para a presente pesquisa, intitulada “Mulheres pensando afrofuturos: fabulações, movimentos e sentidos”, advém de algumas provocações que me inquietam e me instigam. Não nos faltam motivos históricos, ancorados no racismo e nas injustiças sociais que levam à morte do povo negro diariamente, seja pelo epistemicídio, pelo genocídio, pela destruição do imaginário negro, pela eliminação de nossos saberes ancestrais, pela ausência de políticas públicas, inclusive, as afirmativas,

⁴ Gilles Deleuze citado por Zacharias (2018) p. 28, entende a fabulação como uma forma de criação, de pensamento que faz crer em um novo real.(...) Ela possibilita a constituição de um novo corpo, de algo ainda não existente. É algo capaz de afetar e, conseqüentemente, fazer crer em um modo de existência outro. O ser que fabula foi afetado por algo, maior que ele mesmo, algo com ao qual não ele pode responder com seus recursos habituais, algo que foge de seus movimentos ordinários. Pode-se dizer que o indivíduo se deparou com um problema que o levou a fabular. Ou que criou para ele um campo fértil à fabulação.

ou pela não ocupação de espaços sociais que sempre nos foram negados de alguma forma. Todos esses fatores destróem nossa capacidade de sonhar e imaginar possibilidades de existências negras no futuro fora dos espectros racistas brancos.

Muito apropriada é a definição da Nátaly Neri (2019) no TEDxPetrópolis, que estabelece o afrofuturismo como “a ideia radical de que pessoas negras existem no futuro”. Para que existamos no futuro, de acordo com as proposições do movimento afrofuturista, precisamos buscar no passado, na nossa ancestralidade, nas nossas raízes o que ficou para trás e assim construir sobre elas nossas outras ideias de futuro e progresso. Esta perspectiva dialoga com o ideograma adinkra Sankofa: “Se quer saber o final, preste atenção no começo” e com os estudos de Leda Martins acerca das performances do tempo espiralar.

Em artigo publicado no livro *Performance, exílio, fronteiras - errâncias territoriais e textuais*, organizado por Ravetti & Arbex (2002), Leda Martins (2002 p.69) ficcionaliza, por meio de cenas, a comunicação entre os ancestrais e os negros escravizados em diáspora nas Américas.

Cena 1

Dizem que, durante muito tempo, escravos africanos nas Américas desenhavam no casco de tartarugas marinhas e nas plumagens dos pássaros cosmogramas de suas culturas de origem para comunicar aos ancestrais que repousavam em África, seus lugares de desterro nas longínquas paisagens americanas.

Cena 2

Não há lugar achado
sem lugar perdido.
casam-se além as falas de um lugar
no encontro da memória
com a matriz.

(Ruy Duarte)

Tais cenas provocam uma interpretação de que é possível movimentar um tempo passado e uma cultura mítica para o presente e estes tempos se afetam.

O conceito de afrofuturismo relacionado ao ideograma adinkra e que propõe afrofuturos surge na década de 1990, com o cineasta, pesquisador branco, norte americano Mark Dery, a partir do ensaio “Black to the Future”. Nesse ensaio, o pesquisador questionava a ausência de negros nas produções artísticas, culturais e na ficção científica. Porém, muito antes de Dery (1994) cunhar este termo, o jazzista Sun Ra, em 1930, já relatava experiências transcendentais com a ficção a partir de

composições musicais e performances, e não era o único a fazer tais movimentos, como falaremos à frente.

Sendo o afrotuturismo uma estética cultural muito rica que une elementos de ficção, realismo mágico, história e filosofia africana, e tendo por objetivo dar o devido protagonismo ao povo preto em diferentes esferas, de modo a construir ideias de sonhos e de existências possíveis a esta população, precisamos buscar no passado nossa ancestralidade, nossas raízes que ficaram para trás e construir sobre elas nossas possibilidades de futuro não hegemônicas.

Para tal, artistas, autoras e autores considerados afrofuturistas buscam construir um movimento que apresente novas narrativas e relatem a história do povo preto para além das tragédias, dores e sofrimentos, buscando no passado respostas para perguntas que construam novos presentes e novos futuros. A ficção científica empregada por artistas e pensadores afrofuturistas busca não apenas produzir mundos meramente imaginados, mas também mundos possíveis frente às impossibilidades violentas que foram impostas aos negros, inclusive, a impossibilidade de viver em um mundo tecnologicamente moderno.

Isso justifica a necessidade de empreender pesquisas, desenvolver conteúdos, criar agendas que combatam o racismo que estrutura a nossa sociedade e que concebam a existência dos corpos negros para além dos estereótipos impostos historicamente. É preciso sonhar que estaremos em lugares diferentes amanhã e que, a partir dos nossos sonhos de futuros, das criações de novas utopias, construiremos um presente diferente.

Desta forma, consideramos algumas ideias oriundas do movimento afrofuturista como ferramentas para fomentar a representatividade negra e quebrar paradigmas sociais atribuídos ao povo negro. Assim, este trabalho tenta cumprir este papel, mesmo que parcialmente, ao trazer os conceitos fundamentais do afrofuturismo que incluem ancestralidade, temporalidade e afrocentricidade à luz da filosofia africana; identificar eventos acontecidos no Brasil e no mundo com a temática afrofuturista, visando o protagonismo das representações artísticas e culturais do povo preto e, por fim, apresentar mulheres da diáspora, de diferentes territórios e gerações que fabulam e prospectam um futuro da população negra.

A pesquisa se insere na proposta da linha 3 do PPCULT, intitulada “Fronteiras e Produções de Sentido”, por trazer à tona questões relativas à interseccionalidade, narrativas de identidade, ancestralidade e representações, uma vez que se investigam fabulações, eventos e conceitos propícios à reflexão de afrofuturos.

Trago como problematização da pesquisa alguns questionamentos acerca de como imaginar e propor futuros possíveis para uma significativa parcela da população negra e pobre no Brasil, que vive em um presente distópico; em um contexto em que essa população morre pelo negacionismo, pela violência policial do estado, contumaz no extermínio de corpos negros ou pela ausência de políticas públicas que viabilizem sua digna existência no presente e no futuro.

Outras interrogações surgem inspiradas em conceitos de Noguera (2012) e Mbembe (2018), em que se pontua enegrecer/denegrir esse futuro, no sentido de um devir negro, contrariando o epistemicídio e a invisibilidade histórica do povo preto, fazendo uma mudança de rumo em que a presença desse corpo passe a ser reconhecida por sua existência estética, filosófica, metodológica, epistemológica, educacional, artística e sobreviva a toda a violência estatal.

Segundo Renato Noguera (2012 p. 65), o verbo “enegrecer” deve ser lido como sinônimo de “elucidar”. É mais comum encontrarmos “esclarecer” denotando elucidação, mas o léxico proposto pelo autor caminha num sentido diverso e contra-hegemônico, ressignificando o conceito de denegrir, palavra que literalmente só significa tornar-se negra(o), isto é, enegrecer.

No livro *a Crítica da Razão Negra*, Mbembe (2018 p.19-20) explica que

Pela primeira vez na história humana, o substantivo negro deixa de remeter unicamente à condição atribuída aos povos de origem africana durante a época do primeiro capitalismo (predações de toda a espécie, destituição de qualquer possibilidade de autodeterminação e, acima de tudo, das duas matrizes do possível, que são o futuro e o tempo). A essa nova condição fungível e solúvel, a sua institucionalização enquanto padrão de vida e a sua generalização pelo mundo inteiro, chamamos o *devir-negro do mundo*.

Uma outra questão é como conceber o afrofuturismo enquanto ferramenta de mudanças e concepções de novas epistemes para o que vivemos hoje no Brasil e no mundo, criando uma agenda antirracista, colocando o negro como sujeito em espaços de poder, decisão e criação.

Entendo que pensar afrofuturismo exige penetrar em uma dimensão política associada às reflexões de Denise Ferreira⁵, perpassando pelas relações de gênero, raça, classe e de forças sociais que oportunizem estarmos vivos nesse futuro que, por vezes, se mostra distópico e irreal. Essa perspectiva traz um imaginário ideológico possível

⁵ Seus escritos acadêmicos e práticas artísticas abordam questões raciais e de gênero, poética negra feminista, ética e justiça social no presente global, explorando como é possível existir de outros modos.

sem romantizar o presente. Desta forma, discutem-se ainda neste trabalho, os conceitos de fabulação crítica, de Saidiya Hartman e afrofabulação, de Tavia Nyong'o, que propõem novas formas de performance e produção livres de modos de representação esperados tradicionalmente.

Cabe, antes disso, discorrer acerca de conceitos básicos da filosofia africana, temporalidade e ancestralidade que “suleam” os caminhos para prospectar novos futuros para a população preta no presente. Renato Nogueira (2012) define “sulear” como uma direta contraposição ao termo “nortear”. “Na esteira das leituras de Boaventura Santos, concordamos que as conotações ideológicas articulam as ideias de Sul e Norte como em desenvolvimento versus desenvolvido, bárbaro versus civilizado, periferia versus centro.” (NOGUEIRA, 2012 p.63).

Contudo, destaca-se a importância de não nos deixarmos levar pelas dicotomias arditamente arquitetadas pelos processos coloniais que insistem em nos hierarquizar. Cabe-nos ainda defender uma ontologia de fronteira que pautem a pluralidade e o enfrentamento aos limites coloniais impostos. Dito isto, esta pesquisa pretende ser organizada nos moldes estruturais a seguir.

Os capítulos serão encadeados em uma ordem que parte do geral histórico e filosófico, com o objetivo de investigar o movimento afrofuturista, os eventos, estudos e performances relacionados ao tema, em diálogo com recortes da filosofia africana, trazendo contribuições de mulheres negras em diáspora que fabulam, sonham e imaginam futuros possíveis, de diferentes territórios, buscando a construção de caminhos possíveis para a existência no futuro.

No primeiro capítulo, intitulado *Afrofuturismo. Repensar o passado e projetar novos futuros: Ancestralidade, Afrocentricidade e Temporalidade*, pretendo apresentar brevemente conceitos da filosofia africana sobre ancestralidade, afrocentricidade e tempo, construídos historicamente, além de definições e percepções do movimento afrofuturista desde o surgimento do termo.

No segundo capítulo da pesquisa, ao qual chamo de *Inventar novos mundos*, proponho relacionar movimentos e eventos com a temática afrofuturista em diferentes territórios. Até o presente momento, este levantamento aponta para uma grande participação feminina, no que diz respeito aos questionamentos e imaginações acerca de afrofuturos. Compondo esta etapa, proponho-me a investigar as construções do afrofuturismo no Brasil e no mundo, ao relacionar eventos realizados na plataforma de

compartilhamento de vídeos YouTube, de março de 2020 a julho de 2021, com vistas a evidenciar a predominância do gênero feminino nesta temática.

Afrofuturos: aproximações de gênero e geração é o título dado ao terceiro capítulo. Nele, trago definições feitas por mulheres negras de diferentes territórios e gerações, que pensam o afrofuturismo e fabulam sobre este movimento de maneira multifacetada, através de pesquisas, literaturas, histórias de ficção científica, performances e outros vieses artísticos e culturais.

O método seguido nesta pesquisa é o bibliográfico, concentrado nas pesquisas descritivas e levantamento de dados. Para construir o referencial teórico, utilizaremos textos teóricos e conceituais, podcasts, entrevistas, vídeos e palestras virtuais sobre africanidades e relações étnico-raciais, filosofias africanas e afrodiaspóricas, feminilidades, dimensões políticas, sociais e culturais, fabulação crítica e afrofabulação, afrofuturismo.

Nestes termos, é mais adequado ao método seguido, referir que os autores e pesquisadores mais influentes sobre africanidades e relações étnico-raciais até o presente estágio de trabalho são Achille Mbembe, Stuart Hall, Kabenguele Munanga; Renato Nogueira e Mogobe Ramose, John Samuel Mbiti, Leda Martins e Paul Recoeur, referências no que tange às filosofias africanas e temporalidade; Eduardo David Oliveira, Molefe Kete Asante, Cheikh Anta Diop, sobre ancestralidade e afrocentricidade; Saidiya Hartman e Tavia Nyong'o, sobre fabulação crítica e afrofabulação; Achille Mbembe, Lu Ain-Zaila, Azanjeri, Saidiya Hartman, Morena Mariah, Lara de Paula, Kênia Freitas, José Messias, Edson Rangel, Paula Rodrigues, Helô D'Angelo, Zaika dos Santos, sobre afrofuturismo.

Como forma de romper com as violências historicamente impostas aos negros e a toda a sua produção cultural, corpórea e intelectual, faz-se necessário empreender pesquisas, desenvolver conteúdos, criar agendas que combatam o racismo que estrutura a nossa sociedade e que concebam a existência dos corpos negros para além dos estereótipos impostos ao longo do tempo. É preciso sonhar que estaremos em lugares diferentes amanhã e que a partir dos nossos sonhos de futuros, das criações de novas utopias, construiremos um presente diferente.

O afrofuturismo traz como base do movimento a busca ao passado com vistas a obter respostas para a criação de novos futuros. Sendo assim, apresento conceitos da filosofia africana historicamente construídos sobre ancestralidade, afrocentricidade, tempo e percepções do movimento afrofuturista desde o surgimento do termo. Além

disso, é apresentada uma breve relação de eventos com temática afrofuturista em diferentes territórios, alguns acontecidos durante a pandemia da Covid-19, evidenciando influência do gênero feminino nesta temática e as diferentes perspectivas de mulheres negras em diáspora que imaginam novas possibilidades de futuro para a população negra.

CAPÍTULO 1

AFROFUTURISMO. REPENSAR O PASSADO E PROJETAR NOVOS FUTUROS. ANCESTRALIDADE, AFROCENTRICIDADE E TEMPORALIDADE

“Se quiser saber o final, preste atenção no começo.”

(provérbio africano)

Neste capítulo, pretendo apresentar definições e percepções do movimento afrofuturista desde o surgimento do termo, além de explorar alguns conceitos de filosofias africanas e afrodiáspóricas, historicamente construídos sobre ancestralidade, afrocentricidade e tempo, que fazem parte da sustentação do movimento afrofuturista.

1.1 Afrofuturismo: alguns conceitos

Contrapondo-se à histórica subalternização e inferiorização do negro e de toda sua produção corpórea e cultural, surge na década de 1990 o Afrofuturismo. Este termo foi cunhado pelo cineasta, pesquisador branco, norte americano Mark Dery, a partir do ensaio “Black to the Future”. Neste ensaio, Dery entrevistou Samuel R. Delany (escritor de ficção especulativa), Greg Tate (crítico musical) e Tricia Rose (Professora da Universidade Brown, nos EUA).

Dery (1994) questionava a ausência de negros nas produções artísticas e culturais e o porquê de os negros não estarem presentes nas narrativas de ficção especulativa, visto que esse gênero abordava questões relacionadas à diferença, preconceito, o contato com o outro e diversos temas vividos por pessoas negras. E quando havia a presença deles, também questionou a maneira como eram representados.

Ao criar o termo, Dery condiciona o futuro ao passado e questiona

A noção de afrofuturismo origina de uma antinomia preocupante: pode uma comunidade cujo passado tem sido consumido pela busca de traços legíveis de sua história imaginar futuros possíveis? (...) Isso é especialmente desconcertante à luz do fato de que os afro-americanos, em um sentido muito real, são descendentes de abduzidos alienígenas; eles habitam uma ficção científica pesadelo em que campos de força invisíveis, mas não menos intransponíveis, de intolerância frustram seus movimentos; as histórias oficiais desfazem o que foi feito; e a tecnologia é muitas vezes tentada para suportar corpos negros. (DERY, 1993, p. 180)

Convém ressaltar que elementos políticos e estéticos associados ao Afrofuturismo já se faziam presentes na produção de uma série de artistas negras e

negros, sendo o compositor de jazz e filósofo Sun Ra, um dos principais expoentes dessa estética. Na década de 1930, Su Ra viveu uma experiência alucinatória transcendental com a ficção, resultante em composições musicais e performances que retratavam uma possível abdução em que teria sido levado ao planeta Saturno e presenciado um futuro profético para a população diaspórica africana em um mundo diferente, visto que toda violência e pobreza sofrida em função da vinda forçada dos negros para as Américas fez com que não existisse lugar para a população negra nesse mundo. Surge, então, a expressão: Space is the place.

Ele assim relatou

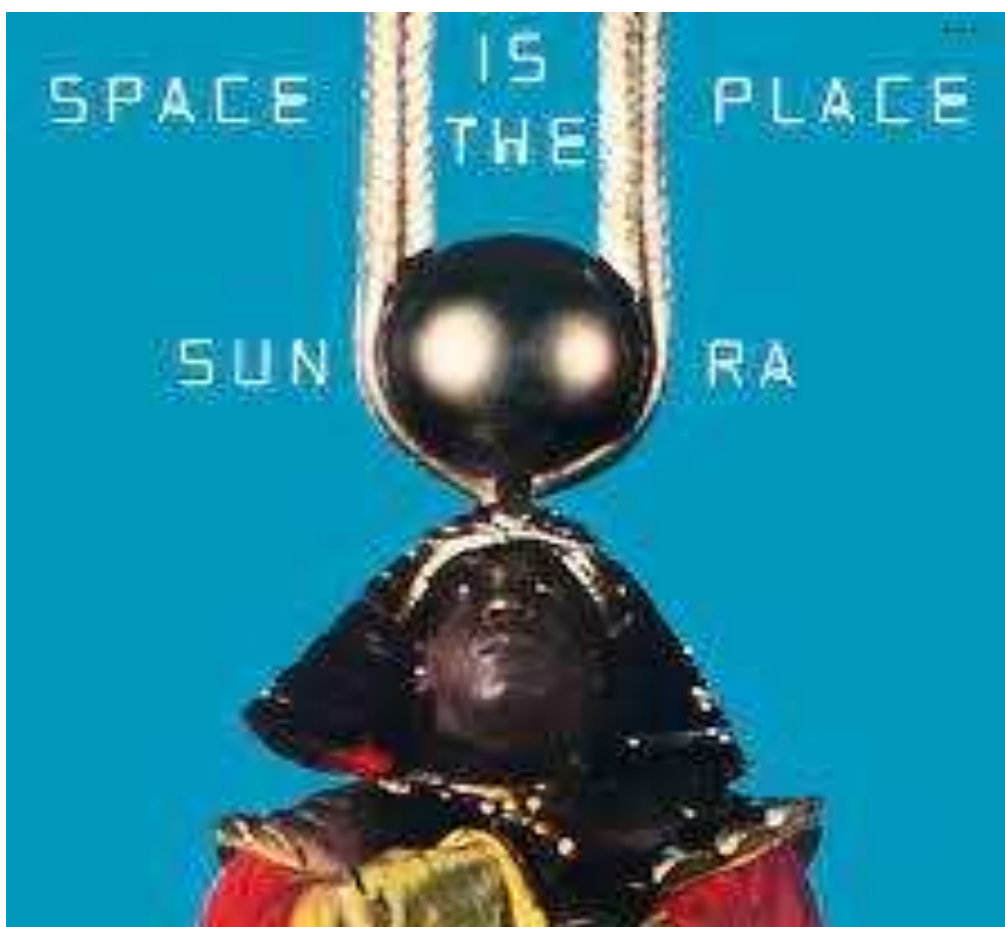
Meu corpo todo se transformou em uma outra coisa. Eu pude ver através de mim mesmo. E eu subi... Não era uma forma humana... Aterrissei em um planeta identificado como Saturno... eles me teletransportaram e eu desci até um palco com eles. Queriam falar comigo. Tinham uma antena em cada orelha. Uma pequena antena sobre cada olho. Conversaram comigo.” (Afrofuturismo-The Huffington Post, 2016)

Imagem 3: Card de divulgação de festival de Jazz 1979 com a participação do Sun Ra.



Fonte: <https://nerdspeaking.com.br/aniversario-de-sun-ra-108/>

Imagem 4: Capa do álbum Space is the place de Sun Ra



Fonte: https://www.discogs.com/pt_BR/release/7743029-Sun-Ra-Space-Is-The-Place

Mesmo antes da definição dada por Dery (1994), obras de ficção com perspectivas Afrofuturistas já eram elaboradas por parte da população negra. Grandes nomes podem ser vistos hoje como precursores do movimento, tais como Octavia Butler, a grande dama da ficção científica, romancista de livros de ficção com temáticas raciais. Butler foi a primeira autora mulher e negra a ganhar, ainda nos anos 1970, notoriedade no gênero que até hoje é predominantemente masculino – e branco.

Kindred, seu quarto livro, foi o primeiro de sua autoria a ganhar versão brasileira (em outubro de 2017), traduzido pela Editora Morro Branco. Kindred: Laços de Sangue” (1979) apresenta Dana, uma mulher negra que viaja involuntariamente no tempo e vivencia na pele o passado escravocrata dos Estados Unidos.

Outra importante obra da autora se chama “Parábola do Semeador” (1993) e conta a história de Lauren Oya Olamina, uma adolescente negra que escreve um diário em 2024, no qual narra um mundo de violência, catástrofes, crises ambientais-econômicas, cultuações religiosas e de colapso das instituições.

O termo afrofuturismo passa a ser utilizado para caracterizar as criações artísticas que exploram futuros possíveis para as populações negras, por meio de uma ficção especulativa. Sendo assim, Dery (1994) utilizou essa nomenclatura para tratar das criações artísticas que, por meio da ficção científica, imaginavam outros futuros para as populações negras atuais, a partir da perspectiva negra. Nas palavras do próprio Dery, “Ficções especulativas que tratem de temas afro-americanos e que abordem preocupações afro-americanas no contexto da tecnocultura do século XX [...]” (Dery, 1994, 180 citado por Freitas & Messias, 2018 p. 405).

Ainda nesse período de quase virada de século, as discussões sobre tecnocultura e ciberespaços, além do questionamento acerca da ausência de pessoas negras nesse contexto ganharam força. Nesse sentido, o autor explica o porquê da criação do termo. “Busquei o termo Afrofuturismo, em parte por frustração - melhor dizendo - por fúria diante da incrível branquidão da tecnocultura dos anos 1990”.

Samuel R. Delany (autor negro de ficção especulativa entrevistado por Dery) também reflete sobre a ligação direta entre a negação da construção de um passado para as populações negras pós-escravidão e a escassa produção de imagens de futuro destas populações (Freitas & Messias, 2018 p. 405).

A razão histórica para termos sido tão empobrecidos em termos de imagens futuras é porque, até muito recentemente, como uma população, nós fomos sistematicamente proibidos de qualquer imagem do nosso passado. Eu não tenho ideia de onde, na África, meus antepassados negros vieram porque, quando eles chegavam ao mercado de escravos de Nova Orleans, os registros desse tipo de coisa eram sistematicamente destruídos. Se eles falassem a sua própria língua, eles apanhavam ou eram mortos. [...] Quando, de fato, nós dizemos que esse país foi fundado na escravidão, nós devemos lembrar que queremos dizer, especificamente, que ele foi fundado na destruição sistemática, consciente e massiva das reminiscências culturais africanas. (Delany, In: Dery, 1994: 190-191, citado por Freitas e Messias, 2018 p. 407).

No início da década de 1980, surgiu a afrocentridade como ideia de autodefinição do povo negro através de critérios baseados na própria cultura africana, em resposta à supremacia eurocêntrica, (SILVA & QUADRADO, 2016, p. 7). A noção do termo Afrofuturismo surgiu somente em 1994.

O Afrofuturismo combina elementos de afrocentricidade (levando em conta a recuperação, reparação e projeção da cultura africana), ficção científica, ficção histórica com cosmologias de inspiração africana, tendo como foco principal denunciar os

preconceitos atuais sofridos pelas pessoas negras, bem como questionar, reimaginar e reinventar os eventos históricos do passado. É uma ideia radical que traça um perfil de nações e de pessoas negras emancipadas cultural e cientificamente, de modo a visibilizar as conquistas de alta complexidade protagonizadas por negros no mundo.

Este movimento dialoga com o passado, o presente e o futuro, defendendo que pessoas negras africanas ou diaspóricas podem construir as mais diferentes coisas sofisticadas e tecnológicas, entendendo-se tecnologia no sentido de ferramentas para a transformação.

Podemos relacionar Achille Mbembe ao Afrofuturismo no trecho de sua obra *A Crítica da Razão Negra*, que diz

Enquanto houver secessão em relação à humanidade, não será possível a economia da restituição, da reparação ou da justiça. Restituição, reparação e justiça são as condições para a elevação coletiva da humanidade. O pensamento acerca do que há de vir é necessariamente um pensamento da vida, da reserva de vida, do que terá de escapar ao sacrifício. Também é necessariamente um pensamento em circulação, um pensamento da travessia, um pensamento-mundo. (Mbembe, 2018, p.309).

É sabido que a história da diáspora africana é feita de apagamentos. Conforme Freitas (2015), isso ocorre desde o início, ou seja, a partir do sequestro dos negros da África para as Américas, o que se configura na ancestralidade perdida, passando pela escravidão - em que os documentos, registros históricos foram queimados - até os dias de hoje, nos quais sofremos o genocídio da população negra e pobre sistematicamente. “Então, incorporar o não-narrado, os buracos que se formaram em anos de borracha, faz parte da empreitada Afrofuturista de criar outras possibilidades históricas” (FREITAS, 2015, S.P.).

Pensar em um futuro possível, em que pessoas negras existam e não somente sobrevivam, é uma das propostas do afrofuturismo. Cabe lembrar o conceito de Sankofa, que, conforme Nascimento (1996), significa “voltar e apanhar de novo aquilo que ficou para trás”. A autora cita Glove (1969), que diz: “Em outras palavras, significa voltar às suas raízes e construir sobre elas o desenvolvimento, o progresso e a prosperidade de sua comunidade, em todos os aspectos da realização humana” (NASCIMENTO, 2008, p.31).

O recorte filosófico da presente pesquisa segue a orientação de abordar o tema do Afrofuturismo a partir de algumas reflexões sobre ancestralidade, tempo e afrocentricidade, seguindo as premissas da filosofia africana. Uma filosofia ressignificada que, segundo Machado (2014), implica em “valorizar o que somos,

implica reconhecer o Outro e, assim, ir ao alcance à alteridade” e ainda, segundo Rosa, (2009) citado pelo mesmo autor

para nos aceitarmos e para que o “outro” seja fonte de conhecimento e de vida, não um alvo de desprezo e de medo, válvula de escape para culpas e desequilíbrios históricos, carecemos nos soltar de modelos etnocêntricos que inundam nossa formação escolar, nossa exposição midiática, nosso dia a dia nas ruas e instituições (ROSA, 2009, p. 177, citado por Machado, 2014 p.5).

1.2 Filosofias Africanas - breves apontamentos

Em Filosofias Africanas, uma introdução, Simas & Lopes (2021) definem filosofia como “a busca do conhecimento, a qual se iniciou quando os seres humanos começaram a tentar compreender o mundo por meio da razão” (SIMAS & LOPES:2021, p. 49). De acordo com o dicionário etimológico, filosofia vem do grego philosophia, que significa “amor pelo conhecimento” ou “gosto pela sabedoria”.⁶

Para Machado (2014), sem cultura, sem oralidade, sem ancestralidade, a filosofia não é possível. Ele cita também Oliveira (2006), segundo o qual a filosofia

encontra-se baseada nos princípios de ancestralidade, diversidade, integração e tradição. A ancestralidade é a grande articuladora, tendo a ética como fundamental nessa articulação, pois é “a fonte de onde emergem os elementos fundamentais da tradição africana” (OLIVEIRA, p. 165 citado por MACHADO:2014, p. 9).

Relativamente à filosofia, o filósofo Merleau-Ponty (1992) ensina que a respeito do tempo, Santo Agostinho dizia

que este é perfeitamente familiar a cada um, mas que nenhum de nós o pode explicar aos outros. O mesmo é preciso que se diga do mundo. [Incessantemente, vê-se o filósofo] obrigado a rever e redefinir as noções mais fundadas, criar novas, com novas palavras para designá-las, empreender uma verdadeira reforma do entendimento, ao término da qual a evidência do mundo, que parecia a mais clara das verdades, surge apoiada em pensamentos aparentemente os mais sofisticados [...] (PONTY, 1992, p.15-16)

Renato Nogueira (2014) aponta que esta área de estudos

opera com a razão a partir de princípios raciais, reforçando o lugar de inferioridade, sobretudo cognitiva, da população negra. Seria oportuno que a filosofia tomasse para si a responsabilidade de operar a razão crítica do epistemicídio, garantindo reflexões comprometidas e salutares na luta antirracista. Apenas operando com uma razão crítica do epistemicídio da colonialidade ocidental, a filosofia poderá ser antirracista. Em busca de uma razão aberta e afroperspectivista, a filosofia pode promover um aprendizado antirracista e edificante. É preciso, também, desafiar o racismo epistêmico, denunciá-lo, se colocar radicalmente contra ele em todos os aspectos (NOGUERA: 2014, p. 98).

⁶ Definição disponível em: <https://www.dicionarioetimologico.com.br/filosofia/>

A grande questão que deve aqui ser ressaltada é o fato de o pensamento tradicional africano ser historicamente impedido de uma caracterização enquanto produção intelectual e filosófica. Nesse sentido, faz-se necessário levantar questões acerca desses temas, permitindo que as construções filosóficas, epistemológicas e intelectuais africanas e diaspóricas saiam dessa marginalização atribuída desde os processos coloniais, numa tentativa de apagar o pensamento tradicional africano e não elevá-lo ao status de filosofia.

Torna-se crucial, sobretudo, quando se pensa em possibilidade de futuro para a população negra. Para isso, aproximo-me de algumas concepções e aspectos relevantes pontuados por intelectuais com expressivo conhecimento no assunto.

Mogobe Bernard Ramose (2011), filósofo sul-africano e um dos principais pensadores a popularizar a filosofia africana, reconhece a negação histórica dos saberes e modos africanos. Ele diz que:

reivindicar que só há uma filosofia “universal” sem cultura, sexo, religião, história ou cor, é afirmar que a particularidade é um ponto de partida válido para a filosofia. Esta reivindicação não é explicitamente reconhecida com frequência pelos protagonistas da “universalidade” da filosofia. Esta é a razão pela qual eles estão dispostos a reconhecer nomes como Filosofia Ocidental, Chinesa, Indiana, Japonesa ou Russa, mas se recusam a reconhecer Filosofia Africana, Australasiana, Latino-americana, Maia e (até) mesmo filosofias feministas. Esta contradição simples é repugnante tanto para a lógica como para o senso comum. A contradição precisa ser solucionada através do reconhecimento da particularidade como um critério válido para toda ou para nenhuma filosofia. (RAMOSE, 2011 p. 12)

Para além dos limites ocidentais, nas fronteiras do pensamento, as filosofias africanas tratam dos saberes ancestrais africanos vindos dos provérbios, da oralidade, das múltiplas culturas e, sobretudo, na efetiva contribuição de filósofos africanos e afrodescendentes contemporâneos. Sobre o pensamento filosófico africano, Oliveira (2007) aponta que:

É preciso repensar a história brasileira a partir do legado africano. Sem isso, perderíamos em profundidade e qualidade o conhecimento sobre nós mesmos. A brasilidade, em muito é tributária da africanidade. As africanidades redesenham e redefinem a identidade nacional e, com isso, o projeto político, econômico e social brasileiro. Ainda que o discurso político e acadêmico tenha excluído, durante séculos, a experiência africana no Brasil, sua influência não deixou de exercer papel fundamental na construção do país. Chegou o tempo de ouvir quem foi calado (OLIVEIRA, 2007, p. 18).

A existência das tradições africanas através das expressões culturais, costumes e tecnologias ajuda a construir a nossa identidade negra na diáspora. Porém, perceber o mundo a partir do entendimento afro diaspórico sofreu, ao longo dos anos, rupturas profundas das quais deixam lacunas em nossas vidas até os dias de hoje. Tudo isso em

função das violências e negações hegemônicas que insistiam e ainda insistem em subalternizar o legado africano. Dito isto, resgatar a nossa ancestralidade se torna urgente, além de ser também um ato político-pedagógico que permite que escapemos das tentativas cruéis de se fazer esquecer o nosso passado, a fim de eliminar o nosso protagonismo enquanto sujeitos de nossa própria história. Com base no nosso resgate ancestral, poderemos criar agendas que combatam efetivamente o racismo.

1.3 Ancestralidade

Para discorrer sobre o assunto, trago para refletir uma música intitulada Jaggant, da banda OQuadro. Um rap moderno e contemporâneo que, ao mesmo tempo, traz elementos do fundamento yoruba.

(...)
Regar a raiz é meu crime
Eu sou o anti-regime
Águas do nilo corrente
Força sublime
Nas catacumbas do egito
Cavando os primeiros escritos
Vim pra injetar nollywood no telecine
Quem disse que meu povo não tem voz
Aumenta o volume
Baobá, já se ouviu lá no cume
Fé no axé radiante
Ontem, agora e adiante
Riqueza no semblante
Positivo e vibrante
Somos lindos e livres
Ao som de curtis mayfield
Somos reis nesse baile
Somos garrincha no dribble
Movidos a goldlink
Bailante, vibrante, chique
Nos dias de babylon aos dias de jah jah city
Tambores são sempre espirituais
Orgânicos ou digitais
Africanas conexões umbilicais
Pra quem semeia a paz
Colheitas são como rituais



Muamba mutamba mutalambô
Luanda kissimbi yaô
Kamuquengue atotô
Luanda salvador
(...)
Sou quebrada sou encruzilhada
Sou o gueto

Complementam este trecho, música inteira e clipe. Essa produção poético-musical e literária narrativa demonstra o que hoje se cria relacionado à tradição e à contemporaneidade. No clipe da música, protagonizam em um mesmo cenário, crianças, adultos, pretos, brancos, tambor, guitarra, dança, assim, cultura de futuro, presente e passado. Na visão desta e de outras obras afrofuturistas, a chave para entender/resolver o futuro está no retorno ao passado.

A ancestralidade é peça fundamental para as prospecções de um futuro negro, visto que para se imaginar ou reinventar o futuro, precisamos necessariamente entender e voltar ao passado.

Padilha (1995, p.10) apud Martins (2002, p.83-84), interpreta que ancestralidade

constitui a essência de uma visão que os teóricos das culturas africanas chamam de visão negra-africana do mundo. Tal força faz com que os vivos, os mortos, o natural e o sobrenatural, os elementos cósmicos e os sociais interajam, formando os elos de uma mesma e indissolúvel cadeia significativa.

Para Martins (2021),

a ancestralidade é clivada por um tempo curvo, recorrente, anelado; um tempo espiralar, que retorna, restabelece e também transforma, e que em tudo incide. Um tempo ontologicamente experimentado como movimentos contíguos e simultâneos de retroação, prospecção e reversibilidades, dilatação, expansão e contenção, contração e descontração, sincronia de instâncias compostas de presente, passado e futuro.” (MARTINS, 2021, p. 204)

De acordo com Nugi wa Thiong’o (1997 p.139), também citado por Martins (2021, p.206),

nós que estamos no presente somos todos, em potencial, mães e pais daqueles que virão depois. Reverenciar os ancestrais significa, realmente, reverenciar a vida, sua continuidade e mudança. Somos filhos daqueles que estiveram antes de nós, mas não somos seus gêmeos idênticos, assim, como não engendramos seres idênticos a nós mesmos. (...) Desse modo, o passado torna-se nossa fonte de inspiração; o presente, uma arena de respiração; e o futuro, nossa aspiração coletiva.

Em Afrografias de Memória: o Reinado do Rosário no Jatobá (2021), Leda Maria Martins afirma que os africanos, forçadamente vindos de África, tiveram seu corpo e *corpus* desterritorializados.

No entanto, a colonização da África para as Américas, a transmigração de povos escravizados para as Américas, o sistema escravocrata e a de visão do continente africano em guetos europeus não conseguiram apagar no corpo/*corpus* africanos e de origem africana os signos culturais, textuais e toda complexa construção simbólica fundadores de sua alteridade, de suas culturas, de sua diversidade étnica e linguística, de suas civilizações históricas [...] Com os nossos ancestrais vieram as suas divindades, seus modos singulares e diversos de visão de mundo, sua alteridade linguística, artística, étnica, técnica, religiosa, cultural, suas diferentes formas de organização social e de simbolização do real. (MARTINS, 2021 p.31)

Eduardo David de Oliveira (2012) conceitua a ancestralidade para muito além de relações consanguíneas ou de parentesco. Ele entende como uma categoria analítica que contribuiu para a produção de sentidos e para a experiência ética.

O termo “Epistemologia da Ancestralidade” cunhado por Oliveira, estabelece ancestralidade como

signo da resistência afrodescendente. Protagoniza a construção histórico-cultural do negro no Brasil e gesta, ademais, um novo projeto sócio-político fundamentado nos princípios da inclusão social, no respeito às diferenças, na convivência sustentável do Homem com o Meio-Ambiente, no respeito à experiência dos mais velhos, na complementação dos gêneros, na diversidade, na resolução dos conflitos, na vida comunitária entre outros. Tributária da experiência tradicional africana, a ancestralidade converte-se em categoria analítica para interpretar as várias esferas da vida do negro brasileiro. Retroalimentada pela tradição, ela é um signo que perpassa as manifestações culturais dos negros no Brasil, esparramando sua dinâmica para qualquer grupo racial que queira assumir os valores africanos. Passa, assim, a configurar-se como uma epistemologia que permite engendrar estruturas sociais capazes de confrontar o modo único de organizar a vida e a produção no mundo contemporâneo”. (OLIVEIRA:2012, p.3)

E acrescenta:

é uma categoria analítica que se alimenta da experiência de africanos e afrodescendentes para compreender essa experiência múltipla sob um conceito que lhe dá unidade compreensiva, sem reduzir a multiplicidade da experiência a uma verdade, mas, pelo contrário, abre para uma polivalência dos sentidos. Se a cultura é simbólica, como aprendemos com Geertz (1978), a semiótica da cultura permite-nos dizer que uma experiência pode ser traduzida em outra, de modo a literalmente criar mundos. (OLIVEIRA, 2012, p. 4)

1.3.1 Corpo e Corporeidade

A esta etapa trago alguns conceitos relacionados a corporeidade, de modo especial a corporeidade negra. Nesse sentido, as concepções históricas do corpo como

documento, de Beatriz Nascimento e corpo-encruzilhada, de Eduardo Oliveira, serão apresentadas mais adiante.

Concordamos com Carvalho (2011), quando diz que não se pode isolar o corpo da natureza e da sociedade e, caso o façam, este corpo se torna um corpo abstrato e descontextualizado. O corpo é um fenômeno sócio-histórico.

As suas capacidades [...] não são apenas biológicas pois possuem diferentes sentidos, valores, atribuições produzidas e compartilhadas. Portanto, podem ser identificadas como criações, conhecimentos socialmente tecidos. (CARVALHO: 2011, p. 43)

Oliveira⁷, no prelúdio do livro *Corporeidade e Cotidianidade na Formação de Professores* da – assim como eu – professora de educação física Rosa Malena de Araújo Carvalho⁸ (2011), brilhantemente, nos intima a “sair da zona de conforto” das obviedades academicistas para mostrar que nossas mentes pensantes são também corpos sensíveis, ou melhor, que somos todos *mentes corpos sensíveis pensantes* [...].

Muitas questões permeiam a corporeidade negra. Nossos corpos carregam riquezas ancestrais e não serão mais admitidas objetificações, haja vista a compreensão do corpo negro enquanto expressão da nossa identidade e negritude. Cabe destacar que o afrofuturismo propõe dentro de uma agenda política e filosófica, a emancipação dos estereótipos de erotização e opressão dos nossos corpos, atribuídos pela branquitude, evidenciando, assim, que nossos corpos não estarão a serviço dos outros.

Em relação a corporeidade negra, Martins (2021), diz que

Em seus inúmeros modos de realização, em suas poéticas e paisagens estéticas, a corporeidade negra, como subsídio teórico, conceitual e performático, como episteme fecunda os eventos, expandidos enlaces do corpo-tela como vitrais que irradiam e refletem experiências, vivências, desejos, nossas percepções e operações de memória. Um corpo pensamento. Um corpo também de afetos. (MARTINS, 2021 p.80)

As imbricações corpo e ancestralidade ficam visíveis quando a autora reflete sobre ser inevitável essa relação ao dizer mais adiante “para o alto e para baixo, para trás e para frente, em todas as direções, o corpo esculpe no ar os anéis da ancestralidade” (p. 82). E ainda afirma que para as culturas orais e gestuais como as

⁷ Inês Barbosa de Oliveira é professora da Faculdade de Educação e do Programa de Pós-Graduação em Educação da UERJ. É coordenadora do grupo de pesquisa Cotidiano Escolar e Currículo (CNPq).

⁸ Mestre em Educação pela UFF, Doutora em Educação pela UERJ, com pós-doutorado pela Universidade de Barcelona (UB), é Professora Associada no Instituto de Educação Física (IEF) da Universidade Federal Fluminense - UFF e Professora no Programa de Pós-Graduação em Educação - Processos formativos e desigualdades sociais da FFP/UERJ

africanas e indígenas (acrescento as afrodiaspóricas), o corpo é local da memória, ao relatar:

o corpo nessas tradições, não é tão somente a extensão ilustrativa do conhecimento dinamicamente instaurado pelas convenções e pelos paradigmas seculares. Esse corpo/*corpos* não apenas repete um hábito, mas também institui, interpreta, revisa ação, eventual acontecimento representado. Daí a importância de ressaltarmos nessas tradições sua natureza metaconstitutiva viva nas quais o fazer não elide o ato de reflexão; o conteúdo imbrica-se na forma, a memória grafa-se no corpo que a registra, transmite e modifica perenemente. (MARTINS, 2021 p. 89)

Em “Performances do tempo Espiral” In: RAVETTI, G.; ARBEX, M. (Orgs.). *Performance, exílio, fronteiras: errâncias territoriais e textuais* 2002 p. 89, a autora descreve o corpo como “portal que, simultaneamente, inscreve e interpreta, significa e é significado, sendo projetado como continente e conteúdo, local, ambiente e veículo da memória” (MARTINS: 2021, p. 89). Para nós, e numa perspectiva afrofuturista, esse corpo negro, que ao longo da história da nossa sociedade, estruturalmente racista, foi negado, rejeitado e excluído ganha centralidade e traz em sua linguagem corpórea inscrições, conexões do mundo visível e invisível, enquanto corpo coletivo ressignificado, rico epistemologicamente e ancestralmente.

Martins (2021) possibilita-nos, pois, compreender que os corpos são políticos, já que encenam retornos, repetições de cantos, culturas, tradições e memórias. Estas atuam na manifestação presente daquilo que ela conceitua ser o tempo espiralar. Nas tradições Banto e Iorubá, mesmo quando se acredita haver morte, o que se evidencia são formas de vida no tempo ritual-ancestral. Nelas, o corpo é “[...] um acervo de um complexo de alusões e repertórios de estímulo e de argumentos, traduzindo certa geografia do corpo: o corpo pólis, o corpo das temporalidades [...], o corpo testemunha e de registros.” (p. 162).

Trata-se de um corpo com legado, com memória, perguntas e respostas que fazem parte da nossa corporeidade, concebida aqui, como relação interpessoal entre um corpo e outro e/ou de um mesmo corpo com o meio em que vive. Este termo, dentre vários aspectos, se insere no contexto do corpo em movimento, retomado pela ideia de que através do movimento pode se situar no mundo. “O ser humano é corporeidade.” (SANTIN: 1987, p.50)

De acordo com Merleau-Ponty (2011), somos corpo encarnado no mundo, demarcado por um tempo espaço delimitado historicamente, denominado como ser-no-

mundo. Para ele, corpo/corporeidade é a via para a existência, sendo nele e por ele que acontecem as experiências do mundo vivido.

Engajo-me com meu corpo entre as coisas, elas coexistem comigo enquanto sujeito encarnado, e essa vida nas coisas não tem nada de comum com a construção dos objetos científicos. [...] É por meu corpo que compreendo o outro, assim como é por meu corpo que percebo “coisas” (MERLEAU-PONTY, 2011, p. 252-253).

Venho de uma família de sambistas e minha avó, Lais, hoje com 96 anos, foi quem levou a todos. Nossa matriarca era dona de casa e grande costureira. Como fonte de renda extra, fazia fantasias para uma ala do G.R.E.S. Unidos da Tijuca. Nasci embalada pelos batuques e ritmos da bateria e, por volta dos seis anos, desfilei pela primeira vez. Lembro-me, como se fosse hoje, a marcação do surdo e das batidas sincronizadas dos tamborins no samba exaltação para o desfile de 1992.

O dia vai chegar
Não vou tentar conter a emoção
Vou me esconder pra ver comemorar
Aquele mais humilde folião
Hei de lembrar então
Do baluarte que já nos deixou
A ele vou erguer meu pavilhão
Amarelo-ouro e azul-pavão

Nas cinzas da quarta-feira que não vai acabar
Gira a porta-bandeira
O morro desce a cantar
Chora a velha baiana
Couro manchado em vermelho
Na raça tijuicana
O amor mais puro e verdadeiro

Tijuca!
Faz esse meu sonho acontecer
Desfila teu canto de amor e luta
Chegou a nossa hora de vencer (...)



Os sons dos instrumentos e o canto dos componentes faziam estremecer meu corpo de uma maneira difícil de explicar através das palavras e, mesmo com pouca

idade, lembro da emoção desse primeiro desfile. Desfilei até meus 18 anos. Não entendia muito bem o porquê daquela sinestesia. Era um misto de riso, choro, tremedeira, coração acelerado. Hoje, entendo aquela atmosfera. Eram as minhas memórias ancestrais.

A cada desfile, a memória do meu corpo era ativada, mesmo sem o meu entendimento. O encantamento e o sentimento de pertencimento eram sentidos à flor da pele. Essa memória também é ativada quando ouço a batida do funk, rap ou o pandeiro do samba de roda. Essa memória está em mim, viva em nós. Sobre essa memória, a memória do corpo ou corpo com memória, Lara Sayão diz que

Ninguém dança sozinha! Dança com dança para dança junto... Dança encantamento, é resistência é um movimento de dentro anunciado no corpo, esse parceiro que nos permite dizer quem somos. Dança é expressão de que há algo vibrando, sendo. O viver é um dançar tão bonito. Embalado por uma música sentida mas não tocada por nós. Por isso, misteriosa. E nos cabe dança-la livremente, abraçando os que entram na roda, acolhendo seus ritmos, inventando passos. E ela, assim, vai ficando ainda mais bonita.
(SAYÃO, 2021, p. 9)

Tendo o corpo como centro, pessoas negras, africanas e em diáspora, construíram em diferentes territórios, culturas ricas e diversas com elementos africanos e significados reconstruídos a partir do que vivenciaram. É nesse sentido que o corpo ganha uma primazia na experiência negra como um lugar de inscrição de dores, prazeres e refrigério.

O documentário *Ôri*⁹ (1989), lançado pela cineasta e socióloga Raquel Gerber, retrata história dos movimentos negros no Brasil entre 1977 e 1988 tendo como fio condutor a vida de Beatriz Nascimento¹⁰. Esta obra retrata o processo de libertação do povo negro brasileiro e suas formas de organização dos territórios - entendidos aqui enquanto espaço e o próprio corpo, sendo a diáspora o fio condutor desse processo.

⁹ Segundo KILEUY & OXAGUIÃ, 2009, p. 110, Orí é o nome da nossa cabeça física para os iorubás; camutuê ou mutuê para os bantus; e tá para a nação fon. É o órgão vital que responde pelos nossos sentidos e pela nossa inteligência. Geralmente o orí é o primeiro a chegar ao mundo, no nosso nascimento. É também a parte mais alta do ser humano, onde se localiza o comando maior do corpo físico, o cérebro. O orí é uma divindade que serve apenas a seu filho, pois é individual e unitário. Ele cuida e participa ininterruptamente da vida da pessoa, porque, possuidor e possuído, é quem faz a ligação entre o homem e o seu orixá. O que o orí determinar, orixá algum poderá descumprir, sendo isso necessário para o bom equilíbrio da vida física e sagrada do ser humano.

¹⁰ Maria Beatriz Nascimento (Aracaju, 12 de julho de 1942 – Rio de Janeiro, 28 de janeiro de 1995) foi uma historiadora, professora, roteirista, poeta e ativista pelos direitos humanos de negros e mulheres brasileira. Veio para o Rio de Janeiro, onde formou-se em História pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, especializou-se na Universidade Federal Fluminense e fez parte do corpo docente do curso de mestrado em Comunicação Social da UFRJ. Tornou-se influente nos estudos das relações raciais no Brasil após sua notoriedade em organizações acadêmicas do movimento negro.

Cabe destacar a importância que Beatriz dá ao corpo negro, sobretudo, à memória coletiva impressa e expressa nesse corpo e através dele. Nas palavras da historiadora

A memória são conteúdos de um continente, de sua vida, de sua história, do seu passado. Como se o corpo fosse o documento. Não é à toa que a dança para o negro é um momento de libertação. O homem negro não pode estar liberto enquanto ele não esquecer o cativo, não esquecer no gesto, que ele não é mais um cativo. A linguagem do transe é a linguagem da memória. Tudo isso não resgata a dor a um corpo histórico. Aquela matéria se distende, mas ao mesmo tempo ela traz com muito mais intensidade a história, a memória, o desejo... o desejo de não ter vivido a experiência do cativo. A escravidão é uma coisa que está presente no corpo, no nosso sangue, nas nossas veias. (ÔRI, 1989 41:17 a 42: 37).

Dessa maneira, o legado ancestral daqueles que vieram antes de nós está inscrito documentalmente em nossos corpos, mesmo que de forma inconsciente. Quando o afrofuturismo se propõe a apresentar novas estéticas e perspectivas para a elaboração de novos futuros, busca resgatar em nós tais elementos documentais.

Além disso, Beatriz Nascimento pleiteia a reflexão de modos afrocentrados nas construções de narrativas, enfatizando a ausência histórica desse protagonismo, da memória e do passado do povo preto nos documentários nacionais e mostra também a importância dos quilombos na formação da nacionalidade. Essa ideia dialoga com as premissas do movimento afrofuturista, que defende além da construção de uma identidade negra, o protagonismo em diferentes esferas tecnológicas e de poder.

Trago também a este trabalho, outra música e clipe intitulados "Um corpo no mundo", da cantora e compositora Luedji Luna¹¹, que ilustram e dialogam com o exposto acima, sobretudo, com o corpo/corporeidade do negro historicamente subalternizado, objetificado e posto à margem em função do racismo. Luedji questiona o fato dos corpos negros não se encaixarem no Brasil por conta de um sistema desigual, opressor, com uma lógica capitalista, meritocrática e individualista, mas que também não se encaixam em África.

Atravessei o mar
Um sol da América do Sul me guia
Trago uma mala de mão
Dentro uma oração

¹¹ Nascida em Salvador, Bahia, começou sua carreira aos 25 anos, cantando em recitais e lugares pequenos em sua cidade natal. Aos 27, foi para São Paulo.

Um adeus

Eu sou um corpo
Um ser
Um corpo só
Tem cor, tem corte
E a história do meu lugar
Eu sou a minha própria embarcação
Sou minha própria sorte

E Je suis ici, ainda que não queiram não
Je suis ici, ainda que eu não queria mais
Je suis ici agora



Cada rua dessa cidade cinza sou eu
Olhares brancos me fitam
Há perigo nas esquinas
E eu falo mais de três línguas

(...)

Um corpo no mundo também é o nome do seu primeiro álbum autoral, lançado em 2017. Nele, a cantora conta suas vivências e questionamentos enquanto mulher negra e artista baiana. Em entrevista ao Itaú Cultural, publicada em julho de 2021, Luedji falou sobre seus atravessamentos.

Escrevo sobre minhas vivências, e essa vivência é atravessada por um monte de coisas, entre elas violências e opressões. Essas opressões acabam vindo naturalmente para o texto, mas não é só isso. Não gosto de reduzir a experiência do corpo negro no mundo ao racismo. Me colocaram num lugar da cantora ativista, que traz alguma representatividade, mas acho que a música é mais de mim do que eu dela. Eu torno e transformo a música que eu canto a partir do que eu sou, e não o contrário. A música já me encontra pronta, cheia de militâncias, baiana e negra. [...] É complicado pensar que estamos num país que rechaça corpos como o meu, pessoas como eu. Complicado se sentir pertencente a um lugar que não te quer. Essa crise identitária, essa sensação de não pertencimento, acabou se tornando um disco, que é um corpo no mundo, onde eu adoto um mundo conhecendo meu lugar, o que eu sou. (LUNA, 2021)

Esses corpos desterritorializados e postos à margem refletem, especificamente, em função do racismo, a visão desumanizante que a sociedade tem sobre pessoas negras, enxergando-as apenas como corpos que são sinônimo de perigo, feiura, pouca inteligência, de pobreza. Na performance artística da cantora durante o clipe, é possível

perceber os olhares recriminadores das pessoas ao redor, tais como os olhares de estranhamento e receio que nós, negros recebemos cotidianamente.

Je suis ic significa ‘Eu estou aqui’. Estamos e estaremos aqui, contudo e felizmente, apesar de todo desprezo, rejeição e opressão, nossos corpos continuarão presentes. Como nos ensina Leda Maria Martins: como *corpus* de saberes e *locus* de memória, e buscando agências contra os brutais processos coloniais, como um eterno ato de resistência/ (re) existência.

Dialogando com os princípios de ancestralidade já apresentados e temporalidade que apresentarei mais adiante, Ramos (2017 S/P) traz o conceito de corpo-encruzilhada como

um corpo-espaco atravessado, entrecruzado pelos elementos e saberes-fazeres que compõem o universo em que ele se encontra. Carrega uma noção de tempo-espaco espiralado, curvilíneo, que aponta uma gnosis em um movimento de eterno retorno, não ao ponto inicial, mas às reminiscências de um passado sagrado, para o fortalecimento do presente e o deslumbramento do futuro. (RAMOS, 2017, S/P)

Essa noção corpo-encruzilhada pode ser percebida em diálogos com as noções de Afrofuturismo já expressas, tais como as ideias de temporalidade e ancestralidade. Nas palavras de Oliveira, (2007): “não há ancestralidade sem alteridade. Toda alteridade é antes uma relação, pois não se conjuga alteridade no singular. O Outro é sempre alguém com o qual me confronto ou estabeleço contato” (OLIVEIRA, 2007 p. 257).

1.4 Afrocentricidade

Molefe Kete Asante¹², pesquisador nascido nos Estados Unidos e reconhecido por seus estudos sobre afrocentrismo, tornou-se um dos maiores intelectuais negros do mundo. Fundador do movimento filosófico da Afrocentricidade e do Instituto Nacional Afrocentricidade, relaciona a perspectiva afrocentrada, filosofia, ancestralidade e tempo em entrevista concedida a Mauricio Pestana por ocasião da 10ª Edição do Copene¹³, ocorrido em Santa Catarina no ano de 2012.

¹² Asante é cientista, filósofo e professor chefe do departamento de estudos Afro-americanos da Universidade de Temple, Estados Unidos. Autor de mais de 60 livros é conhecido por seus estudos sobre afrocentrismo. Entrevista completa disponível em <https://afrocentricidade.wordpress.com/2012/08/01/afrocentricidade-em-questao/>

¹³ Congresso Brasileiro de Pesquisadores/as Negros/as (COPENE) é um fórum da Associação de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN) que congrega o/as associado/as em ações de articulação, divulgação, promoção, valorização e construção de uma agenda nacional voltada aos estudos africanos e afro-brasileiros

Não há nada mais correto para os povos africanos ou pessoas africanas no Brasil, Colômbia, Estados Unidos, Jamaica e África, do que a nossa própria experiência histórica. Se nós estamos engajados no processo de maturidade, então precisamos estudar a nossa própria cultura, a nossa filosofia, precisamos honrar nossos ancestrais, precisamos respeitar as tradições filosóficas que durante milhares de anos produzimos. Não podemos simplesmente jogar isso fora, mas a experiência da escravidão, escravatura do colonialismo, o idealismo nos colocaram longe de nós mesmos, ficamos desorientados e, conseqüentemente, nos tornamos imitações da Europa. A afrocentricidade é um projeto para a sanidade, para resgatarmos esse orgulho milenar que o processo do escravismo desvirtuou. (ASANTE, 2012)

Asante busca, a partir desse movimento, confirmar a centralidade da África na história do mundo. Para quebrar esses e outros paradigmas impingidos à população negra, criou em 1980 o conceito de Afrocentricidade que, segundo o pesquisador, “é um tipo de pensamento, prática e perspectiva que percebe os africanos como sujeitos e agentes de fenômeno atuando sobre a sua própria imagem cultural e de acordo com seus próprios interesses humanos.” (ASANTE, 2009, p. 93) Para ele, “os africanos devem ser vistos como atores no palco planetário, ou seja, como criadores” (ASANTE, 2009, p.103).

Esse conceito, entendido como uma teoria de mudança social, situa o povo e a cultura africana no centro de suas próprias produções materiais e simbólicas em detrimento do paradigma eurocêntrico que, historicamente, tem realizado esforços para dizimar e subalternizar as produções culturais africanas – suas formas de saberes, crenças e valores ancestrais e históricos (REIS et.al. 2020 p. 133)

Assim como o entendimento de Asante, o afrofuturismo busca a centralidade da agência africana e o protagonismo de autores negros e negras, rejeitando a noção de alteridade que favorece a cosmovisão europeia como normativa universal, estabelecendo novas rotas de reformulação das formas como africanos se veem e são vistos por uma ótica ocidental branca. Ademais, sendo um movimento dinâmico e em suas definições, no afrofuturismo, evidencia-se a essencialidade do protagonismo de autores e personagens negros como forma de preencher a ausência desses corpos nos diferentes espaços, indo além das esferas musicais, culturais, estéticas, artísticas, tecnológicas e literárias.

"Assim, a afrocentricidade é uma perspectiva filosófica associada com a descoberta, localização e realização da agência africana, dentro do contexto de história e cultura” (ASANTE, 2014, p. 04). Em outro momento, acrescenta: “Afrocentricidade

como ideia articula uma poderosa visão contra-hegemônica que questiona ideias epistemológicas que estão simplesmente enraizadas nas experiências culturais de uma Europa particularista e patriarcal.” (ASANTE, 2016 p.3)

Considero importante trazer a esta pesquisa conceituações cunhadas por filósofos contemporâneos como Renato Nogueira, que contribuem para o enfrentamento do racismo epistêmico cotidiano e tiram a África de um contexto marginal e periférico da história. NOGUERA (2012) desdobra o conceito de afrocentricidade, de Asante, trazendo a ideia da afroperspectiva - termo que basicamente aborda o “conjunto de pontos de vista, estratégias, sistemas e modos de pensar e viver de matrizes africanas” (NOGUERA, 2012, p.147).

Em entrevista ao podcast Filosofia pop, Nogueira (2016) define a ideia de afroperspectiva sendo

devedora de várias leituras e de várias abordagens. Ela é devedora da perspectiva de Adbias do Nascimento, o Quilombismo, de Molefi Asante, a Afrocentricidade e o Perspectivismo Ameríndio, conforme é trabalhado pelo Eduardo Viveiros de Castro. Resumidamente, afroperspectiva é uma forma de abordar o conhecimento, uma maneira de se construir o conhecimento, uma possibilidade de se pensar a partir de um território epistêmico que não seja ocidental, mas dialogando com esses territórios. (NOGUEIRA, 2016)

Dialogando com o exposto e considerando a importância de perspectivas afrocentradas na valorização de saberes e produções negras, o pensamento de Makota Valdina¹⁴ contribui quando relata:

considero muito importante para os pesquisadores que estão fazendo suas pesquisas aqui e ali, é que quando forem pesquisar um povo, a sua cultura, procurem saber, aprender qual é a visão de mundo que esse povo tem (PINTO, 2013 p.158).

Recentemente, foi criado um projeto de lei (PL 1279/22) com o nome da ativista. Este projeto propõe reparação pela escravidão, reconhece a contribuição dos povos tradicionais de matrizes africanas escravizadas, estabelece políticas públicas e adota ações afirmativas para a sobrevivência e manutenção da cultura, valorizando assim nossa ancestralidade. Caso a lei seja aprovada, o Estado precisará indenizar esses povos “pelas violações de direitos civis, sociais, políticos, culturais e econômicos dela decorrentes (do processo de escravidão) cometidas pelo Estado brasileiro, por pessoas físicas e por instituições da sociedade”.

¹⁴ Valdina de Oliveira Pinto, conhecida como Makota Valdina foi uma das principais ativistas contra o racismo e a intolerância religiosa no Brasil. O nome “Makota” vem da função que exercia como conselheira da mãe de santo, no terreiro de candomblé Tanuri Junsara.

Entendemos que a aprovação desta lei enquanto política de reparação dialoga com o prisma afrofuturista ao fortalecer o reconhecimento desses povos. Além disso, colabora para a manutenção e permanência no futuro da identidade étnica da população negra brasileira, diante do cenário de genocídio, epistemicídio histórico e cotidiano.

1.5 Temporalidade

Estando em constante transformação, o Afrofuturismo propõe uma dinâmica de retornar ao passado para buscar aquilo que é importante para o presente e na construção do futuro. Nesse sentido, o tempo não é concebido pelo prisma linear ocidental, sendo ele cíclico à luz de um conceito já citado neste trabalho, chamado Sankofa. Representado por um pássaro com o pescoço voltado para trás, este ideograma de origem dos povos Akan, traduz, segundo Aza Njeri¹⁵ (2021) “aquele pássaro que viaja para buscar as pedras de ontem, trazer para o presente e plantar o amanhã. Ou seja, nesse movimento de ontem, essas pedras são as experiências dos nossos ancestrais” (NJERI, 2021).

Isso posto, trago a esta etapa da pesquisa, concepções de tempo apresentadas por diferentes autores que dialogam com a centralidade da perspectiva espiralar, sem dissociar a análise do espaço pelo viés geográfico.

O artigo *They have a clocks, we have a time* (Eles têm os relógios, nós temos o tempo), publicado na revista **The Funambulist**, em junho de 2021, por Léopold Lambert, empenha-se em fazer uma ponte entre o espaço-tempo, mesmo que tais termos, pareçam muito diferentes e distantes. Além disso, o autor mostra a amplitude do que designamos como “tempo”. Em determinado momento de sua trajetória, o autor foi questionado por dedicar mais interesse em pensar no espaço do que no tempo. Dois anos depois, tomado por essa indagação, resolveu, então, dedicar um artigo tratando especificamente sobre esta temática. Este artigo nos mostra a não linearidade ocidental de tempo e relaciona-o à compreensão de espaço.

Para falar de temporalidade, sobretudo, de tempo futuro, torna-se necessário antes, aprofundar a relação de tempo e espaço, a partir da compreensão geográfica.

¹⁵ Doutora em Literaturas Africanas, pós-doutora em Filosofia Africana. Professora e Coordenadora de Graduação do Departamento de Letras PUC-Rio. Palestrante, consultora, escritora, roteirista, dramaturga. Pesquisadora Cultura, Política e Contemporaneidade com ênfase nos estudos de África e Afrodiásporas. Possui um canal no Youtube e um Instagram de divulgação científica e educação pluriversal.

CORRÊA (2016), em *O interesse do geógrafo pelo tempo*, apresenta cinco perspectivas de análise de tempo que são pertinentes a esse trabalho. São elas: herança, memória, projeto, inscrição e trajetória.

De acordo com o autor, *herança* é a relação entre passado e presente através dos resíduos no presente do que existia no passado. Diversos momentos do tempo estão aí incorporados por meio de heranças do pássaro. (CORRÊA: 2016 p.3). A dominação e desumanidade do período de sequestro e escravização da população negra evidenciam essa perspectiva e se relacionam com o brutalismo da polícia militar, atualmente, contra jovens negros, mas também podemos perceber a perspectiva da herança no enfrentamento da dominação colonial pela população negra através das organizações e movimentos sociais.

A perspectiva da *memória* é a relação entre presente e passado. É aquilo que no presente, escolhemos lembrar do passado. Está marcada por disputas e relações de poder. A memória, por outro lado, pode ser inventada, e para isto a paisagem desempenha papel chave, exibindo cenas que transmitem mensagens sobre um passado que as elites desejam ser recriado, inventado. (CORRÊA 2016 p. 5). Nesse sentido, enquanto história do povo preto, devemos lembrar não só das tragédias e violências, mas, sobretudo, lembrar das lutas para que nossa história não seja restrita à escravidão, mas sim uma história ancestral rica e milenar que nos permita imaginar novos futuros.

Neste trabalho, além de uma memória relacionada ao passado, abordo uma memória que concebe o futuro. Embora haja uma aparente inversão nos termos, este conceito dialoga com a perspectiva afrofuturista de resgate do passado para o que se espera enquanto futuro. Sobre o assunto, o psicanalista inglês Wilfred Bion, relatou em 1989, a existência de uma memória do futuro, na qual, ao invés de nos levar para trás, essa memória nos impulsiona para frente e para o porvir. A imaginação pertence inevitavelmente à narrativa da memória, incluindo o elemento ficcional. Neste caso, o tempo se mistura não sendo possível lembrar sem sonhar, muito menos recordar sem antever.

Para Correia, 2016, as ações que foram desenhadas no passado, mesmo que não tenham sido realizadas, nos mostram a possibilidade de existência e de criação de outros futuros. Essa é a perspectiva de *projeto* segundo o geógrafo.

O projeto não realizado pode nem mesmo estar na memória coletiva ou constituir-se em vaga lembrança de alguns mais velhos. Estes projetos não realizados podem ser resgatados pela pesquisa em arquivos e na literatura ou podem estar perdidos em alguma gaveta ou armário. No entanto, tais

projetos constituem parte integrante da prática espacial associada a um dado tempo histórico. Por isso deve ser de interesse do geógrafo porque denota possibilidades não realizadas de produção do espaço. (CORRÊA 2016 p. 5).

Seguindo esta linha, a ideia de aquilombamento nos apresenta outras formas de pensar trajetórias e outros projetos de espaço e tempo. Nesse sentido, o Afrofuturismo enquanto movimento que abre caminhos para novos panoramas de futuro, traz em seus conceitos basilares essas outras formas de trajetórias. Tal qual uma trama, falar de tempo, espaço e futuro torna-se importante a esta pesquisa.

Inscrição, segundo CORRÊA (2016) é toda produção humana material ou intelectual que está inscrita no espaço e no tempo. Podemos dizer que são as marcas do passado, mesmo que no plano oculto, que permanecem até hoje e são reconfigurados. Os símbolos Adinkras, arquitetura, inscrições dos povos Akan ganham potência e se transformam em atos no contexto da luta afrofuturista. São potências de desejos e resgate para novas configurações de futuro.

Uma das formas que o racismo age é aniquilando nossos desejos, nossa capacidade de ser e, sobretudo, a de sonhar. O movimento afrofuturista resgata esse desejo de ser, por si, diferente do desejo de ser branco, trazido por Fanon: “O negro quer ser branco o branco incita-se a assumir a condição de ser humano” (FANON, 2008, p. 27)

Por fim, entende-se por trajetória, segundo CORRÊA (2016),

as combinações entre processos e formas que a partir de um foco inicial no espaço e um ponto inicial no tempo, sucedem-se até uma dada área e ponto no tempo no presente ou no passado. (CORRÊA: 2016 p. 8).

Essa perspectiva, segundo o geógrafo, nos apresenta outros rumos e outras formas de periodizar o tempo, isto é, devemos conceber outras concepções de tempo e outras trajetórias temporais. Por exemplo, não vamos mais permitir contar a nossa a partir da escravidão.

Leda Maria Martins¹⁶, no início dos anos 2000, apresenta uma de suas mais destacadas reflexões filosóficas, a partir das culturas e saberes africanos e afro-

¹⁶ Leda Maria Martins é pesquisadora, ensaísta, dramaturga, rainha congadeira e poeta. Atualmente mora em Belo Horizonte onde leciona na Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais UFMG (FALE). Foi também professora convidada da New York University.

diaspóricos; concepção que ecoará ainda mais o seu nome nacional e internacionalmente: a noção de tempo espiralar.

Ela ainda nos ensina que o tempo espiralar é uma percepção cósmica e filosófica que une ancestralidade e morte com igual significância. Longe de uma cronologia linear, o passado habita o presente e o futuro, fazendo com que os eventos estejam sempre em transformação e, ao mesmo tempo, correlacionados. Para a autora, o tempo ancestral não existe nos limites lineares e progressivos, tampouco em círculos fechados que se repetem, pois na perspectiva espiralar, tudo se repete, vai e volta, mas não com uma mesma similaridade que paralisa.

Em *Performances do tempo espiralar, poéticas do corpo tela*, Leda Maria Martins (2021) nos motiva a aprender a ler o tempo, as estéticas e éticas engendradas nas corporeidades ancestrais, especialmente as de matriz africanas. Na obra, são apresentadas formas de combinar tempos (passado, presente e futuro) como resgate e presentificação das nossas relações sagradas com o passado.

Tempo espiralar: “um tempo que não elide as cronologias, mas que a subverte” (p. 42). Logo, a ideia de tempo apresentada por Martins (2021) é outra. Supera a concepção circunscrita ao pensamento filosófico ocidental, em grande parte, associada às cronologias. Para a autora, temporalidades são gestos, estéticos e políticos, do corpo-tela, da voz, da palavra, da memória ritual, do tempo que encena passado, presente e futuro e

[...] revisita e expande reflexões sobre o tempo como espirais que venho elaborando desde meados dos anos 90 do século XX, enoveladas agora em novas dicções, como ritornelos. As composições, como se fossem células-síntese das ideias ressurgentes, podem ser lidas em uma sintaxe consecutiva ou como condensações cumulativas e acumulativas complementares que, como nos responsos, mantêm o tema, mas com ele também improvisam, como o próprio tempo espiralar que as inspira. (p. 17).

Leda Martins (2002) trata dessa particularidade do tempo e suas ideias estão refletidas no artigo intitulado *Ruínas futuristas do Cinema Brasileiro Contemporâneo*, de Ana Caroline de Almeida (2020), no qual a autora explica que

O tempo em “espiral” que cria o movimento cíclico de constante encontro entre esse passado diante e o futuro detrás está também nas bases de uma noção filosófica-conceitual de matriz africana de “tempo espiralar”, a qual Leda Maria Martins acionará para falar de performances ritualísticas do Congado, sistema religioso afro-brasileiro fundado nas “encruzilhadas” entre religiões de matriz africana e europeia. É, portanto, a partir do corpo e dos movimentos que ele escreve dentro do ritual, que se estabelece um registro de temporalidade desviante de uma lógica de sequencialidade linear. (ALMEIDA, 2020 p.109)

Vale entrecruzar as visões do artigo de Almeida (2020) com um trecho das Performances do tempo espiralar, da referida autora, Leda Martins (2002, p.70).

Cena 3

Velas e luminárias brilham aos pés do tronco fincado no chão, clareando o caminho de todos os antepassados ao encontro dos rituais do Congado, que os celebram. Os ancestrais encontraram as paragens de seus filhos e tecem no rosto da divindade cristã as faces variadas de Zambi. Os sujeitos do rito, cujos figurinos e adereços escrevem no corpo uma paisagem simbólica alterna, evocada pela reminiscência, cantam e dançam a memória de África, lugar perdido e achado, transcriado perenemente pela performance ritual. O tempo curva-se ao gesto e aos timbres auráticos e numinosos do canto, do ritmo e das coreografias que a noite incendiam, luarando-a de mistério e melodia.

Paul Ricoeur (1994) traz a ideia de narrativa como uma concepção de tempo espiralar, apoiada na tríplice mimese.

Que a análise seja circular não é contestável, mas que o círculo seja vicioso pode ser refutado. Quanto a isso, gostaria de falar, antes de uma espiral sem fim que faz a meditação passar muitas vezes pelo mesmo ponto, mas numa altitude diferente. (RICOEUR: 1994, p.112)

Para Ricoeur (1994) só se pode reconhecer o processo temporal porque é narrado. Essa reciprocidade entre narratividade e temporalidade é o tema da obra *Tempo e Narrativa*. Ali, ele expressa claramente que a narrativa, embora centrada na mimese II¹⁷ é uma concepção circular, composta pela prefiguração, estruturas inteligíveis (linguagem, repertório simbólico e marcos temporais) que vão dar os elementos para se criar uma narrativa, pois é o mundo pré-figurado pelo qual os seres humanos trabalham. Mas, esse círculo não é vicioso justamente pela prefiguração pois cada pessoa atribui sentido e interpreta o mundo de uma maneira diferente. Sobre uma ideia espiralar, o autor entende um espiral em que cada vez que se passa pelo mesmo ponto, passa-se numa atitude diferente.

A concepção de tempo, na perspectiva ocidental, difere em inúmeros aspectos da africana. Segundo Lott (2015), existem diferenças perceptíveis em relação ao tempo

¹⁷Ricoeur considerará o conceito a seguir como sendo um tipo específico de mimese: é preciso preservar no próprio significado do termo mimese uma referência ao que precede a composição poética. Chamo essa referência de mimese I, para distingui-la de mimese II – a mimese-criação – que permanece a função pivô. Espero mostrar, no próprio texto de Aristóteles, os índices esparsos dessa referência à montante da composição poética. Não é tudo: a mimese que é, ele nos lembra, uma atividade, a atividade mimética, não acha o termo visado por seu dinamismo só no texto poético, mas também no espectador ou leitor. Há, assim, um ponto de chegada da composição poética, que chamo de mimese III, de que buscarei também as marcas no texto da *Poética* (RICOEUR, 1994, v I, p. 77)

entre a civilização ocidental e a oriental. Enquanto a percepção ocidental do tempo trabalha com a ideia de um conceito linear, composto por um passado indefinido, um presente e um futuro infinitos, na porção oriental do continente africano, por exemplo, alguns povos carregam uma percepção temporal que considera o tempo um fenômeno bidimensional. Entendem que o tempo é dividido entre o passado, chamado de *zamani* e o *sasa*, termo que evoca o presente. (LOTT, 2015 p. 46).

Sobre os conceitos de passado, presente e futuro, John Samuel Mbiti¹⁸, (1969) propõe o uso dos vocábulos de ‘*Sasa*’ e ‘*Zamani*’ do swahili, para explicar a concepção de tempo presente e futuro.

Sasa é o tempo cotidiano, tempo vivido pelo indivíduo junto a sua comunidade e o período presente mais significativo da nossa vida. Tanto para os indivíduos como para a comunidade. Pode-se denominar o período *sasa* de micro tempo. “*Sasa* tem o sentido de imediação, proximidade e ‘agora’; e é o período de preocupação imediata para as pessoas, uma vez que é ‘onde’ ou ‘quando’ elas existem.” (MBITI, 1969 p.21)

O tempo *zamani*, a segunda dimensão de tempo, por sua vez, o macro tempo. Tempo mítico onde habitam as pessoas que já se foram, nossos ancestrais, porém, não é um tempo morto não se restringindo ao que chamamos "o passado". “*Zamani* não se limita ao que em inglês é chamado de passado. Ele tem seu próprio ‘passado’, ‘presente’ e ‘futuro’, mas em uma escala mais ampla” (MBITI, 1969 p.22)

Ronilda Ribeiro (1996) acrescenta sobre o tempo *sasa* e o tempo *zamani*:

acontecem simultaneamente e se afetam entre si. Em ampla escala, *sasa* mergulha em *zamani*. Porém, antes de serem os eventos incorporados em *zamani*, precisam ocorrer em *sasa*. Uma vez ocorridos, movem-se para trás, de *sasa* para *zamani*. (RIBEIRO, 1996, p. 24.)

A todo momento, nos relacionamos com o *zamani*, dialogando com essas dimensões de tempo e com experiências que não são nossas, mas que fazem parte da nossa experiência cultural e legada a nós pelos nossos ancestrais. Nesse sentido, vale destacar a importância da tradição e do entendimento de que o tempo é cíclico, como um espiral.

Oliveira (2021), em *Cosmovisão africana no Brasil, elementos para uma filosofia afrodescendente*, acrescenta que

¹⁸ John Samuel Mbiti (1931–2019) foi um filósofo e escritor cristão nascido no Quênia. Ele foi um padre anglicano ordenado e é considerado "o pai da teologia africana moderna". John Mbiti – disponível em: https://pt.qaz.wiki/wiki/John_Mbiti. Acesso em: 10/09/2020

o tempo africano é impregnado de Força Vital. É um tempo sagrado (*zamani*) que envolve o tempo vivido (*sasa*). O passado é privilegiado, pois é o tempo dos antepassados. (...) O tempo africano, tal como o universo africano, está prenhe de ancestralidade. Assim como o visível não se separa do invisível (...) assim também o tempo dos mortos não se encontra semapado do tempo dos vivos. (...) Esse universo e esse tempo não são vazios. Além de habitados pela Força Vital, (atributo sagrado) e pela harmonizadora presença dos antepassados (que vivem numa dimensão transcendente), o universo e o tempo acolhem em suas entranhas a pessoa. (OLIVEIRA, 2021 p.52)

CAPÍTULO 2

INVENTAR NOVOS MUNDOS

“Vamos falar de sonho porque as pessoas negras que vieram antes da gente realizaram e materializaram o que está acontecendo. Utopia é fundamento. Estamos em travessia, não sabemos o que vai acontecer pós-pandemia. Se não disputarmos esse espaço de novo normal, ficaremos fora dessa narrativa de novo”.
Jaqueline Fernandes. Fundadora do Festival Latinidades.

Neste capítulo, a proposta é relacionar movimentos e eventos com a temática afrofuturista, em diferentes territórios, ilustrar uma das formas de apresentação do movimento no Brasil, através da busca do termo afrofuturismo no período março de 2020 (início da pandemia da Covid-19) a julho de 2021 “novo normal”¹⁹ no YouTube e apresentar mulheres em diferentes territórios e gerações que fabulam futuros por diferentes perspectivas.

¹⁹ Termo utilizado para o retorno gradual das atividades presenciais. Sobre o novo normal, o líder indígena Ailton Krenak (2020) faz uma crítica pertinente ao afirmar que caso voltemos a normalidade já conhecida, significa que a morte de milhares de pessoas no mundo em função da pandemia não terá valido de nada. “Seria como se converter ao negacionismo, aceitar que a Terra é plana e que devemos seguir nos devorando. (KRENAK, 2020 p.10)

2.1 Afrofuturismo no Youtube em um contexto pandêmico

Vivemos a era da informação e do surgimento de novas tecnologias diariamente. O ritmo acelerado da propagação das informações altera e influencia diretamente no nosso cotidiano e nas formas de comunicação. Os impactos trazidos pela internet possibilitam o acesso rápido a conteúdos sonoros, imagéticos ou de serviços. Nesse sentido, sendo o YouTube uma plataforma conhecida mundialmente e tida como um ciberespaço²⁰ pertencente à rede mundial de computadores, utilizamos este campo para investigar quem são as pessoas que contribuem para a visibilidade do movimento afrofuturista nas redes.

A plataforma de compartilhamento de vídeos YouTube foi utilizada na pesquisa, com vistas a investigar a possível predominância do gênero feminino nesta temática, o que sugere a hipótese deste trabalho. Até o presente momento, este levantamento aponta para uma grande participação feminina no que diz respeito aos questionamentos e imaginações acerca de afrofuturos.

Cabe ressaltar que, primeiramente, a pesquisa pelo termo afrofuturismo; considerando as categorias homem/mulher a partir dos nomes sociais apresentados nos vídeos, se deu a partir da busca livre do termo diretamente no YouTube, o que futuramente poderia ser questionado posto que, a obtenção dos resultados poderia estar sujeita a influencia direta dos algoritmos. Embora relevante, não será possível neste momento da pesquisa, propor um debate acerca dos processos de racismo algorítmico e exclusão digital, sabidamente sofridos pela população preta e periférica, e devidamente registrados em pesquisas acadêmicas e livros publicados, sobretudo, no contexto da pandemia da Covid -19. Vale realçar que esse debate é muito pertinente e já vem sendo realizado por intelectuais como Ruha Benjamim²¹ (2019), Sil Bahia²² e Tarcízio Silva²³(2021).

²⁰ Pierre Levy (1999), filósofo, sociólogo e pesquisador em ciência da informação e da comunicação define ciberespaço como novo meio de comunicação que surge da interconexão mundial dos computadores. O termo especifica não apenas a infraestrutura material de comunicação digital, mas também o universo oceânico de informações que ela abriga, assim como os seres humanos que navegam e alimentam esse universo. (LEVY, 1999 p. 17)

²¹ Professora de estudos afro-americanos na Universidade de Princeton, diretora fundadora do Ida B. Wells JUST Data Lab e autora de três livros, *Viral Justice* (2022), *Race After Technology* (2019) e *People's Science* (2013). Editora da *Captivating Technology* (2019).

²² Silvana Bahia é codiretora executiva do Olabi, coordenadora da PretaLab - iniciativa de estímulo às mulheres negras nas tecnologias e inovação. Mestre em Cultura e Territorialidades pela UFF,

Nesse sentido, compreendendo essa influência no direcionamento dos conteúdos a partir da busca livre do termo, visto que as minhas pesquisas abordam prioritariamente conteúdos do gênero feminino, decidi utilizar o site Digital Methods Initiative²⁴ de análise de mídias e dados que permite que sejam obtidos dados sem a atuação dos algoritmos pois a busca é feita diretamente no banco de dados da plataforma neste caso, o YouTube, utilizando parâmetros pré definidos tais como título, idioma, região e período. No momento em que o vídeo é compartilhado, já é possível obter tais parâmetros e utilizá-los no site de análise de dados. Em seguida, foi feito o download desses dados importados para uma planilha de excel onde foi feita a organização e separação dos vídeos por categoria homem/mulher.

Imagem 5: Fragmento da tabela de resultados com busca livre do termo

DATA	TÍTULO	CONVIDADES/ PALETRANTE	EVENTO/ CANAL
16/07/2020	Afrofuturismo e moda sustentável	Jonathan Severo, Carol Anchieta e Jaque	Canal ndesign 30
20/08/2020	O que é o afrofuturismo? Mini Saia Saia Justa	Aline Midlej, Gaby Amarantos, Astrid Fontenelle, Monica Martelli e Pitty	Canal GNT
17/09/2020	Afrofuturismo - O futuro é negro (E isso é bom!)	Fábio Fersilva	Canal Videogramática: Prof. Fábio Fersilva
01/09/2020	O que é Afrofuturismo?	Produtores do canal	Canal Conversa Fora
19/11/2020	AFROFUTURISMO E QUESTÕES RACIAIS: Como pensar o amanhã a partir do hoje?	Nathalia Souza, Guilherme Praça, Rafael Ferrira, Fabrício Oliveira e mediação de Lilian Wilson Tropiano	Canal Descomplica
29/02/2020	TE04EP12 - AFROFUTURISMO	Zaika dos Santos	Canal Cinematógrafo
09/10/2020	AFROFUTURISMO	Produtor do canal	Canal A Rotina
10/2020	Mesa 8: Afrofuturismo, Afropessimismo e Colonialidade	Irene Gala Ananda Vilela Beatriz Reiter José Messias CARI PUC-SP	CARI PUC-SP
19/06/2020	O Futuro é Preto	Convidados e	Canal O futuro é preto

pesquisadora associada do grupo de Arte e Inteligência Artificial da USP e do grupo de pesquisa em Políticas e Economia da Informação e Comunicação da UFRJ. Considerada uma das 100 pessoas inovadores mais importantes do mundo pelo The Future Laboratory.

²³ Tarcízio é pesquisador e elaborou o conceito de “racismo algorítmico” para descrever como interfaces e sistemas automatizados como plataformas de mídias sociais, podem reforçar e ocultar dinâmicas racistas das sociedades. O pesquisador enfatiza ainda, que o problema não é o algoritmo de forma isolada, mas sim, como sociedades racistas constroem tecnologias com potenciais ou aplicações discriminatórias.

²⁴ <https://wiki.digitalmethods.net/Dmi/DmiAbout>
https://tools.digitalmethods.net/netvizz/youtube/mod_videos_net.php

Imagem 6: Fragmento da planilha de excel a partir dos dados obtidos no site de análise de dados Digital Methods Initiative.

Título	Convidades/Palestrantes/Canais	Genero
Roda de Conversa sobre Afrofuturismo	Andressa Silva	Mulher
Descolonize — AFROFUTURISMO com Aniké Pellegrini	Anna Carolina Silva Carvalho	Mulher
Circolon - Afrofuturismo	Danyllo Feliciano	Homem
1ª ARTSAT 9 - AFROFUTURISMO NO I WORKSHOP DE ARTSAT DO INPE	Antenna Rush	Mulher
3 perfis para entender Afrofuturismo Afrodrops #4	Arte Suburbana	Mulher
O que é Afrofuturismo? Afrodrops #01	Arte Suburbana	Mulher
RESUMÃO #26 Descubra qual o seu perfil de Quarentener Afrofuturismo e o Guru de Trump na Justiça	Astrid Fontenelle	Mulher
[SEMANA UXMP] 26/11 - Afrofuturismo com Zaika dos Santos Allana Cardoso e Evelyn Souza	LUX para Minas Pretas	Mulher
Autonomia e Memória: Afrofuturismo com Zaika dos Santos	Blogueiras Negras	Mulher
SABATINA CÔSMICA #2 com Zaika dos Santos: Afrofuturismo & Cosmologia	Astro Lâbia	Mulher
Design + Fiction: Online Aula 8 - Afrofuturismo	Allan Mendes	Homem
AFROFUTURISMO COM KENIA FREITAS	Alfredo Luiz Suppia	Homem
Afrofuturismo - O futuro é negro (E isso é bom!)	Videogramática: Prof. Fábio Fersilva	Homem
Conferencia Acadêmica- El afrofuturismo	Andrea Pinenia	Mulher
#resenha Sankofa: breves histórias sobre afrofuturismo Lu Ain-Zaila	Biblioteca UFPR Litoral	Mulher
Ale Santos e o Afrofuturismo: Quero reconstruir o imaginário social brasileiro	Brasil de Fato	Homem
Afrofuturismo RPG e Literatura - 1º Congresso de RPG da Bahia - Matilha Cultural	Câmara Obscura RPG	homem
Afrofuturismo - William Mumu Silva (Brasil)	CEADA	Homem
#Episódio 14 - Afrofuturismo: trilhas investigativas para além mar com Jamile Borges	Comunidades Virtuais	Mulher
Afrofuturismo: arte ciência tecnologia e inovação africana e afrodescendente - Zaika dos Santos	Falsa Festival	Mulher
O que é Afrofuturismo? (Com Lu Ain-Zaila e Sandra Menezes)	Fantasticursos	Mulher
Caboca Mariana Heriverto Nunes (Herib) AFROFUTURISMO	Herib	Homem
SIMPÓSIO POPFILIA 2021- O Afrofuturismo como potência pop afrodiaspórica - ALEXANDRE SOUZA DA SILVA	Alexandre souza	Homem
AFROFUTURISMO	David Bizarro	Homem

Imagem 7: Print da tela do site de análise de dados

Ferramentas de dados do YouTube

Blog pesquisa de software DMI sobre

Página inicial Informações do canal Pesquisa do canal Lista de vídeos da rede de canais Vídeos Informações do vídeo da rede Perguntas frequentes

Módulo de rede de vídeo

Este módulo cria uma rede de relações entre vídeos, a partir de uma busca ou lista de ids de vídeo. Também gerará uma rede de canais baseada nas mesmas relações. (Se um vídeo de um canal aponta para o vídeo de outro canal, uma borda é criada e quanto mais vezes isso acontece, mais peso a conexão ganha.)

Ele recupera "vídeos relacionados" do endpoint da API [search/interrelatedtovideos](#) e cria um arquivo gráfico no formato GDF.

A profundidade do rastreamento especifica a que distância das sementes o script deve ir. A profundidade de rastreamento 0 obterá apenas as relações entre as sementes. Usar muitas sementes e a profundidade máxima de rastreamento (2) pode levar muito tempo ou o script provavelmente ficará sem memória. Comece pequeno.

Parâmetros

1) escolha um ponto de partida:

Consulta de pesquisa: Afrofuturismo (isso é passado para o endpoint de pesquisa)

linguagem de relevância: pt (opcional: pt)

código de região opcional: BR (padrão = EUA)

Iterações: 10 (máximo 10, uma iteração obtém 50 itens)

Classificar por: data - os recursos são classificados em ordem cronológica inversa com base na data em que foram criados

Publicados: limitar a pesquisa a vídeos publicados em um período de tempo específico (formato: aaaa-mm-ddThh:mm:ssZ - fuso horário: UTC);
depois: 2020-03-01T00:00:00Z
antes da: 2022-07-30T00:00:00Z

Imagem 8: Resultados obtidos



Foram analisados 196 vídeos. Desses, 61% das pessoas que veicularam conteúdos com a temática afroturista consideram se mulheres e 39% homens. Mesmo sendo uma amostra pequena, necessitando de pesquisas mais aprofundadas e com maiores amostras, estes resultados corroboram para a hipótese deste trabalho que afirma a grande participação de mulheres no que diz respeito as proposições sobre o movimento afrofuturista e possibilidades outras de futuros para a população negra.

2.2 Tecnologias e possibilidades

Vivemos a era da informação e do surgimento de novas tecnologias diariamente. O ritmo acelerado da propagação das informações altera e influencia diretamente no nosso cotidiano e nas formas de comunicação. Os impactos trazidos pela internet possibilitam o acesso rápido a conteúdos sonoros, imagéticos ou de serviços. Nesse sentido, sendo o YouTube uma plataforma conhecida mundialmente e tida como um ciberespaço²⁵ pertencente à rede mundial de computadores, utilizamos este campo para

²⁵ Pierre Levy (1999), filósofo, sociólogo e pesquisador em ciência da informação e da comunicação define ciberespaço como novo meio de comunicação que surge da interconexão mundial dos computadores. O termo especifica não apenas a infraestrutura material de comunicação digital, mas também o universo oceânico de informações que ela abriga, assim como os seres humanos que navegam e alimentam esse universo. (LEVY, 1999 p. 17)

investigar quem são as pessoas que contribuem para a visibilidade do movimento afrofuturista nas redes.

Por mais que tentem apartar a tecnologia da vivência do povo preto, como consequência do racismo que estrutura as relações sociais, podemos defender a íntima relação das africanidades e a tecnocultura.

Agora, se a essência das redes sociais é a conectividade, está para nascer uma que cumpra seu papel com mais diligência do que um tambor. Sentar-se em círculos, ouvir histórias (principalmente) dos que recebemos antes e extrair os melhores momentos dos participantes, destacando como a escuta é importante, me parece estar anos-luz à frente do mais promissor sonho de funcionalidades facebookianas de Marco Zuckerberg. (Emicida In SILVA, 2020 p. 7)

Tomando por base essa afirmação feita pelo rapper Emicida no prefácio do livro “Comunidades, Algoritmos e Ativismos Digitais: olhares afrodiaspóricos”, de Tarcízio Silva, é possível dialogar com o que Alondra Nelson (2020) apresenta sobre os ciberespaços. Nelson cita o ensaio de Anna Everet, intitulado “A revolução será digitalizada”, para evidenciar o apressado e protagonismo tecnológico por parte da diáspora africana.

Em seu ensaio “A revolução será digitalizada”, Everett afirma que a consciência em rede da diáspora africana da necessidade prefigurava a consciência da rede, muitas vezes saudada como um dos benefícios da Internet. Ela afirma que essa consciência comunitária persiste “no ciberespaço e na era digital”. Segundo Everett, mesmo com a retórica da divisão digital prevalecendo, 1995 foi um “momento divisor de águas” para a conectividade negra, evidência de uma “tecnologia negra” que desmentia as narrativas predominantes sobre raça e tecnologia na esfera pública. Everett acredita que as comunidades diaspóricas africanas no ciberespaço oferecem a oportunidade de fomentar a esfera pública negra e fortalecer os elos da diáspora africana usando a tecnologia da informação como uma ferramenta de ativismo e coesão social. (NELSON, 2020 p. 86)

Embora relevante, não será possível neste momento da pesquisa, propor um debate acerca dos processos de racismo algorítmico e exclusão digital, sabidamente sofridos pela população preta e periférica, e devidamente registrados em pesquisas acadêmicas e livros publicados, sobretudo, no contexto da pandemia da Covid -19. Vale realçar que esse debate é muito pertinente e já vem sendo realizado por intelectuais como Ruha Benjamin²⁶ (2019), Sil Bahia²⁷ e Tarcízio Silva²⁸ (2021).

²⁶ Professora de estudos afro-americanos na Universidade de Princeton, diretora fundadora do Ida B. Wells JUST Data Lab e autora de três livros, *Viral Justice* (2022), *Race After Technology* (2019) e *People's Science* (2013). Editora da *Captivating Technology* (2019).

²⁷ Silvana Bahia é codiretora executiva do Olabi, coordenadora da PretaLab - iniciativa de estímulo às mulheres negras nas tecnologias e inovação. Mestre em Cultura e Territorialidades pela UFF, pesquisadora associada do grupo de Arte e Inteligência Artificial da USP e do grupo de pesquisa em

Destaco que uma importante característica deste movimento diz respeito à ficção científica, por ser utilizado como requisito na grande maioria das obras. A ficção científica é definida por se tratar de um gênero da ficção especulativa que compreende conceitos ficcionais e imaginativos relacionados ao futuro, à ciência e à tecnologia, e seus efeitos para determinado grupo social.

Além disso, trago a esta etapa descrições feitas por mulheres negras de diferentes territórios e gerações que pensam o afrofuturismo e fabulam sobre este movimento de maneira multifacetada, através de pesquisas, performances, literaturas e diferentes vieses artísticos e culturais.

Sonhar outras possibilidades de futuro, através da imaginação e motivação política contra hegemônicas, pautadas na existência digna e não subalternizada da população negra, negando o padrão eurocêntrico que nos foi violentamente imposto, é possível e, sobretudo, um ato político, visto que pessoas pretas ainda são minoria mesmo com os avanços das políticas de cotas universidades, são as maiores vítimas de violência estatal e policial, ainda apresentam participação reduzida e secundária na ficção científica e normalmente são as que morrem primeiro nos filmes hollywoodianos. A fabulação de futuro, então, é uma utopia²⁹?

Para sonhar essas outras existências de pessoas negras no futuro, conceitos como fabulação crítica, afrofabulação, utopia e distopia - que serão abordados mais adiante neste trabalho - se tornam importantes ferramentas para olhar o passado e traçar novas rotas de recriação de mundos.

Sobre a importância do sonhar para a população negra, Mano Brown³⁰ diz



Quando você passa numa quebrada cê vê lá o cara: “pô, como é que vocês veem esses caras tudo dando risada, feliz com pouca coisa...” Não é pouca coisa, ele tá cheio de plano, mano... Importante cê tá cheio de plano. Quando os

Políticas e inovação em tecnologia e Comunicação da UFRJ. Considerada uma das 100 pessoas inovadoras pelo The Future Laboratory.

²⁸ Tarcízio é pesquisador e elaborou o conceito de “racismo algorítimo” para descrever como interfaces e sistemas automatizados como plataformas de mídias sociais, podem reforçar e ocultar dinâmicas racistas das sociedades. O pesquisador enfatiza ainda, que o problema não é o algoritmo de forma isolada, mas sim, como sociedades racistas constroem tecnologias com potenciais ou aplicações discriminatórias.

²⁹ Termo criado em 1516 pelo inglês Thomas More para intitular um romance filosófico e significa um lugar que não existe na realidade. Guizzo (2022, S/P) aponta que enquanto a distopia seria a narrativa de um mundo caótico, a utopia seria a narrativa de um mundo perfeito.

³⁰ Pedro Paulo Soares Pereira, mais conhecido como Mano Brown, é um rapper e compositor brasileiro. Ele é um dos integrantes dos Racionais MC's, grupo de rap formado na capital paulista em 1988. Tornou-se ídolo de uma geração falando sobre a realidade da periferia.

cara tira o plano da gente, negão, tira a vontade de viver. Ali
cê matou o preto... (Mano Brown, 2022)

Nessa busca pelos saberes ancestrais enquanto avançamos para o futuro, pretende-se apresentar mulheres africanas em diáspora, localizadas no Brasil e no mundo, que fabulam e prospectam o futuro da população negra, enaltecendo suas produções intelectuais e tirando a figura feminina desse lugar de subalternização histórica ao qual fomos submetidas.

2.3 Sentidos

O que você quer ser quando crescer? Quem nunca ouviu essa pergunta quando criança? Quem nunca se perguntou isso em algum momento da vida? Normalmente, essa pergunta está relacionada às questões profissionais, que são importantes, mas não devem ser as únicas em relação aos nossos projetos de vida para o futuro. O fato de vivermos em sua sociedade estruturada pelo racismo influencia diretamente para as possíveis respostas. Para nós, negros, a existência do racismo, a interiorização desse sentimento de inferioridade imposto pelos sistemas de dominação, que insistem em diminuir nossos corpos, tiram nossas habilidades de querer coisas e de sonhar. Para Maria Lúcia da Silva³¹, 2017, o racismo se faz presente em diferentes fases da vida do negro e

ronda sua existência na condição de um fantasma desde o seu nascimento, ninguém o vê, mas ele existe; embora presente na memória social e atualizando através do preconceito e da discriminação racial, ele é sistematicamente negado, se constituindo num problema social com efeitos drásticos sobre o indivíduo. (SILVA, 2017, IN SOUZA:2021, p. 16)

Sabemos que o Brasil foi o último país a promover a suposta abolição jurídica da escravidão e que, historicamente, em função do colonialismo e de uma hierarquia racial socialmente constituída, as visões racistas que consideravam a superioridade branca prevaleceram enquanto práticas discriminatórias constituintes da sociedade moderna. Sendo a discriminação racial uma violência que afeta efetivamente o povo negro (além dos povos originários), consideramos importante refletir sobre as formas de

³¹ Maria Lúcia da Silva é psicóloga e psicanalista, cofundadora do instituto Amma Psique e Negritude, integrante da Articulação Nacional de Psicólogas(os) Negras(os) e Pesquisadoras(es). É especializada em trabalhos de grupos de grupo com recorte de gênero, classe e raça.

intervenções psicológicas aplicáveis a estes grupos. Como já dito, temos em nossos corpos majestosas inscrições de memórias ancestrais, mas também marcas violentas do sofrimento psíquico proveniente do racismo que precisam ser tratadas enquanto problema social, visando mudanças de paradigmas impostos à existência negra.

“Representatividade importa” tornou-se uma das frases mais faladas das lutas dos grupos minoritários como também por quem se diz defensor da luta antirracista, feminista, LGBTQIAP+ etc. Quando vemos aparecendo em propagandas, telas e capas pessoas que são desses grupos, acontece a representação. Representar politicamente os interesses de um povo, classe ou grupo é representatividade. De acordo com o dicionário *on-line* de português, “Qualidade de alguém, de um partido, de um grupo ou de um sindicato, cujo embasamento na população faz que ele possa exprimir-se verdadeiramente em seu nome.”

Sobre a importância da representatividade negra na ficção científica, CALENTI (2015) cita o ensaio *The Necessity of Tomorrows*, de Samuel R. Delany, que diz

Nós precisamos de imagens do amanhã; e nosso povo precisa mais do que maioria. (...) Só tendo imagens claras e vitais das muitas alternativas, boas e ruins, de onde se pode ir, teremos qualquer controle sobre a maneira com que chegaremos lá. (DELANY, 1984, p. 35, citado por CALENTI, 2015 p. 6.

CALENTI acrescenta:

não se trata apenas da necessidade de se ver representado num gênero no qual as vidas de grande parte da população foram sempre relegadas a segundo plano, mas de algo ainda mais importante; trata-se de reivindicar futuros melhores para todo mundo e de construir esses futuros conjuntamente. Não é (apenas) uma questão de representação, mas uma questão de experimentação. E, claro, uma questão política por excelência. (CALENTI, 2015 p. 6 para AFROFUTURISMO Cinema e Música em uma Diáspora Intergaláctica)

Sílvia Almeida (2018) reitera, dizendo que “representatividade se refere à participação de minorias em espaços de poder e prestígio social, inclusive, no interior dos centros de difusão ideológica como os meios de comunicação e a academia.” (ALMEIDA, 2018: p.84). A representação é importante e a representatividade vai além de ser/estar representado em capas, mídias, jornais. Ela acontece quando minorias estão em espaços de decisão com poder de mudança de estruturas existentes para um determinado grupo.

Bárbara Carine Pinheiro³² tem enquanto propósito ressignificar e construir uma nova subjetividade para crianças negras. A intelectual faz tal afirmação em entrevista ao

³² Mãe, nordestina, quilombola e militante negra. Possui graduação em Química e em Filosofia pela Universidade Federal da Bahia. Atualmente é professora Adjunto III na Universidade Federal da Bahia.

Alma Preta Jornalismo, no ano de 2020, em matéria intitulada *Bárbara Carine: a professora que descoloniza a história afro-brasileira*.

Com vastos estudos acerca das questões raciais, Carine também contribui sobre a influência da representatividade no imaginário e na construção de futuros. Segundo ela,

representatividade importa sim porque onde a gente não se vê, a gente não se pensa (...) a gente não cria dentro de uma perspectiva teleológica uma visão de futuro a partir de uma realidade que ela é inexistente, (...) a gente busca ser aquilo que a gente se vê e se reconhece naquilo. (PINHEIRO, 2017)

Um conceito social importante, relacionado às questões de representação/representatividade, é o que chamamos em português de tokenismo. Este conceito surge em meados da década de 1950, na luta negra pelos direitos civis. Joice Berth³³ explica que

tokenismo é uma prática recorrente nos meios onde as opressões estruturais, de raça e gênero, são alvo de um trabalho crítico de conscientização e reivindicação para que grupos minoritários consigam acessar direitos que lhes são negados, concentrando nas mãos de poucos o que chamamos de privilégio social. O conceito aplicado consiste em mascarar o racismo (ou machismo) promovendo uma inclusão que não segue a proporcionalidade, ou seja, beneficia apenas um pequeno grupo, com a afirmativa de que está promovendo a inclusão e trabalhando a diversidade, mas, na prática, esse pequeno grupo não representa o todo excluído, segregado e discriminado, mantendo assim as desigualdades nos mesmos índices em que se apresentam. Em outras palavras, tokenismo é uma forma de perpetuação das desigualdades raciais e de gênero, pela falsa representatividade nos espaços de decisão e poder. A representatividade, quando não atende a lógica da proporcionalidade é falsa e não atende o principal propósito a que se dispõe: diminuir a marginalização de sujeitos pertencentes a grupos minoritários. (BERTH, 2018 In: <https://medium.com/@joiberth/tokenismo-e-a-consci%C3%A2ncia-humana-uma-pr%C3%A1tica-covarde-caaca9fd3712>)

Nesse sentido, esta prática transforma os indivíduos em ícones representativos, de modo que sua individualidade seja apagada e o status quo se mantenha.

Em relação à representação na ficção científica/especulativa e literatura, o afrofuturismo cumpre esse papel ao estabelecer e fomentar a representatividade negra neste gênero. Sendo um movimento que propõe protagonismo, autoria de pessoas negras na imaginação de futuros e submersão de papéis já postos nesses gêneros, também se propõe a lembrar a diáspora, resgatar a nossa ancestralidade e questionar/

Tem mestrado e doutorado em Ensino de Química. Hoje é membro do corpo permanente de docentes do Programa de pós-graduação em Ensino, Filosofia e História das Ciências da UFBA/UEFS.

³³ Joice Berth é arquiteta urbanista formada pela Universidade Nove de Julho e pesquisadora na área de Direito à Cidade, com foco nas dinâmicas de raça e gênero presentes nos espaços urbanos, em regularização fundiária, remoções e urbanização de favelas.

denunciar o racismo. Cabe destacar que o afrofuturismo não se encaixa enquanto movimento guarda-chuva capaz de dar conta, enquanto ferramenta única, de subverter todo epistemicídio e falta de pluralidade nas frentes artísticas, literárias e culturais negras, mas sim uma via de construções de agendas e agências pautadas nos nossos saberes e a partir da nossa perspectiva.

Como já dito, o termo afrofuturismo foi criado na década de 1990, por um crítico literário branco chamado Mark Dery, que, à época, buscava entender a ausência de pessoas negras nas construções literárias ligadas à ficção científica. Ao longo do tempo, o termo tem sido ampliado e cada vez mais aprofundado, abrangendo não somente a ficção científica, mas todo um contexto artístico e cultural africano e afrodiaspórico. Ademais, o afrofuturismo torna-se um movimento estético, político e filosófico capaz de contribuir significativamente na luta antirracista.

Vale destacar que essa preocupação não surgiu com Dery, ele apenas nomeou o movimento. Sun Ra já relatava experiências ditas alucinatórias, com uma mistura de filosofia cósmica e signos kemêticos, mas que retratam experiências de futuros possíveis dentro de um contexto atual. Além disso, o movimento afrofuturista prevê um protagonismo negro que engloba autores, produtores e personagens. Ou seja, pessoas não negras não fazem afrofuturismo mesmo que se cerquem de elementos africanos e afrodiaspóricos.

Engana-se quem acha que o afrofuturismo é uma vertente do movimento artístico e literário futurista surgido em 1909. O futurismo foi um dos primeiros movimentos da arte moderna da época e buscava a ruptura radical com o passado enaltecendo a revolução tecnológica, o dinamismo e o progresso. Com certa simpatia ao fascismo, esse movimento surgiu com a publicação do Manifesto Futurista no *Le Fígaro*, o jornal Diário dos Açores, escrito pelo poeta Filippo Tommaso Marinetti³⁴. Segundo o Dicionário de História da I República e do Republicanismo, sob coordenação de Mari Fernanda Rollo, 2014, p. 129.

O futurismo foi um movimento artístico e literário, que rejeitava o moralismo e o passado e suas obras baseavam-se fortemente na velocidade e nos desenvolvimentos tecnológicos do final do século XIX. (...) Acabaria por se tornar um ativo militante fascista e, em *Futurismo e fascismo* (1924) chegou a afirmar que a ideologia fascista representava uma extensão natural das ideias futuristas. (ROLLO, 2014 p. 129)

³⁴ Filippo Tommaso Marinetti nascido no Egito, foi um escritor, poeta, editor, ideólogo, jornalista e ativista político na Itália.

Imagem 9: Publicação do Manifesto Futurista, do poeta italiano Filippo Marinetti, no jornal francês Le Figaro. 5 de fevereiro de 1909



Fonte: <https://arteref.com/movimentos/como-os-futuristas-usaram-a-arte-para-alimentar-o-fascismo/>

Dentre as mais grotescas reivindicações publicadas no manifesto, cabe destacar estas que, nos dias de hoje, se assemelham aos discursos de ódio da extrema direita.

- 1- Nós queremos cantar o amor ao perigo, o hábito da energia e do destemor.
- 2- A coragem, a audácia, a rebelião serão elementos essenciais de nossa poesia.
- 3- A literatura exaltou até hoje a imobilidade pensativa, o êxtase, o sono. Nós queremos exaltar o movimento agressivo, a insônia febril, o passo de corrida, o salto mortal, o bofetão e o soco.
- 4- Nós afirmamos que a magnificência do mundo enriqueceu-se de uma beleza nova: a beleza da velocidade. Um automóvel de corrida com seu cofre enfeitado com tubos grossos, semelhantes a serpentes de hálito explosivo... um automóvel rugidor, que corre sobre a metralha, é mais bonito que a Vitória de Samotrácia.
- 5- Nós queremos entoar hinos ao homem que segura o volante, cuja haste ideal atravessa a Terra, lançada também numa corrida sobre o circuito da sua órbita.
- 6- É preciso que o poeta prodigalize com ardor, fausto e munificência para aumentar o entusiástico fervor dos elementos primordiais.

7- Não há mais beleza, a não ser na luta. Nenhuma obra que não tenha um caráter agressivo pode ser uma obra-prima. A poesia deve ser concebida como um violento assalto contra as forças desconhecidas, para obrigá-las a prostrar-se diante do homem.

8- Nós estamos no promontório extremo dos séculos!... Por que haveríamos de olhar para trás, se queremos arrombar as misteriosas portas do Impossível? O Tempo e o Espaço morreram ontem. Nós já estamos vivendo no absoluto, pois já criamos a eterna velocidade onipresente.

9- Nós queremos glorificar a guerra – única higiene do mundo – o militarismo, o patriotismo, o gesto destruidor dos libertários, as belas ideias pelas quais se morre e o desprezo pela mulher.

10- Nós queremos destruir os museus, as bibliotecas, as academias de toda natureza e combater o moralismo, o feminismo e toda vileza oportunista e utilitária.

11- Nós cantaremos as grandes multidões agitadas pelo trabalho, pelo prazer ou pela sublevação; cantaremos as marés multicores e polifônicas das revoluções nas capitais modernas; cantaremos o vibrante fervor noturno dos arsenais e dos estaleiros incendiados por violentas luas elétricas; as estações esganadas, devoradoras de serpentes que fumam; as oficinas penduradas às nuvens pelos fios contorcidos de suas fumaças; as pontes, semelhantes a ginastas gigantes que cavalgam os rios, faiscantes ao sol com um luzir de facas; os piróscafos aventureiros que farejam o horizonte, as locomotivas de largo peito, que pateiam sobre os trilhos, como enormes cavalos de aço enleados de carros; e o voo rasante dos aviões, cuja hélice freme ao vento, como uma bandeira, e parece aplaudir como uma multidão entusiasta. (Fonte: <https://arteref.com/movimentos/como-os-futuristas-usaram-a-arte-para-alimentar-o-fascismo/>)

Posteriormente, esse movimento, que foca somente na ideia de futuro e modernização, rejeitando o que já aconteceu, ganha simpatizantes também em Portugal e França, e em 1918 se torna o Partido Futurista Italiano. Segundo, BERGMAN, (2014 p.221)

nas discussões fora da Itália, o termo “futurismo” torna-se uma palavra da moda com um sentido bastante vasto – melhor dizendo, a palavra quase se torna destituída de sentido – significando uma atmosfera de juventude e um espírito combativo antitradicionalista em geral.

Mais adiante, em seu texto, Bergman afirma que os futuristas buscavam chamar a atenção por diversos meios, incluindo o uso de roupas extravagantes, duelos e atos de violência coletivos. Ele acrescenta ainda a justificativa de Marinetti para as atitudes violentas: “Se tivéssemos empregado a linguagem diplomática, se tivéssemos sido bem comportados, bem doces, não teríamos encontrado repercussão” (BERGMAN, 2014 p. 226).

Sinteticamente, é relevante dizer que o futurismo foi um movimento eurocêntrico que excluía outras perspectivas através de diferentes tipos de violências. Perdeu força após a Primeira Guerra Mundial, em função das opiniões divergentes de

seus integrantes, mas continuou inspirando estilos artísticos como o Cubismo, Dadaísmo e Surrealismo³⁵.

Décadas depois, nos Estados Unidos, mesmo sem saber, Ra iniciou a estrada do movimento afrofuturista. Além dele, Kodwo Eshun, escritor, teórico e cineasta britânico-ganense, em 1998, no livro *More brilliant than the sun*, afirmou que outros pensadores da época também tinham a mesma preocupação de Dery, o que nos leva a constatar que esse termo surgiu a partir de um conjunto de reflexões e que assume uma identidade de movimento cultural transnacional e transdisciplinar.

Ainda para o autor, “o afrofuturismo pode ser caracterizado como um programa para recuperar as histórias de contra-futuros criadas num século hostil à projeção afrodiaspórica” (ESHUM, 2003, p. 301.). Desta maneira, o interesse pela relação ficção especulativa, tecnologia, a raça e racismo ganham adeptos e contornos expressivos até hoje.

Ytasha L. Womack³⁶ (2013), em sua obra intitulada *Afrofuturism: the world of black sci-fi and fantasy culture*, provavelmente uma das referências mais importantes no assunto, fez uma análise do movimento afrofuturista e suas diferentes abordagens desde a origem até sua relevância atual. Dentre outros assuntos abordados na obra, Womack relata que a, na época, estudante de pós graduação Alondra Nelson, criou um grupo de discussão na internet, ainda na década de 90, chamado AOL Listserv, formado por estudantes e artistas. Esse grupo, chamado de movimento cibernético foi, segundo Womack, o pioneiro ao discutir ideias sobre a relação tecnologia, espaço, liberdade, cultura e arte com ficção científica.

Teria sido muito mais difícil ter a conversa dez anos antes”, diz Alexander Weheliye, agora um professor que ensina Afrofuturismo e perspectivas de pós-integração na Northwestern University. “Nelson empurrou a conversa do afrofuturismo para além da análise artística, a ponto de criar mudanças para o futuro. (...) Ainda hoje muitas pessoas criadoras de projetos afrofuturistas são recém-chegados ao termo. Mas a ideia de criar mais trabalhos com pessoas de cor na ficção científica e explorar a ideia de negros no futuro está se espalhando como fogo. A Internet continua a ser o principal local de encontro para afrofuturistas. Em 2008, Jarvis Sheffield criou BlackScience Fiction.com, um site para artistas de ficção científica, escritores, cineastas e animadores. Em alta com a eleição do presidente Barack Obama, Sheffield, fã de quadrinhos e pai, queria criar um site com diversas imagens para seu filho. O site foi lançado

³⁵ As Vanguardas Europeias representam um conjunto de movimentos artístico-culturais que ocorreram em diversos locais da Europa a partir do início do século XX.

³⁶ Escritora, cineasta, bailarina e futurista. Começou a carreira como jornalista, hoje dando palestras pelos Estados Unidos a respeito do afrofuturismo.

com dez perfis. Em 2012 eram 2.016. (...) Hoje, o site é um importante portal para criadores de ficção científica.” (WOMACK, 2021 p.20)

Ou seja, desde a apresentação do termo até os dias de hoje, o afrofuturismo passou por diversas redefinições e expandiu-se para todo o mundo, tornando-se referência mundial para produções artísticas, culturais, cinematográficas e literárias que pautam o protagonismo negro em todas as suas esferas.

Esses movimentos ganham contornos políticos e estéticos que possibilitam a existência negra para além de um passado colonial devastador. Um exemplo aqui no Brasil foi Lélia Gonzalez³⁷ que, embora não tenha sido intitulada como afrofuturista, foi uma mulher negra que em seus movimentos intelectuais e articulações políticas, deu visibilidade a história negra.

Esse abalo das estruturas operado pelas mulheres negras latino-americanas ou amefricanas, como afirmaria Lélia Gonzalez (...) é identificado enquanto fenômeno social micropolítico que pode ser observado acontecer nos dias de hoje, mas já desde outrora. (TOLENTINO, 2019, p.75).

Revisitar escritos como os de Lélia e outras produções de mulheres negras que pautam a existência e resistência do povo preto, abarcando questões étnico-raciais e interseccionais, subvertendo as representações estereotipadas, agressivas e mentirosas feitas ao longo dos anos é, portanto, um dever em respeito a nossa ancestralidade e condiz com as primícias do movimento afrofuturista.

2.4 Eventos afrofuturistas no mundo e no Brasil

Trago a esta etapa da escrita, alguns eventos com características afrofuturistas, entendendo-os enquanto registros que apontam para novas possibilidades de mundo. Estes eventos, foram escolhidos pois considero suas perspectivas políticas centrais para as ideias do afrofuturismo além de se adequarem as minhas perspectivas afetivas e corporais enquanto mulher negra e educadora. Porém, antes de apresentar esses eventos, faz-se necessário lembrar a Revolução Haitiana ocorrida em 1791. Esta foi uma grande rebelião de negros escravizados e libertos na busca por independência na colônia francesa de São Domingos (sustentada basicamente pela plantation açucareira e o

³⁷ Graduou-se em história e filosofia, exercendo a função de professora da rede pública. Posteriormente, concluiu o mestrado em comunicação social. Doutorou-se em antropologia política /social, em São Paulo (SP), e dedicou-se às pesquisas sobre a temática de gênero e etnia

tráfico de escravos) e se destaca dentre os movimentos de independência dos países latino-americanos por ter sido protagonizada pela população negra.

A Revolução Haitiana inaugura um conceito de liberdade que difere da liberdade iluminista. Sobre esse importante acontecimento para nossa história, Ynaê Lopes dos Santos³⁸ (2022) brilhantemente contribui ao dizer que

O movimento foi formado e chefiado por escravizados de São Domingo, uma colônia francesa, que, marcados pela violência no corpo e na alma, exigiam melhores condições de vida. (...) A revolução do Haiti (1791-1804) foi um dos episódios mais complexos da história moderna. Ela terminou com a vitória dos escravizados, desnudando assim toda a racialidade que alicerçavam Antigo Regime - um sistema social e político no qual o poder estava centralizado nas mãos do monarca (o absolutista), e a sociedade estava dividida em estamentos que eram definidos pela origem social dos indivíduos. No entanto, não estranhem se você conhecer pouco ou nada sobre ela. A chamada história oficial foi constituída para que fatos como os que se passaram no Haiti fossem silenciados. E ainda que seja quase irresistível nosso objetivo aqui não é mergulhar nos treze anos dessa revolução. E ainda que seja quase irresistível nosso objetivo aqui não é mergulhar nos treze anos dessa revolução, mas pontuar que a criação de uma República Americana constituída por negros que aboliram a escravidão foi uma mudança de paradigma no mundo atlântico, um verdadeiro divisor de águas. (...)

Esse é o ponto fundamental da Revolução Haitiana. Ela revelou os limites das transformações que fundaram um novo tempo na história do Ocidente e que tinham como premissa a centralidade do homem. (...) para nos ajudar a a pensar nessa história de racismo brasileiro, é essencial pontuar que elas alcançaram todos os aspectos da vida ocidental: no fazer político, na organização social, nas atividades econômicas e na percepção filosófica do mundo. (SANTOS, 2022. p. 89-91)

Os reflexos dessa revolução vão além dos limites territoriais, influenciando os processos de independência das principais colônias latino-americanas. Segundo Wasserman e Guazzelli (1996),

para o restante do continente restava um preocupante aviso: na primeira colônia independente da América Latina, as consequências haviam sido a acentuada decadência econômica, supressão dos brancos proprietários de terras e um Estado organizado por escravos insurretos ou mulatos libertos. (WASSERMAN e GUAZZELLI 1996, p. 96 citado por FONTELLA & MEDEIROS, 2007 p. 68).

Aqui no Brasil não foi diferente. Sabe-se que como forma de prevenir a disseminação do espírito revolucionário, os senhores redobram a vigilância e coibiram os festejos da população negra. Diferentes eventos, visando outros projetos de

³⁸Ynaê Lopes dos Santos é especialista na História da escravização e das Relações raciais nas Américas.

sociedade, ocorreram durante a primeira metade do século XIX, como, por exemplo, a revolta do Malês, na Bahia, em 1835, considerada a primeira rebelião de caráter racial.

Milton Santos, em *A Natureza do Espaço* (2004), nos apresenta o conceito de evento, à luz da teoria geográfica.

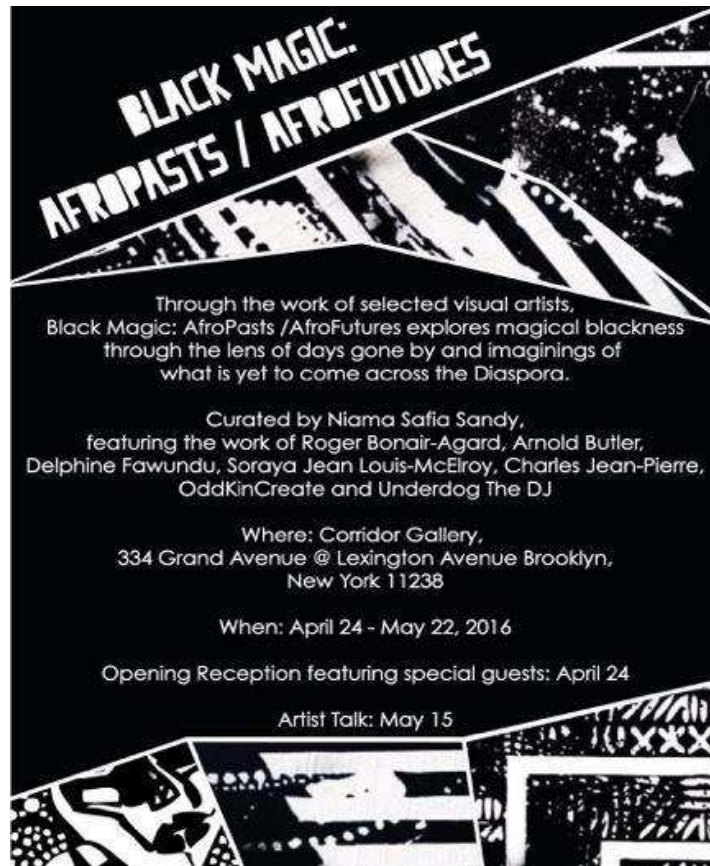
Se considerarmos o mundo como um conjunto de possibilidades, evento é um veículo de uma ou algumas dessas possibilidades existentes no mundo. Mas o evento também pode ser o vetor das possibilidades existentes numa formação social, isto é, num país, ou numa região, ou num lugar, considerando esse país, essa região, esse lugar como um conjunto circunscrito e mais limitado que o mundo. (...) Os eventos são, todos, Presente. Eles acontecem em um dado instante, numa fração de tempo que eles qualificam. Os eventos são, simultaneamente, a matriz do tempo e do espaço (SANTOS, 2004, p.144 e 145).

Segundo o autor, os eventos transformam as coisas, são únicos, irreversíveis e as atribuem novas características. Podem ser globais ou locais e permitem que o global ecoe no local e o local no global. Em função da dinâmica de globalização, especificamente da internet, essa comunicação é facilitada tornando o evento um veículo de possibilidades. E, se tratando da unidade espaço-tempo, os eventos pautados no movimento afrofuturista trazidos a esta pesquisa têm por objetivo ir de encontro ao epistemicídio e negacionismo das produções intelectuais, tecnológicas, artísticas e culturais negras, apresentando possibilidades outras de concepção de novas perspectivas, imprimindo na historicidade e na realidade vivida novos sentidos (enquanto atributo corpóreo) de tempo e espaço, novas estéticas, filosofias e formas de pensamento partindo da manifestação dos saberes negros e fruição dos corpos no mundo.

2.4.1 Black Magic: AfroPasts/AfroFutures

Niama Safia Sandy, antropóloga cultural e ensaísta nova-iorquina, em 2016, na cidade de Nova York, retratou uma expressão multidisciplinar do afrofuturismo e do realismo mágico em uma exposição chamada “Black Magic: AfroPasts/AfroFutures (Magia Afro: Passados e Futuros)”. Este evento contou com artistas visuais multidisciplinares da diáspora africana, que exploraram temas recorrentes da diáspora negra e invocam o passado compartilhado de afrodescendentes, projetando seus futuros por meio das memórias e possibilidades históricas, sonoras, visuais e metafísicas que sua ancestralidade oferece.

Imagem 10: Card da exposição Black Magic: AfroPasts/AfroFutures



Fonte: <https://rushphilanthropic.org/exhibition/black-magic-afro-pasts-futures/>

Sobre esta exposição, Sandy explica:

“O realismo mágico não é apenas um gênero literário, mas uma realidade muito real para nós - os negros e pardos desta terra. Nós contrabandeamos o espiritual em cada momento de vigília, assim como o afro-futurismo contrabandeia o intelectual e o axé (após Paul Carter Harrison e Sandra Jackson Dumont) - a beleza e o poder de nossas múltiplas vozes - para o dia a dia. Imagine cenas de cores exuberantes inundadas pela luz do sol - em Bridgetown, no Brooklyn, em Brixton, em Bamako. Interseções de passado, presente e futuro alicerçadas na magia que já estava no solo, no ar, transmitida por nossos ancestrais por meio de respiração, laços, sangue, ritual, bem depois de cruzarmos o Atlântico tantas vezes. Nós o carregamos conosco aonde quer que vamos - essa cor abundante, ritmo, arrogância, essa cosmologia ambulatória. [...] Por causa disso, vemos e ouvimos magia em tudo através da água, espaço e tempo. Através do trabalho de artistas visuais selecionados, Black Magic: AfroPasts / AfroFutures explora a escuridão mágica através das lentes de dias passados e da imaginação do que ainda está por vir na diáspora. SANDY, 2016. Disponível em: <https://rushphilanthropic.org/exhibition/black-magic-afro-pasts-futures/> Acesso em 20/01/21.

Uma das artistas presentes nesta exposição foi a fotógrafa Adama Delphine Fawundu que, por meio de autorretratos, explora a ideia de uma identidade

africana. Dentro desse arquétipo, ela explora a memória, a identidade das mulheres e as complexidades de raça e classe.

Imagem 11: Obra da artista Adama Delphine Fawundu: AfroPasts/AfroFutures



Fonte: <https://rushphilanthropic.org/exhibition/black-magic-afro-pasts-futures/>

2.4.2 A costura da memória: Rosana Paulino

Rosana Paulino³⁹, reconhecida pelo enfrentamento de questões sociais acerca da posição da mulher negra na sociedade contemporânea, apresentou de dezembro de 2018 a março de 2019, na Pinacoteca de São Paulo, a exposição “Rosana Paulino: a costura da memória”. Com curadoria de Valéria Piccoli e Pedro Nery, contou com mais de 140 obras produzidas ao longo de vinte e cinco anos de trabalho.

A artista também observa e questiona o problema da ausência de representações do negro nos mais variados aspectos, incluindo a história das artes visuais. Suas obras

³⁹ Rosana Paulino é uma artista visual brasileira, educadora e curadora. Doutora em Artes Visuais pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo e especialista em gravura pelo London Print Studio.

abordam questões ligadas ao racismo, machismo, busca pela ancestralidade e reflexos da escravidão que envolvem a condição da mulher negra na sociedade brasileira, além dos diversos tipos de violência e estigmas sofridos diária e lentamente pela população negra.

Imagem 12: Imagem transferida sobre tecido, bastidor e linha de costura. 30,0 cm diâmetro - 1997.



Fonte: <https://www.rosanapaulino.com.br/>

A artista utiliza técnicas diversas – instalações, gravuras, desenhos, esculturas etc, para questionar a visão colonialista da história, que subsidia a falsa noção de democracia racial brasileira.

2.4.3 Festival Afro.Futurista

A ocupação AfroFuturista se destaca por popularizar temas como cultura digital e inovação, destacando, inclusive, protagonismo negro feminino.

Em 2021, aconteceu, de forma remota, a terceira edição do evento, que reforçou a conexão entre tecnologia, inovação e empreendedorismo do universo afro global. Este

projeto é realizado pela organização Vale do Dendê, na estação da Lapa⁴⁰, em Salvador. Como subproduto das duas edições anteriores do festival, surgiu uma plataforma chamada Afrofuturismo, que busca atingir o público jovem, moradores de periferias e mulheres, além de dar visibilidade ao universo criativo, empreendedor e tecnológico produzido por africanos e descendentes de africanos pelo mundo. Pessoas que produzem conteúdos ligados a temas como ciência, inovação, história africana, invenções negras etc.

Imagem 13: Entrada do Festival Afrofuturismo edição 2018



Fonte: <https://afrofuturismo.com.br/festival/vem-ai-a-terceira-edicao-do-festival->

2.4.4 Festival Latinidades

Este festival foi criado em 2008, em memória da líder quilombola Tereza de Benguela e atualmente é considerado o maior festival de mulheres negras da América Latina. Anualmente, este evento prioriza em sua programação o fortalecimento das identidades, formação política, inovação, empreendedorismo, arte, comunicação, cultura, geração de emprego e estímulo à produção intelectual e artística de mulheres negras.

⁴⁰ A estação da Lapa é a maior estação de ônibus e metrô do Norte-Nordeste, promovendo uma interação em média de mais de 500mil pessoas por dia.

Imagem 14: Card de divulgação do Festival Latinidades edição 2020



Fonte: <http://afrolatinas.com.br/tema/>

Valorizar a cultura e as narrativas das mulheres negras latino-americanas foi a proposta da 13ª edição do Festival Latinidades, em 2020, que, pela primeira vez, aconteceu de maneira remota, em função da pandemia do Covid-19. O evento trouxe para a cena cultural as produções de mulheres negras de dez países e o tema desta edição ganhou o nome de “Utopias Negras”, afirmando que as mulheres negras da região podem sonhar, mudar o mundo e prospectar futuros. Jaqueline Fernandes (2020), curadora do evento, afirma que

Se não imaginarmos alternativas, não haverá nenhuma. (...) Precisamos reunir esforços para construir narrativas próprias e um futuro em que estejamos incluídas. Assim, mirar no que parece até utópico é uma necessidade urgente. Em algum momento, era uma utopia pensar que nossos antepassados foram escravizados e hoje mostramos nossa intelectualidade”⁴¹.

O grande destaque desta edição foi a atividade de abertura, no dia 22 de julho: uma roda de conversas bem animada chamada “Papo de Futuro”. Com a mediação da produtora cultural Renata Moraes, crianças negras cariocas, de idade entre 9 e 11 anos, dialogaram sobre assuntos diversos como fome, racismo, violência, injustiças, liberdade e expectativas para o futuro.

⁴¹ Entrevista completa disponível em: <http://afrolatinas.com.br/utopias-negras-se-puder-sonhe/>

2.3.5 O futuro é preto – Afrofuturismo

Exponho também um evento realizado em junho de 2020, de maneira remota, idealizado por pensadores e pesquisadores do Afrofuturismo. Esse evento, visou movimentar o tempo presente, a fim de prospectar futuros, tecnologias e possibilidades, com base numa perspectiva preta.

Imagem 15: Card do evento O Futuro é preto- Afrofuturismo edição 2020



Fonte: https://www.sympla.com.br/o-futuro-e-preto---afrofuturismo__878596

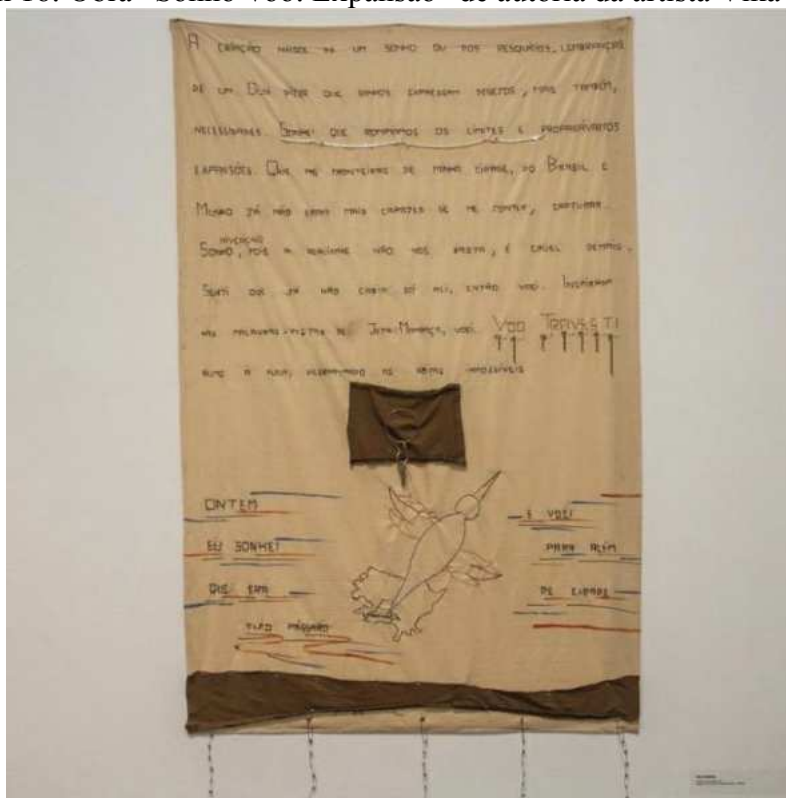
Essa ação surgiu em função das respostas racistas obtidas em um outro evento sobre futurismo, quando questionou-se a ausência de pessoas pretas numa abordagem sobre futuro. A responsável pelo evento quis dizer que não há pessoas pretas aptas a falar sobre isso no Brasil. Em resposta de paz, O futuro é preto-Afrofuturismo aconteceu no mesmo dia e horário do evento que negava o protagonismo negro e contou com as falas de Ytasha Womack, Fabio Kabral, Ale Santos, Aza Njeri, Erica Coutrim, Giselle Santos, Henrique André, Israel Neto, Lilia Melo e Morena Mariah e muitos outros.

Os convidados dialogaram acerca de temas relacionados ao racismo estrutural, racismo algorítmico, educação afrorreferenciada, tecnologia, ciências, artes, cultura,

design, corporeidade, branquitude, diáspora, futuro, dentre outros temas ligados ao povo africano e afro diaspórico. Antes mesmo do evento se consolidar, o site de transmissão já contabilizava mil pessoas inscritas para participar do mesmo, subvertendo a lógica racista presente em nossa sociedade.

2.3.6 Sonho-voo: Expansão

Imagem 16: Obra “Sonho-voo: Expansão” de autoria da artista Vika Teixeira



Fonte: Escola De Artes Visuais do Parque Lage.

Trago enquanto evento a obra da multiartista Vika Teixeira⁴², intitulada Sonho-voo: Expansão, que integra a exposição Carta, às intenções de curadoria de Natália Nichols e Camilla Rocha Campos, no Parque Laje, Rio de Janeiro. Nesta obra, Vika tensiona a realidade de travestis pretas e as possibilidades de existência desses corpos no mundo. Nas palavras da própria artista

⁴²Vika é Corpa Trânsito. Invasora e exploradora das artes visuais, performance audiovisual, produção e direção de arte. Integra a turma de 2021 do Programa de Formação da Escola de Artes Visuais do Parque Lage no Rio de Janeiro.

trata-se de um manifesto-desejo-rascunho-delírio-profecia que anuncia a potencialidade do sonho como ato-estratégia de rompimento e/ou ampliação da realidade imposta pelo mundo que nos é dado. Sonho imaginação como estado-local de experimentação e confabulação de possibilidades outras de ser/estar no tempo-espaço. Como ferramenta de criação do que - ainda - não existe. Sonho invenção como um cultivo do poder especulativo e nutriente para a (re)elaboração de mundos (im)possíveis. Sonhar como quem prospecta o futuro. (TEIXEIRA, 2021)

Inspirado no livro *Não vão nos matar agora*, de Jota Mombaça (2021), Vika utiliza o bordado em tecido como tecnologia e escreve:

A criação nasce de um sonho ou nos resquícios, lembranças de um. Ouvi dizer que sonhos expressam desejos, mas também, necessidades. Sonhei que rompíamos os limites e propagávamos expansões. Que as fronteiras de minha cidade, do Brasil e Mundo já não eram mais capazes de me conter, capturar. Sonhei que não cabia só ali, então voei. Inspirada nas palavras-pistas de Jota Mombaça, voei. VOO TRAVESTI rumo à fuga, desbravando as rotas impossíveis. (...)

Esta e outras obras de Vika investigam a representação das identidades e a transmissão de memórias de corpos dissidentes não hegemônicos, dialogando, inclusive, com as perspectivas afrofuturistas abordadas neste trabalho.

Todas essas produções artísticas e culturais apresentadas afirmam as identidades negras⁴³. Aimé Césaire (1930) cunhou o termo “negritude” enquanto movimento que “articulou uma releitura artística de reelaboração da identidade negra como uma identidade que produzia orgulho racial, que era dotada de características humanas, de habilidades normais e de positividade, tal como a identidade hegemônica”. (MACHADO, 2020 S/P).

No pronunciamento de Aimé Césaire⁴⁴, denominado Discurso sobre a Negritude, em fevereiro de 1987, por ocasião da Primeira Conferência Hemisférica dos Povos Negros na diáspora (homenagem a Aimé Césaire)⁴⁵, cujo tema era “Negritude,

⁴³ Segundo MACHADO (2020), como parte do sistema de dominação racial, a identidade negra, assim como os controles físicos, materiais e territoriais, também eram formas de controle dos sujeitos negros desumanizados pelo sistema escravocrata. Essa dominação enquanto processo histórico, resultou em modos de subjugação dos corpos negros e de construções identitárias de não identificação, muito em função da animalização desses corpos sob o julgo da racialização. Contudo, essa identidade dominada pelos controles da raça, também produziu e ainda produz resistências. Seja através das lutas, rebeliões, formação de quilombos, práticas antirracistas ou através dos sonhos enquanto *devir*.

⁴⁴ Aimé Fernand David Césaire (1913-2008) foi um poeta, dramaturgo, ensaísta e político, ideólogo do conceito de negritude e um dos escritores mais importantes do século XX.

⁴⁵ Outras personalidades importantes como Maia Angelou, Lélia Gonzales, Abdias do Nascimento e Carlos Moore, também estiveram presentes na Conferência.

Etnicidade e Culturas Afroamericanas”, realizada na Florida International University, o Césaire afirma que:

A negritude foi tudo isso: busca de nossa identidade, afirmação de nosso direito à diferença, intimação feita a todos para o reconhecimento desse direito e para o respeito à nossa personalidade comunitária.

(...)

Penso em uma identidade que não seja arcaizante, devoradora de si mesma, e sim devoradora do mundo, isto é, que se apodere de todo presente para melhor reavaliar o passado e, acima de tudo, para preparar o futuro. Pois, afinal, como mensurar o caminho percorrido se não se sabe de onde vem nem aonde se quer ir? É preciso ter isso em mente. Combatemos arduamente, Senghor e eu, contra a desculturação e contra a aculturação. Pois bem, digo que dar as costas à identidade, significa sermos levados justamente a isso, e significa entregar-se sem defesa a um termo que ainda preserva seu sentido; significa entregar-se à alienação. (CÉSAIRE, 2022 p. 220-221)

As palavras de Césaire dialogam com o que prega o movimento afrofuturista apresentado nesta pesquisa quando ele defende a importância da valorização de uma identidade negra que seja pautada no passado e no presente com vistas a preparar o futuro. Césaire entende que o grande obstáculo para a busca dessa identidade é o racismo que renasce cotidianamente e, nesse sentido, nos convoca a escolher entre

nos livrarmos do passado [colonial violento] como se fosse um fardo incômodo e desagradável que só atrapalha a nossa evolução, ou o assumimos destemidamente e dele fazemos um ponto de apoio para seguir adiante em nossa caminhada. (CÉSAIRE, 2022 p. 221)

Em nossas construções identitárias negras e partindo de uma perspectiva histórica, ao escolhermos o nosso passado como ferramenta de luta, estamos adotando uma atitude de recusa. Recusamo-nos a aceitar os racismos cotidianos, as violências hegemônicas, a subalternização dos nossos corpos, a negação dos nossos saberes e, sobretudo, nos recusamos a aquietar a nossa luta por liberdade e justiça. “Para nós, a escolha está feita. Somos daqueles que se recusam a esquecer. Somos daqueles que chegam a converter em método a recusa da amnésia.” (CÉSAIRE, 2022 p. 222). Estamos recusando os processos coloniais e vislumbramos possibilidades outras de futuros.

Não abriremos mão dessas outras possibilidades de redesenhar o nosso futuro, a partir da nossa memória ancestral, dos nossos princípios e das nossas utopias. Para nós, a utopia enquanto fundamento nos motiva a criar deslocamentos que colaboram para a transformação e para a realização de sonhos. As estruturas racistas que constituem a nossa sociedade insistem em moldar e aprisionar esses sonhos. Por isso, é essencial

compreender que o movimento afrofuturista, enquanto movimento político, pode cumprir esse papel de reinventar nossa existência e nossas perspectivas de futuros.

CAPÍTULO 3

AFROFUTURISMO. FABULAÇÕES E APROXIMAÇÕES DE GÊNERO

“Se puder, sonhe” foi a frase de ordem do manifesto convocatório a pessoas negras, em especial as mulheres, da 13ª edição do Festival Latinidades. Trago, portanto, definições feitas por mulheres negras de diferentes territórios e gerações, que pensam o afrofuturismo e fabulam sobre este movimento de maneira multifacetada, através de pesquisas, literaturas, histórias de ficção científica, performances e outros vieses artísticos e culturais.

Walidah Imarisha (2016) acredita que “nossos movimentos por justiça precisam desesperadamente da ficção científica”. A escritora afirma isso em “Reescrevendo o Futuro: usando a ficção científica para rever a justiça”, traduzido por Jota Mombaça, em publicação comissionada pela Fundação Bienal de São Paulo, na 32ª Bienal, em 2016.

A premissa básica da antologia "Octavia's Brood: Science Fiction Stories from Social Justice Movements", coleção de ficção científica escrita em homenagem a Octavia Butler, é que toda organização política é ficção científica. Nas palavras da autora “Octavia's Brood” é uma coleção de ficções científicas radicais escritas por pessoas articuladas, transformadoras sociais e visionárias”. Ela ainda acrescenta a necessidade de imaginar um mundo sem violência policial, onde todos tenham comida, abrigo, educação de qualidade; um mundo livre da supremacia branca; pensar um mundo que não existe, mas que se sonhado coletivamente, pode começar a existir. (IMARISHA, 2016 p.3)

Entendemos que esta percepção, a qual permite visualizar a existência de pessoas negras no futuro, concorda com a ideia do afrofuturismo ser, sobretudo, um movimento político. Em artigo intitulado “Futuro negro - Como o afrofuturismo pode ajudar a estruturar modelos de sociedade mais justos para a população negra”, na revista eletrônica ECOA, em outubro de 2020, o pesquisador do tema, Esdras Oliveira de Souza, afirma que “o Afrofuturismo é um movimento político, é um projeto de soberania preta autônoma que tem por interesse e meta garantir um futuro para o povo preto a nível mundial.”

Morena Mariah (2020), neste mesmo artigo, destaca que não é fora da realidade pensar o afrofuturismo relacionado a questões políticas.

Pensar o futuro das políticas públicas colocando raça como elemento central é algo que pode, de fato, ajudar a resolver as questões no Brasil. Porque numa realidade em que a maioria das é pessoas é negra, se você não trata a raça como questão central, você está enxugando gelo.” (MARIAH, 2020, sem página)

Tolentino (2019) acrescenta:

Entendemos que diálogos e políticas de reconhecimento e autorização (...) que caminham no sentido de uma reparação histórica, valorizando vozes silenciadas, desqualificadas, desautorizadas, colocando o foco em corpos outrora invisibilizados, constituem-se como oportunidade para que as ciências, as filosofias, as epistemologias possam se reinventar, alterando as cartografias dos saberes, para que neles pesem menos as marcas ocidentais da exclusão.” (TOLENTINO, 2019 p.75)

Dessa forma, um futuro utópico é possível para o nosso presente distópico. E ainda de acordo com as ideias de Imarisha, (2016), esse futuro pode se dar a partir da ficção científica, aqui representado pelos movimentos Afrofuturistas, que nos permitem imaginar possibilidades além do que existe hoje.

Na Conferência magna realizada na Universidade Federal da Bahia, dia da Mulher Negra Latino Americana e Caribenha, em julho de 2017, a filósofa e ativista Ângela Davis⁴⁶ proferiu uma palestra intitulada “Atravessando o tempo e construindo o futuro da luta contra o racismo”, em que falou sobre as possibilidades de futuro da população negra virem das mulheres.

Em sua fala, a filósofa ressalta a importância das mulheres negras brasileiras para o futuro do Movimento de Mulheres negras, em função da longa história de lutas em prol da liberdade, fazendo referência à Irmandade da Boa Morte. Fundada em Salvador, por volta de 1820, é uma das confrarias mais antigas e importantes do país e continua sendo um núcleo de resistência feminina.

Davis afirma que o conceito de Boa Morte nos faz imaginar um futuro melhor. “Isso me leva a reconhecer as amplas contribuições das mulheres negras no Brasil e na Bahia em termos da cultura religiosa deste local.” (Davis, 2017, 1:07:40)

⁴⁶ Filósofa, escritora, professora e ativista estadunidense. Nos movimentos sociais, defende a igualdade entre negros e brancos e a igualdade de gênero, além de teorizar acerca da importância do feminismo negro para reconhecer as dificuldades da mulher negra na sociedade, que, além de sofrer pela misoginia, sofre também pelo racismo.

Ainda nesta palestra, Davis destaca a valiosa contribuição do movimento feminista negro na luta antirracista, violência estatal, violência policial, dentre outras sofridas pela população negra, em especial as mulheres, e finaliza sua fala externando sua felicidade em estar participando da comemoração de um dia dedicado à mulher afro-caribenha e latina pois, para ela, as mulheres negras representam a possibilidade da esperança do futuro.

Dialogando com as ideias de Davis (2017), Jota Mombaça⁴⁷ e Musa Michele Mattiuzzi⁴⁸ (2020) fabulam sobre as possibilidades de futuro no prefácio do livro *A Dívida Impagável*, de Denise Ferreira⁴⁹ (2020)

741. A luz negra como outra possibilidade de ler o mundo como conhecemos. A luz negra postulada na forma generativa, um conhecimento que demanda outras ferramentas para ser apreendido. A luminosidade da luz negra revela o que está oculto, transparente em conformidade com a norma. Trazer esse pensamento nos tempos de hoje é um exercício de experimentação sobre o fazer futuro e o mundo; uma experimentação implicada nos rastros para a ancestralidade. (MOMBAÇA & MATTIUZZI. In: *A dívida impagável*, 2020, p.15).

Desta forma, nos é apresentada a possibilidade de novas epistemologias baseadas nos conhecimentos negros e ancestrais que foram apagados e que são capazes de conceber novos mundos possíveis para a existência de pessoas negras. Além disso, em referência às novas possibilidades de futuro, acrescentam ainda:

55. Aqui nesse momento desarmamos o nosso corpo coletivo e, como máquina de guerra, nós aqui desistimos das memórias trágicas. Olhamos para frente e continuamos um futuro onde possamos recriar nossa existência. (MOMBAÇA & MATTIUZZI. In: *A dívida impagável*, 2020, p.27)

Sobre um futuro em que pessoas negras existam e estejam tecnologicamente inseridas e sobre a importância de concebermos a história sob diferentes vieses, pressupostos - além e não somente - os afrofuturistas, Ruha Benjamim (2019) alerta e nos faz refletir acerca da seguinte questão:

uma lente universalizante pode realmente esconder muitos dos perigos do design discriminatório, porque de muitas maneiras os negros já vivem no futuro. A situação dos negros consistentemente tem sido um prenúncio de processos mais amplos - banqueiros usando tecnologias financeiras para atacar proprietários negros, policiais usando vigilância e tecnologias para controlar bairros negros, ou políticos usando legislativos técnicas para privar os eleitores negros (...) uma abordagem #todasasvidasimportam à tecnologia

⁴⁷ Artista interdisciplinar cujo trabalho deriva de poesia, teoria crítica e performance. Sua prática está relacionada à crítica anticolonial e à desobediência de gênero.

⁴⁸ Performer, diretora de cinema, escritora e pesquisadora do pensamento radical negro norte-americano.

⁴⁹ Denise Ferreira: Professora e diretora do The Social Justice Institute / GRSJ da University of British Columbia. Seus escritos acadêmicos e práticas artísticas abordam questões éticas no presente e têm como alvo as dimensões metafísicas e os pilares onto-epistemológicos do pensamento moderno.

não é apenas falsa inclusão, mas também mau planejamento, especialmente por aqueles que gostam deles (brancos) próprios como futuristas. (BENJAMIM, 2019, p. 31. Tradução própria)

De fato, nós, negros, já vivemos um futuro tecnológico que, infelizmente, corrobora para a manutenção de estereótipos e violências raciais tais quais as sofridas por nossos irmãos escravizados. Um futuro que não nos imagina e continua a subjugar nossas produções, pois baseia-se nos pressupostos da branquitude.

Cabe acrescentar as contribuições de Chimamanda Ngozi Adichie no livro “O Perigo de Uma História Única” (2019), adaptação feita de uma palestra realizada em 2009, que solidificam os pensamentos de Ruha Benjamim (2019) e os pressupostos afrofuturistas que visam, dentre outros, apresentar e valorizar o legado africano e afro diaspórico em resposta ao epistemicídio sofrido pela população negra, desde o período colonial, através da história única eurocentrada.

Segundo Adichie (2009), “a história única cria estereótipos. (...) Eles fazem com que uma história se torne a única história. (...) Mas existem outras histórias que não são sobre catástrofes, e é muito importante, igualmente importante, falar sobre elas (ADICHIE, 2009. p. 26).

3.1 “Da nossa memória, fabulamos nós mesmos”

A frase que encerra o filme “Branco sai, preto fica”⁵⁰ (2014) também intitula esta etapa do trabalho com o entendimento de que os conceitos de fabulação, fabulação crítica e afrofabulação são teoricamente enriquecedores a esta pesquisa.

⁵⁰ Branco Sai, Preto Fica é um filme de 2014 cujo principal tema é a descarada violência policial movida pelo racismo. A frase “sem provas não há passado”, fala de uma das personagens, resume bem o tom e tema da obra, nada mais, nada menos do que uma grande, clara e muito bem construída crítica social. O longa conta a história de dois homens negros que faziam parte de um grupo de dança na juventude e costumavam frequentar um baile de black music em Brasília nos anos 1980. Acompanhamos o dia a dia dos personagens de Marquim da Tropa e Shockito enquanto relembram a noite em que policiais invadiram o baile e os feriram gravemente aos tiros. O próprio título do longa metragem é uma referência à ordem dada pelos policiais no momento da invasão, literalmente dividindo a população que estava no local a partir do preconceito. (...) O filme mescla gêneros de forma orgânica, além do personagem que viaja no tempo para conseguir provas sobre a injustiça policial cometida naquela noite do baile, a ficção científica aparece de forma sutil, presente em alguns fatores de som e cenografia, e também em elementos narrativos como a necessidade de um passaporte para entrar na cidade de Brasília e a construção de um aparato semelhante a um foguete que forma uma bomba cultural para destruir Brasília. (...) Considerando a realidade de Ceilândia que, assim como outras cidades satélites são negligenciadas pelo poder público e carecem de investimento em setores básicos, é possível interpretar o passaporte para Brasília presente no filme como outra crítica social, no sentido de que apenas determinadas pessoas privilegiadas têm acesso à capital e toda sua qualidade de vida e tecnologia. O diferencial do filme está também em seu formato, que mistura a ficção científica com documentário. (<https://institutodecinema.com.br/mais/conteudo/critica-branco-sai-preto-fica>)

A definição de fabulação, de Mieke Bal (2017), em *Narratologia Introdução a Teoria da Narrativa*, diz que a fábula é “uma série de eventos relacionados lógica e cronologicamente que são causados ou vivenciados por atores” (...) sendo os eventos a “transição de um estado a outro” (BAL, 1985 p. 5). Como já citado, Deleuze (2018) descreve fabulação como forma de criação, de pensamento que faz crer em um novo real.

É importante destacar que esse novo real vai muito além das rasas questões de representação/representatividade negra, também já abordadas neste trabalho. Retratar as questões da violência da escravidão, colonização e racismo pela nossa perspectiva não é a nossa única proposta de existência diante dos brutalismos hegemônicos. Trata-se, pois, de considerar o conceito de fabulação a partir das epistemologias negras, a fim de conceber futuros possíveis e presentes alternativos para os nossos.

Dialogando com as definições de fabulação apresentadas, Saidiya Hartman propõe o conceito de fabulação crítica como re-apresentação sequencial de eventos que possibilitem a disputa nos pontos de vista e a divergência de histórias concomitantes. O que Hartman pretende é “deslocar o relato preestabelecido ou autorizado e imaginar o que poderia ter acontecido ou poderia ter sido dito ou poderia ter sido feito” (Hartman, 2020, p. 29)

Numa conjugação entre passado e presente, a dinâmica da imaginação se apresenta para além da representação, na construção de novas realidades possíveis, propondo novas formas de existência. (SOARES, 2020) Tavia Nyong’o e Saidiya Hartman conceituam Afrofabulação e Fabulação Crítica, conceitos importantes presentes no Afrofuturismo, que permitem a possibilidade de contar histórias atravessadas por opressões sem que se restrinjam apenas à representação identitária.

Kênia Freitas (2020) diz que

Nyong’o propõe aos realizadores novas formas de performance e produção que os libertem de modos de representação esperados tradicionalmente, por meio da afrofabulação. Hartman, diante da constatação da impossibilidade de se representar a violência sofrida pelos africanos no processo de escravidão, delimita o conceito de fabulação crítica. A escritora se debruça sobre a abordagem da história sem reproduzir a violência e define a fabulação da narrativa como possibilidade. (<http://kinoforum.org.br/criticacurta/a-fabulacao-como-gesto-mostra-brasil-1-fabulacoes-do-agora/>)

Tavia Nyong'o⁵¹, em seu livro *Afro-Fabulations: The Queer Drama of Black Life* (2018), propõe o debate sobre pós-negritude e afropessimismo⁵² e argumenta que as questões da vida negra ultrapassam as condições sociais que insistem em negar. O livro ainda demonstra como a experiência afrofabulativa se desdobra no tempo e ao longo do tempo, e se uma poética da afrofabulação poderia suplementar ou mesmo suplantar a política da representação.

Nyong 'o reivindica o direito de fabular a imagem de pessoas negras e cunha o termo *afro-fabulation*. O termo busca a retirada dos rótulos da representação identitária negativa da população negra inventada por brancos de forma que as manifestações artísticas e culturais negras livres-se das políticas de representação frequentemente reduzidas à denúncia do racismo ou à perpetuação dele.

3.2 Ficção científica e mulheres do afrofuturismo

Sendo a ficção científica um espaço historicamente ocupado por homens brancos e que não contempla as representações femininas necessárias ao gênero, sobretudo, com recorte racial, importa apresentar autoras negras do gênero em questão, de diferentes gerações e territórios, que subvertem a lógica branca e masculinizada e inserem o protagonismo feminino na ficção científica.

Para Lysa Yaszek⁵³, sempre que uma nação ou um grupo étnico começa a participar da cultura industrial, seus autores naturalmente voltam-se para a ficção científica como a primeira forma de história da modernidade tecnocientífica; como um meio ideal para avaliar criticamente novas formas de fazer economia e política, e ciência e tecnologia. (YASZEK, 2013, p.1 tradução própria).

A mesma autora, embora seja uma mulher branca, afirma em seu artigo “Race in Science Fiction: The Case of Afrofuturism” que os artistas que utilizam a ficção científica estão interessados em recuperar histórias negras perdidas e pensar sobre como

⁵¹ Professor de Estudos Afro-Americanos, Estudos Americanos e Estudos de Teatro e Performance. Seus atuais interesses de pesquisa e ensino abrangem estudos culturais e performáticos queer negros, arte contemporânea e teoria estética, gêneros especulativos, afrofuturismo e estudos do som negro.

⁵² O professor de estudos afro-americanos na Universidade da Califórnia Frank B. Wilderson III em seu livro *Afropessimismo* (2021), questiona o fato de a questão racial permear grande parte do nosso universo moral e político e o porquê da manutenção de um ciclo perpétuo de escravidão nas frentes políticas, intelectuais e culturais, continuarem a definir a experiência da negritude. Para ele, a construção social da escravidão é um potente e atual mecanismo de opressão dos negros. Sendo assim, cabe destacar que como base de um movimento intelectual, o afropessimismo não se opõe ao afrofuturismo.

⁵³ Acadêmica americana no campo de filmes de ficção científica, particularmente a história e implicações culturais do gênero e grupos sub-representados em ficção científica, incluindo mulheres e pessoas N.

essas histórias informam toda uma gama de culturas negras hoje e podem inspirar novas visões de amanhã. (YASZEK, 2013, p.2).

Em *Reescrevendo o futuro: usando ficção científica para rever a justiça*⁵⁴, traduzido por Jota Mombaça, Walidah Imarisha traz questões pertinentes à relevância da ficção científica nas prospecções de futuros.

Apesar de nossa habilidade para analisar e criticar, a esquerda se enraizou naquilo que é. Nós, frequentemente, esquecemos de vislumbrar aquilo que pode vir a ser. Esquecemos de escavar o passado em busca de soluções que nos mostrem como podemos existir de outras formas no futuro. (...) Por isso acredito que nossos movimentos por justiça precisam desesperadamente da ficção científica. (...) Nós começamos a antologia com a crença de que toda articulação política é ficção científica. Quando falamos sobre um mundo sem prisões; um mundo sem violência policial; um mundo onde todo mundo tem comida, roupas, abrigo, educação de qualidade; um mundo livre da supremacia branca, patriarcado, capitalismo, heterossexismo; estamos falando sobre um mundo que não existe atualmente. E sonhá-lo coletivamente significa que podemos começar a trabalhar para fazê-lo existir.

No último outono, a renomada escritora de ficção científica Ursula K. Le Guin gerou grande comoção durante a cerimônia do National Book Awards 2014 com o seu eloquente discurso de agradecimento pelo Prêmio por "Destacada Contribuição às Letras Estadunidenses": "Eu acredito que estão vindo tempos difíceis, quando precisaremos da voz de escritoras capazes de enxergar alternativas aos modos como vivemos agora, que possam enxergar através de nossa sociedade assolada pelo medo (...). Nós precisaremos de escritoras que sejam capazes de evocar liberdade." (...)

É precisamente por isso que precisamos da ficção científica: ela nos permite imaginar possibilidades fora do que existe hoje. O único modo de desafiar o direito divino dos reis é se tornando capaz de imaginar um mundo no qual reis já não nos comandem — ou sequer existam. (WALIDAH, 2016 p. 3 e 4)

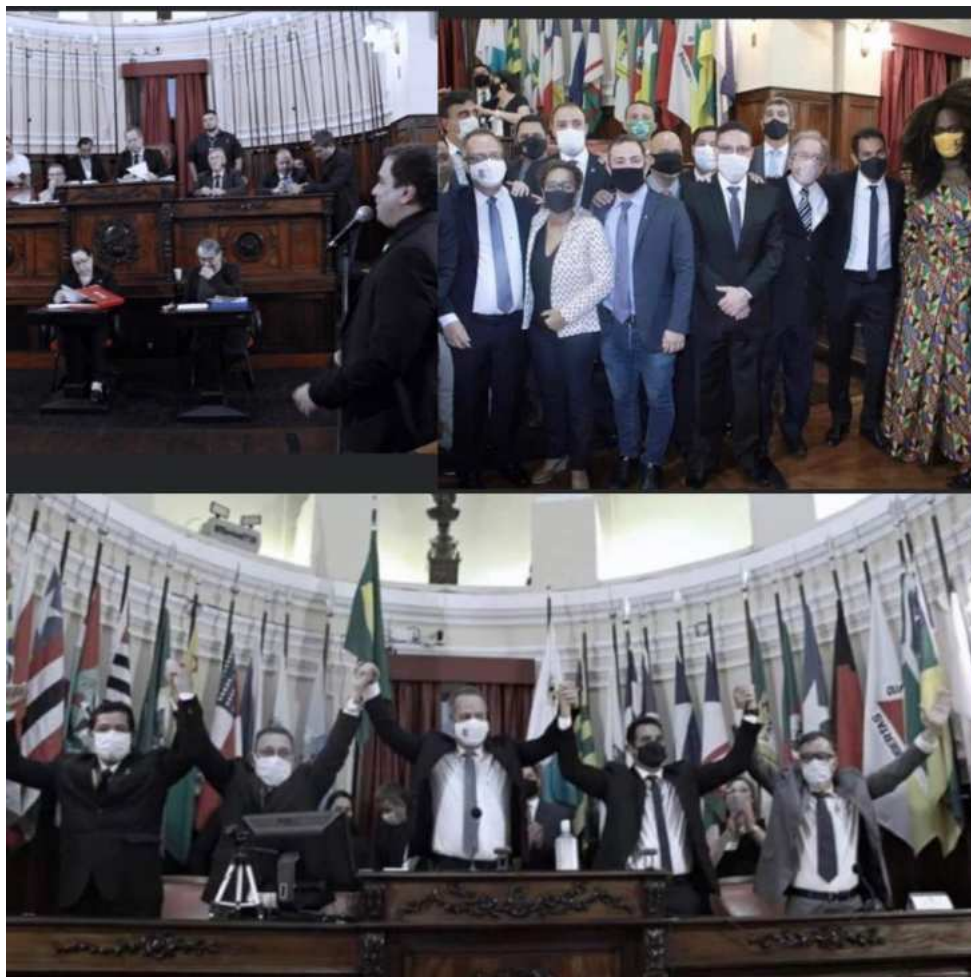
3.3 Mulheres negras que pensam e constroem cenários futuros saudáveis

Como seria o futuro imaginado por mulheres negras? Mulheres que ousam imaginar futuros diferentes na política, na literatura, no cinema, na internet e na música. Entendendo o afrofuturismo enquanto um movimento político, é preciso pensar que os espaços de decisão e formulação de políticas públicas sejam pautados nas perspectivas das existências negras, a fim de que novos futuros sejam, de fato, construídos ainda no presente.

⁵⁴ Texto publicado na edição número 3 do Caderno de Oficina de Imaginação Política. Imarisha Walidah é ativista negra norte-americana, educadora, escritora, professora e poeta. Jota Mombaça é Jota Mombaça também conhecida como Monstra Errátik e MC K-trina é uma artista interdisciplinar cujo trabalho deriva de poesia, teoria crítica e performance. Sua prática está relacionada à crítica anticolonial e à desobediência de gênero.

A imagem abaixo mostra o poder legislativo que temos atualmente na Câmara Municipal⁵⁵ de Niterói. Os vereadores eleitos da cidade constituem um grupo majoritariamente masculino e branco. Contamos apenas com duas vereadoras negras, Veronica Lima⁵⁶, a primeira mulher negra a assumir o cargo na história da cidade e Benny Briolly⁵⁷, a primeira vereadora transexual de Niterói.

Imagem 17: Composição de fotos dos vereadores de Niterói. Outubro de 2021



Fonte: <https://www.facebook.com/camaraniteroi>

⁵⁵ Órgão legislativo responsável pela elaboração de leis, visando o bem estar e a organização social de uma cidade.

⁵⁶ É defensora dos direitos humanos, do povo negro, das mulheres e das políticas de assistência social. Ao longo de sua trajetória, criou leis como o primeiro Estatuto Municipal de Igualdade Racial do Brasil, com cotas de 20% para negros e negras nos concursos públicos; a Lei que destina 3% das vagas em serviços e obras públicas para moradores em situação de rua; o primeiro Estatuto da Pessoa Gestante do país, garantindo direitos e o combate à violência obstétrica e o Programa de Enfrentamento às Fake News, contra a indústria de mentiras e em defesa da nossa democracia.

⁵⁷ Primeira mulher trans eleita no Rio de Janeiro e Presidenta da Comissão de Direitos Humanos, da Criança e do adolescente.

Legenda sugerida: O legislativo que temos.

Imagem 18: Composição de fotos da Solenidade Mulher Negra Destaque 2022.



Fonte: @leozulluh_oficial

Legenda sugerida: O que imaginamos: espaços de poder ocupados por maioria de mulheres negras.

Que cidade teríamos se esse plenário fosse sempre assim? Exercitar a imaginação a fim de criar um mundo feito e pensado por pessoas negras é o que as mulheres apresentadas aqui e o movimento afrofuturista se propõem a fazer.

Trago brevemente a esta etapa da pesquisa o que algumas mulheres negras pensam e elaboram sobre futuros. Essas mulheres construíram e ainda constroem movimentos e criam narrativas para além das tragédias, dores e sofrimentos, sem serem

atualizadoras e reprodutoras dos processos violentos já conhecidos, buscando no passado respostas para perguntas que construam novos presentes e novos futuros.

3.3.1 Octavia E. Butler: 1947. Califórnia.

Filha de um engraxate e uma empregada doméstica, a grande dama da ficção científica decidiu que contaria histórias melhores do que a do filme “A garota diabólica de Marte”. Assim, ela precisou lutar contra a pobreza, a dislexia e o racismo para se formar em uma universidade. Em seus livros, representa heroínas negras, explora temas como raça, empoderamento feminino, divisão de classe, sexualidade e escravidão. Conhecida como “a grande dama da ficção científica”, Butler foi a primeira mulher negra a ganhar notoriedade no gênero, que até hoje é predominantemente masculino e branco.

“Comecei a escrever sobre poder porque era algo que eu tinha muito pouco”. Esta frase abre o romance escrito por Butler chamado “Kindred- laços de sangue”. A obra de Butler retrata muito mais a vivência afroamericana do que valores e cosmologias africanas em si, o que leva algumas pessoas a não a considerar uma escritora deste movimento. Porém, ao lermos suas obras, ficam claras as referências a Sankofa e a toda cultura. Além disso, aborda o reconhecimento de questões identitárias negras para prospecção de futuros.

Segundo Soraya Jean-Louis McElrov, estudiosa de artes visuais e co-criadora do Wildseeds: The New Orleans Octavia Butler Emergent Strategy Collective, citada por Imarisha (2015):

amor e liberdade Pretas residem além do corpo, amor e liberdade Pretas são transtemporais e indestrutíveis. Estou falando sobre imaginação fantástica Preta sem restrições. Não se pode realmente amar sem isso. O Afrofuturismo não é novo!

(...)

Somos o sonho afrofuturismo 263 das gentes Pretas escravizadas, a quem foi dito que seria “irrealista” imaginar um dia em que elas não seriam chamadas propriedade. Essas pessoas Pretas recusaram a confinar seus sonhos ao realismo, e em vez disso elas nos sonharam. Assim elas curvaram a realidade, reformularam o mundo, para criarmos. Isso é parte dos motivos pelos quais eu carrego orgulhosamente o título de “abolicionista prisional”; isso me liga às visionárias libertadoras que aboliram a escravidão. Isso conecta meus sonhos de liberação com os dos meus ancestrais e acende toda a nossa responsabilidade e direito a sonhar novos futuros assim como elas fizeram. Em seu não terminado manuscrito Parable of the Trickster, o

final da série de parábolas, Octavia Butler escreveu: Não há nada de novo sob o sol mas há novos sóis. (Imarisha, 2015 p.261-262)

Nesse trecho, Walidah Imarisha⁵⁸ se refere à ficção científica feita por autores que usam a lente histórica imaginária, que nos conectam a futuros e passados visionários.

3.3.2 Lu Ain-Zaila: 1970, Rio de Janeiro.

Luciene Marcelino Ernesto, mais conhecida como Lu Ain-Zaila, é uma pedagoga e escritora afro-brasileira de ficção científica e literatura fantástica. Denomina-se como escritora afrofuturista/sankofista e ativista social. Segundo ela, “afrofuturismo é uma possibilidade dos novos tempos da tecnologia, da comunicação dessa nova geração negra que tem feito e ocupado espaços de literatura, artes, ciência, tecnologia, entre outros, como uma possibilidade de refazermos a nossa própria história.” (ECOIA, 2020 S/P)

Assim como Sun Rá, que se chamava Herman Poole Blount, Lu Ain-Zaila também utilizou um pseudônimo para despontar na literatura afrofuturista. Considerada a maior voz feminina do afrofuturismo brasileiro, apresenta em suas obras saberes ancestrais africanos através do gênero *cyberfunk* – subgênero da ficção científica.

Ao colocar os saberes ancestrais africanos como temas centrais em suas obras, a autora apresenta referências afrofuturistas que conectam o leitor da diáspora com suas raízes. Dentre muitos trabalhos, a autora também lançou a antologia “Sankofia: breves histórias sobre afrofuturismo”; uma coletânea de contos da autora brasileira lançada em 2018, de forma independente. A proposta foi reunir contos afrofuturistas que se encaixam em gêneros como a Ficção Científica (principalmente), Espada e Magia, fantasia e afins. Além deste, Lu Ain-Zaila lançou “Ìségún”⁵⁹, em 2019, pela Monomito Editorial. O livro apresenta um mundo abalado por uma catástrofe ambiental. A partir desse fato, as pessoas precisam se preocupar com a conservação da natureza; afinal, isto é sobrevivência. A detetive Zuhri se depara com o assassinato de um médico que

⁵⁸ Escritora estadunidense, ativista, educadora e reconhecida por ter cunhado o termo "ficção visionária".

⁵⁹ Palavra de origem yorubá, que significa reverência aos antepassados.

pesquisava um filtro para usinas poluentes. Isso vai se mesclar com a busca de sua ancestralidade.

3.3.3 Nnedi Okorafor: 1974, Ohio.

Professora universitária e de ascendência nigeriana, escreve ficção especulativa, ficção científica e fantasia. Não se considera afrofuturista. Prefere o termo africanfuturism, que cunhou em meados de 2019. Em seu blog pessoal, a escritora, após receber críticas e ser acusada de redundante, explicou

Comecei a usar o termo Africanfuturism (um termo que criei) porque senti...

1.O termo Afrofuturismo tinha várias definições e algumas das mais proeminentes não descreviam o que eu estava fazendo.

2.Eu estava sendo chamado esta palavra [um afrofuturista] concordando ou não (não importa o quanto eu resistisse publicamente a ela) e porque a maioria das definições estavam erradas, meu trabalho estava sendo lido de forma errada.

3. Eu precisava recuperar o controle de como estava sendo definido.

(<http://nnedi.blogspot.com/2019/10/africanfuturism-defined.html>)

Acesso em:19/04/2022)

Levando em consideração os entendimentos mínimos do termo afrofuturismo, que se resumem a simplesmente “negros na ficção científica” ou “representatividade e empoderamento negro” e pelo fato do termo ter sido cunhado por um homem branco, é de se entender o porquê de a autora querer se distanciar do termo mesmo após tentativas de se encaixar nele e cunhar um outro que alcançasse a sua definição.

eu sou uma afrofuturista e uma afrojujuista. O futurismo africano é uma subcategoria da ficção científica. Africanjujuism é uma subcategoria de fantasia que respeitosa reconhece a mistura perfeita de verdadeiras espiritualidades e cosmologias africanas existentes com o imaginativo (...). Também estou ciente de que é uma construção (e uma coisa etérea que viaja através do espaço e do tempo. (...) O africanofuturismo é semelhante ao “afrofuturismo” na forma como os negros no continente e na diáspora negra estão todos conectados por sangue, espírito, história e futuro. A diferença é que o futurismo africano está especificamente e mais diretamente enraizado na cultura, história, mitologia e ponto de vista africanos, uma vez que se ramifica na diáspora negra, e não privilegia ou centraliza o Ocidente. O afrofuturismo preocupa-se com visões de futuro, interessa-se por tecnologia, sai da terra, tende ao otimismo, é centrado e escrito predominantemente por afrodescendentes (negros) e tem suas raízes principalmente na África. Estão menos preocupados com "o que poderia ter sido" e mais preocupados com "o que é e pode/será". Ele reconhece, lida com e carrega "o que foi". O futurismo africano não precisa se estender além do continente africano, embora muitas vezes o faça. Seu padrão é não ocidental; seu padrão/centro é africano. Isso é distintamente diferente de "afrofuturismo" (a palavra em si foi

cunhada por Mark Dery e sua definição posicionou temas e preocupações afro-americanos no centro da definição. Observe que, neste caso, estou definindo "afro-americanos" como aqueles que são descendentes diretos dos africanos roubados e escravizados do tráfico transatlântico de escravos). (...)A última coisa que direi sobre isso é que o afrofuturismo está enraizado na África e depois se ramifica para abraçar todos os negros da diáspora, isso inclui o Caribe, América do Sul, América do Norte, Ásia, Europa, Austrália... onde quer que estejamos. É global. O futurismo africano não é um muro, é uma ponte. Eu me deleito em um dos ramos, sendo Naijamerican (Nigerian-American), uma diáspora. Basta olhar para o meu trabalho, meu caminho para escrever ficção científica e minhas inspirações para entender por que senti a necessidade de criar essa palavra e categoria. (<http://nnedi.blogspot.com/2019/10/africanfuturism-defined.html>)
Acesso em:19/04/2022

Seu livro *Quem Teme a Morte* leva o leitor a uma jornada pela África dividida pela guerra, em que uma garota marginalizada pode ser a única capaz de salvar o mundo. O nome dessa personagem é Onyesonwu, que pode ser traduzido justamente como *Quem Teme a Morte*. Esta obra seria considerada um romance distópico comum se não transcorresse na África. Fantasias, batalhas, tradições e alta tecnologia, sonhos, visões, discriminação racial e sexual fazem parte dessa narrativa. Com sua primeira edição em 2014, ganhou na categoria de melhor romance, o World Fantasy Award, conjunto de prêmios anuais, internacionais, concedidos a escritores e artistas no campo da fantasia.

3.3.4 Tomi Adeyemi: 1993, Chicago.

É uma jovem escritora norte-americana de origem nigeriana que ficou conhecida por seu livro “Filhos de Sangue e Osso”, em 2018 - o primeiro da trilogia “O Legado de Orisha”, baseada na cultura iorubá e publicado no Brasil pela editora Rocco. A trama mistura a cultura africana ocidental com temas atualmente relevantes. Além disso, somos apresentados a um reino com a população dividida entre os que possuem origem, Maji, e os que soam sem magia. No passado, os Maji tinham poderes e eram divididos em clãs. Com a monarquia, muitos perderam a magia e foram mortos. Os que ficaram vivos seriam transformados em reféns daquela sociedade que os oprimia. A personagem Zélie, uma jovem que viu sua mãe ser morta durante um ataque ao seu povo, foi a escolhida para a missão de acabar com o sofrimento do seu povo e devolver os poderes.

Em entrevista à editora que publicou o livro aqui no Brasil, a escritora relata que conheceu o Candomblé e a cultura iorubá em Salvador, ao fazer intercâmbio no Brasil, embora seja descendente de nigerianos.

Eu estava em Salvador quando descobri os orixás. Iemanjá, Xangô, Oxóssi e Oxum, diante de mim em azulejos pintados, lindos, sagrados e negros. Instantaneamente, minha mente foi transformada. É uma honra ter meu livro publicado no lugar onde esta aventura começou para mim, e minha única esperança é que o incrível povo brasileiro curta o livro! (ADEYEME, 2018 em entrevista disponível em: <https://www.rocco.com.br/bem-vindos-a-orisha/>)

3.3.5 G.G Diniz: 1998, Ceará.

Criadora de conteúdo em plataformas digitais, Gabriela, mais conhecida por G.G Diniz, também é escritora e criadora do movimento literário *Sertãopunk*⁶⁰, em resposta ao *Cyberagreste*, composto por autores não-nordestinos que se apropriaram culturalmente dessa temática. “O Colonizador” é uma das obras mais conhecidas e envolventes, não só pela premissa com elementos de ficção científica, mas pela execução inteligente de temas delicados, como violência e abuso.

A escritora defende a importância de que temas como racismo sejam abordados na literatura, mas ressalta as pessoas negras não se reduzem só à dor e a estereótipos raciais. O afrofuturismo, assim como Sankofa, ideograma adinkra representado por um pássaro com a cabeça voltada para trás, se traduz como "volte e pegue", no sentido de retornar ao passado para ressignificar o presente e construir o futuro.

3.3.6 Nátaly Nery: 1994, São Paulo.

Criadora de conteúdo digital⁶¹ desde 2015, foi uma das primeiras mulheres a abordar a temática afrofuturista na internet. Em 2018 no TEDxPetrópolis⁶², Nátaly problematizou a necessidade de novas utopias para nós negros e a importância de

⁶⁰ Gênero literário de ficção especulativa voltada para a valorização da região nordeste e criado por G.G Diniz, Alec Silva e Alan Sá também com inspirações no Afrofuturismo.

⁶¹ Nátaly é cientista social, militante focada na educação crítica com recorte étnico-racial, idealizadora e produtora do próprio canal no Youtube - "Afros e Afins", onde estimula a autonomia financeira, intelectual e estética da mulher negra a partir de discussões sobre consumo consciente, racismo e empoderamento feminino.

⁶² AFROFUTURISMO: A Necessidade de Novas Utopias. Realização de Tedx Petrópolis. Petrópolis, 2018. Color. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=_D1y9yZRpis.

estarmos vivos no futuro. Atualmente, este vídeo tem mais de 62 mil visualizações. Para ela, “Afrofuturismo é a ideia radical de que negros estarão vivos no futuro.” E acrescenta:

Sonhar, a capacidade de imaginar o futuro, de criar expectativas. Além disso, uma forma de nos perguntar o que queremos ser nos anos que virão? No futuro imaginário do cinema, da literatura, da música, são apresentadas ideias utópicas do que almejamos de uma sociedade futurística, muitas vezes com poucos ou nenhum negro nessa sociedade “avançada”. Então, qual é o papel do negro no futuro? Afrofuturismo, um movimento, um conceito, uma filosofia, uma nova utopia de uma sociedade mais igualitária. (Nery, 2018, TEDxPetrópolis)

A youtuber propõe que pensemos em um futuro que se baseie na nossa história e no presente atentando para o fato de não considerarem a sobrevivência e a contribuição tecnológica de pessoas negras no futuro. “[...] Na pior das hipóteses, essa ficção científica expressa um desejo íntimo e escondido de um futuro que seja só populado por pessoas brancas.”

3.3.7 Aza Njeri:1985, Rio de Janeiro⁶³.

Em artigo escrito para revista eletrônica Rio Encena (2020), Aza diz que:

O afrofuturismo é um movimento cultural difundido como vertente artístico-filosófica negra que interrelaciona a ancestralidade com signos africanos e afrodiáspóricos do passado e do presente para projetar um futuro honroso, digno e pleno. Utilizando-se de uma estética tecnológica, metálica e cyber, o afrofuturismo é a reflexão, a partir das tecnologias ancestrais e contemporâneas, sobre formas de conjurar o passado de escravidão, o presente de maafa – desgraça coletiva negra –, pondo em xeque a história hegemônica e propondo um futuro tangível para a população negra.

No ano de 2019, em seu canal do Youtube, hoje, com mais de 14 mil inscritos, Aza, desenvolveu uma série chamada *Pensando Afrofururismo*, com conteúdos voltados para o afrofuturismo, abordando temas como a filosofia do afrofuturismo, a relação da mulher e o afrofuturismo, o afrofuturismo e a indústria cultural, literatura afrofuturista dentre outros.

No episódio 1 da série, intitulado *Afinal o que é afrofuturismo?*, a autora apresenta fatos importantes sobre o afrofuturismo, passando pela definição do

⁶³ Aza Njeri (Viviane M. Moraes) é doutora em Literaturas Africanas/UFRJ, pós-doutora em Filosofia Africana/UFRJ. É professora da graduação e pós-graduação do Departamento de Letras da PUC-Rio. Sua produção acadêmica é focada em estudos de África e Afrodiáspora no que tange cultura, história, literatura, filosofia, teatro, artes e mulherismo africana.

movimento que, segundo ela, é um movimento político, estético, social, cultural e afrodiaspórico surgido, sobretudo, nos Estados Unidos, com a figura de SunRá, que buscou na filosofia Kemética⁶⁴ possibilidades de se pensar futuros dignos, plenos e solares⁶⁵ para a população negra na década de 70.

Como segundo fato importante, Aza sinaliza que o afrofuturismo tem sua base filosófica na filosofia africana de Sankofa, remetendo “aquele pássaro que vai ao passado para buscar as experiências do ontem para pensar o hoje e plantar o amanhã”.

Por fim, Aza relembra a relação do afrofuturismo com a ficção especulativa, concebendo a arte como possibilidade de pensar outros futuros possíveis e destaca que o filme *Pantera Negra*⁶⁶ é um produto da indústria cultural que se apropria das estéticas afrocêntricas, mas ainda com uma narrativa de base filosófica ocidental, colonizadora e imperialista e, nesse sentido, não se encaixa em uma representação afrofuturista, pois não possui o comprometimento com a ética e estética africana que o afrofuturismo tem, enquanto movimento de base filosófica, estética, artística e cultural de centralidade negra.

3.3.8 Zaika dos Santos: 1988, Minas Gerais.

A cientista de dados, multiartista, curadora de arte digital, pesquisadora e divulgadora científica afrofuturismo, Zaika dos Santos⁶⁷, defende que o afrofuturismo é especificamente arte, ciência, tecnologia, inovação africana e afrodescendente visando ressaltar o que nos foi negado historicamente enquanto participação de pessoas negras e afrodiaspóricas nos processos da história da ciência, tecnologia e inovação.

Em entrevista para o site⁶⁸ da Universidade Federal de Minas Gerais em 2018

Existe o Afrofuturismo enquanto África negra e o Afrofuturismo enquanto afro diáspora que é essa leitura de negros que não nasceram em África mas têm essa ancestralidade africana. O contexto do Afrofuturismo é falar de uma

⁶⁴ Do antigo Egito.

⁶⁵ A pesquisadora entende que todos temos uma Força Vital e que nascemos com um sol interno que deve ser cuidado para que possamos manter a potência dos conhecimentos ancestrais que nos impulsionam a uma vida plena e respeitosa para com o próximo e o planeta.

⁶⁶ Filme dirigido por Ryan Coogler com Chadwick Boseman, Michael B. Jordan. Direção de Ryan Coogler e roteiro de Stan Lee.

⁶⁷ Zaika também é fundadora das iniciativas científicas *Afrofuturismo ArtSteam* que trabalha com a perspectiva de arte, ciência, tecnologia e inovação africana e afrodescendente, e *Saltsoundsystem* que trabalha com a perspectiva de arte e educação.

⁶⁸ Entrevista completa disponível em <https://ufmg.br/comunicacao/noticias/afrofuturismo-e-tema-de-reportagem-na-tv-ufmg>

ancestralidade, falar de tecnologia, falar de inovação, falar de ciência, e a maioria das pessoas costumam localizar o Afrofuturismo no lugar de novas narrativas e novas ficções. Para além disso, a gente tem esse lugar da ciência, da tecnologia e inovação, o que foi negado historicamente (...) dentro dele a gente vai ter linguagens como a música, a moda, o cinema, a literatura, e eu constitui muito também essa produção de movimento cultural.

Sobre África Futurismo (ou Africano Futurismo), Afropresentismo e afrofuturismo, Zaika ressalta que estes são “metodologias e conceitos diferentes e que coexistem”. Em post⁶⁹ publicado em novembro de 2021, em sua rede social, como parte da divulgação de sua tese defendida em março do mesmo ano, a autora apresenta um fragmento do capítulo intitulado *Introduzindo o África Futurismo, Afropresentismo e Afrofuturismo*, em que explica sobre esses conceitos:

Apresentam propostas diferentes que conseguem conversar umas com as outras. No Brasil, há uma divergência entre a utilização dos três conceitos justamente pelo conhecimento inicial do Afrofuturismo e a chegada do Afropresentismo e África Futurismo como uma oposição ao Afrofuturismo, daí surge nos anos 2010 até 2014 uma tentativa de muitos Afrofuturistas em reconfigurar a palavra Afrofuturismo na retirada do "ismo" visto a confluência complexas do debate de oposição, o que não são!

Porém, a complexidade da reconfiguração de uma palavra já existe, é a perda da sua conceitualidade, enquanto fora do Brasil existe um levante de pensadores e autores que propõe a retomada da palavra cunhada em "Afrocentralidade" (poucas(os-es) no Brasil) quando ela é largada e reconfigurada há uma nova tentativa de validação de autoria para quem ainda se julga autor no projeto de "apropriação cultural".

A outra complexidade é não reconhecer a existência de quem pauta Afrofuturalidades pelas vias só do Afropresentismo ou só do África Futurismo, mas reconfigurar linguagens dos conceitos dentro do Afrofuturismo sem pautar que partem destes lugares. (...)

Finalizo esta etapa da escrita lembrando a escritora e artista Jota Mombaça, que nos ensina em *Pessimismo Propositivo ou um Pessimismo Vivo*, que se o que vivemos atualmente nos força a criar novos mundos, precisamos enquanto estratégia, reconhecer as dificuldades e sofrimentos, mantendo a esperança (uma esperança que não espera) no futuro como propósito. Assistindo à live⁷⁰ de lançamento do livro da *Não vão nos matar agora*, da editora Cobogó em maio de 2021, Jota nos ensina que

A ideia do Pessimismo Vivo e propositivo é não ser um pessimismo a serviço da desistência – que cria um solo para a negação da vida - mas sim um pessimismo vivo, conectado com o propósito comum e coletivo de viver. Não

⁶⁹ Post completo disponível em <https://www.instagram.com/p/CWBxknrLHCh/?igshid=YmMyMTA2M2Y=>

⁷⁰ Live no canal da Livraria Megafauna: NÃO VÃO NOS MATAR AGORA, com Jota Mombaça, Leda Martins e Hélio Menezes. Conteúdo completo disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=31ZKs6tSwNI>

no sentido individual e neoliberal de sobrevivência, mas viver no sentido de afirmação da existência transversal que se manifesta em muitas de nós.

As mulheres apresentadas neste capítulo e muitas outras não citadas aqui, mas que provocam significativos descolamentos neste movimento plural e em constante evolução, nos mostram possibilidades de sonhar um amanhã que não seja somente marcado pelo racismo e pela opressão, tendo como base as lições do passado, em um agora mesmo que configurado com muitas incertezas. Nesse sentido, é possível que a mistura entre ficção e realidade seja uma importante ferramenta que nos permita especular pelo porvir enquanto revisitamos as experiências do passado a fim de que nossos sonhos de futuros dignos à nossa existência de fato aconteçam.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como uma busca de onde eu vim e para onde eu vou

Rosana Paulino

Nesta dissertação, procurei apresentar o movimento afrofuturista desde antes do termo ser cunhado por um pesquisador branco, na década de 1990, analisar este movimento em movimento a partir de breves apontamentos basilares da filosofia africana presentes no afrofuturismo, como: ancestralidade, afrocentricidade e temporalidade, alguns eventos acontecidos no Brasil e no mundo com essa temática e apresentar definições acerca do termo, desenvolvidas por mulheres negras em diáspora que compõem esse universo imaginando futuridades; entendendo este termo como habilidade de futurar caminhos pluriversais a partir de metodologias ancestrais e contemporâneas.

Enquanto pesquisadora iniciante, compreendo que este movimento não estático se apresenta de múltiplas formas, enquanto percepção filosófica, estética, cultural contemporânea, especulativa, dialética e polifônica capaz de emergir ecos das culturas tecnológicas africanas e afrodiaspóricas, concebendo a centralidade do corpo negro, a fim de movimentar e recriar pensamentos sobre o lugar que os corpos negros ocuparão no futuro e quais forças os atravessarão nas prospecções de futuros possíveis e

saudáveis. Não há pretensão de dar respostas prontas, tampouco “inventar a roda” e sim fazer com que ela não pare de girar destruindo as estruturas racistas via mente, via práticas educativas, recusando todo e qualquer mecanismo que insista em subalternizar nossos corpos e nossas produções.

Buscamos conceber o afrofuturismo como dispositivo na construção de uma proposta educativa antirracista e ferramenta capaz de resgatar nossa cultura e ancestralidade africanas e nossa esperança utilizando a imaginação/sonho como movimento de ação e potente instrumento de transformação e luta política. Resistimos até aqui e resistiremos o quanto for necessário, em honra aos que vieram antes de nós e por aqueles que ainda virão.

O sonho é prospecção de futuro, porém, experiência do sonhar também é viver. O lugar sonhado dimensiona a nossa resistência frente às frequentes tentativas de apagamento da nossa identidade. Sobre sonho, a música Céu de Pipa, do artista MC Marks⁷¹, ilustra essa dimensão de futuro representado no trecho abaixo:

Sonhei que a favela tava linda
Que todas paredes tinha tinta
Criançada corria no meio da rua
E o céu tava cheio de pipa
Ninguém com barriga vazia
E as dona Maria sorria

Tinha até barraco com sacada
Virado de frente pra piscina, acredita?
Chuva de carro importado, os menor desfilava
Lá tava tudo na paz, polícia nem passava
Preto, pobre, favelado era respeitado
Não discriminado
Ali ninguém mais via o Sol nascer quadrado

⁷¹ MC Marks é o nome artístico do cantor Paulo Alexandre Marques, cresceu em Americanópolis, zona sul de São Paulo e que ficou conhecido como compositor de diversos sucessos como 'Deus é Por Nós ' em 2020 e 'Céu de Pipa' em 2022.



(...)

Por isso nós canta

Por isso eu canto

Por isso nós canta

O que resta é sonhar

O que resta é sonhar

O que resta é sonhar

Aê o que eu quero é liberdade

O que eu quero é igualdade

O sorriso no rosto da criança

Correndo atrás de pipa, corre menor, corre

Corre que o mundo é seu, o mundo é grande

Vai além, vai em busca do progresso

Vai atrás do que é seu

Sobre a imaginação, Diniz, 2022, p. 47, nos diz que “a imaginação é um instrumento para o encantamento do mundo – nos encantamos pelo que nos deixamos afetar e nos entregamos à afetação”. Esse encantamento é capaz de nos movimentar para um futuro libertador. Sobre liberdade, relembramos o que escreveu Soraya Jean-Louis McElrov⁷² (2015), estudiosa de artes visuais e co-criadora do *Wildseeds: The New Orleans Octavia Butler Emergent Strategy Collective*, “amor e liberdade Pretas residem além do corpo, amor e liberdade Pretas são transtemporais e indestrutíveis. Estou falando sobre imaginação fantástica Preta sem restrições”. (MCELROV, 2015, p. 26). No mesmo artigo, Imarisha (2015) complementa “Não há nada de novo sob o sol. Mas como Butler tão habilmente nos fala e mostra em seus romances, esses novos sóis nos oferecem infinitas novas oportunidades para reimaginar o nosso mundo de hoje” (IMARISHA, 2015 p.262).

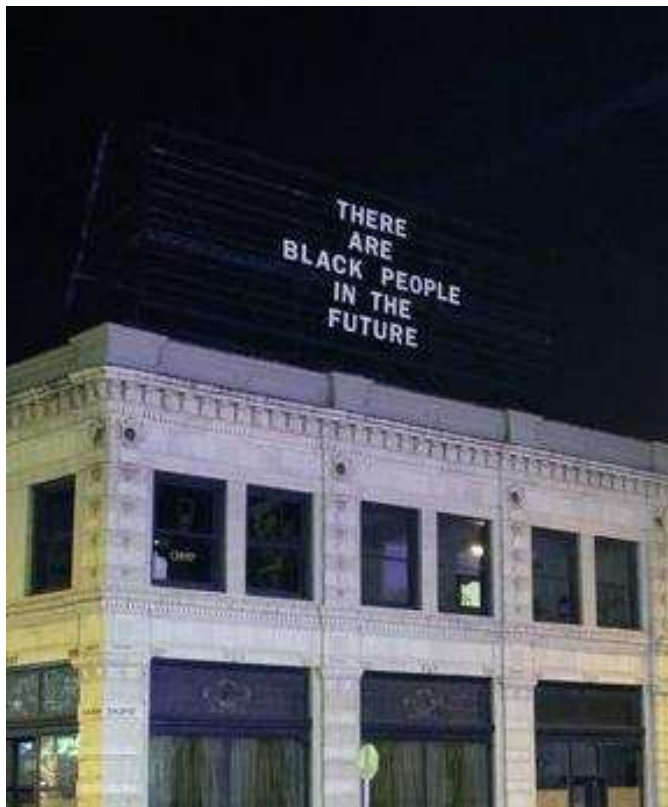
Antes do movimento do corpo, vem o sonho e, para nós, pessoas pretas, ao longo da história, até a possibilidade de sonho nos foi tirada. Aliás, o racismo e as estruturas ainda coloniais estruturantes da nossa sociedade se esforçam para tirar de nós

⁷²MCELROV, 2015, In IMARISHA, Walidah. 2015. “Rewriting The Future: Using Science Fiction To ReEnvision Justice” 2015. Disponível em: <https://traducaoliteraria.files.wordpress.com/2020/06/ponto-virgulina-1-afrofurismo.pdf>

a possibilidade de sonho, de imaginação e de futuros diferente dos sentenciados aos nossos corpos, considerados utópico e inatingíveis para a nossa população. Nesse sentido, utopia se apresenta enquanto fundamento capaz de tirar da inércia o pensamento coletivo de existência futura.

There Are Black People in the Future é o nome do artigo de Alisha Wormsley⁷³ que, em 2020, integrou a coletânea de artigos no livro *Black Futures*; primeira interação do projeto “The Black Futures”, organizado por Kimberly Drew e Jeanna Wortham. O projeto de Wormsley visava abordar a opressão sofrida pelas comunidades negras locais através do espaço e do tempo, garantindo a presença dos corpos negros no futuro. Em 2017, Wormsley colocou a inscrição THERE ARE BLACK PEOPLE IN THE FUTURE (Existem pessoas negras no futuro) em um outdoor em East Liberty, um bairro no extremo leste de Pittsburgh, Pensilvânia.

Imagem 19: Existem pessoas negras no futuro



Fonte: Wormsley, 2018 In: *Black Futures*, 2020, p.45

⁷³ Alisha é uma artista interdisciplinar e produtora cultural. Tem o seu trabalho baseado na memória coletiva e sincronidade do tempo (passado, presente e futuro), através de histórias de mulheres de cor.

Não surpreendentemente, pouco tempo depois, a artista foi intimada a retirar a inscrição com a justificativa de que aquele espaço não poderia ser usado com itens considerados ofensivos, desagradáveis ou políticos. Em função da sentença aplicada, o outdoor foi retirado. Felizmente, um movimento muito maior foi criado por parte dos membros da comunidade que protestaram em apoio a Wormsley, arrecadando dinheiro para outros artistas, ativistas replicassem a frase “Há pessoas negras no futuro” em diferentes territórios como Detroit, Charlotte, Nova York, Londres, Catar, entre outros.

Imagem 20: Manifest Destiny, Library Street Collective, Detroit, MI. Curadoria Ingrid LaFluer



Fonte: <https://www.alishabwormsley.com/tabpitf>

Imagem: 21: Pelas Liberdades, Time Square Arts



Fonte: <https://www.alishabwormsley.com/tabpitf>

Inspirada na arte/manifesto de Wormsley, esta pesquisa também se propôs a

Sobre a retirada do outdoor, Wormsley, 2020, disse:

Apesar da tristeza, estou animada com a forma como a minha Pittsburgh se uniu em apoio a este projeto. Acho que todos [nós negros] sabemos o que é ter desconforto. Vamos começar a trabalhar métodos para investigar construtivamente esse desconforto sem usar o poder sobre ninguém ou qualquer outra coisa. Não é meu chamado liderar as pessoas em qualquer direção. Um artista que me inspira disse: “Seu trabalho é promover o pensamento, não dizer as pessoas como pensar. Provocar sentimentos, não dizer as pessoas como sentir”. Seja como for que você possa sentir, seja como for que você pense, EXISTEM PESSOAS NEGRAS NO FUTURO. (WORMSLEY, 2018, In DREW & WORTHAM, 2020 p. 47)

As palavras da artista me inspiraram a desenvolver esta pesquisa, que buscou entender e conceber a nossa existência negra no futuro pela perspectiva do afrofuturismo. O questionamento sobre a ausência de pessoas negras nos espaços, sobretudo, o de poder, sempre pautaram a minha existência mesmo pertencendo a uma família negra e de mulheres ativistas contra as opressões de gênero e raça.

Para responder essas e outras perguntas, precisei mergulhar em conceitos nunca analisados durante a minha vida acadêmica. Contudo, quanto mais imersa nesses conceitos, mais eu era afetada internamente pela pesquisa. Sabe aquela história de “se sentir atravessada”? - expressão que eu sempre julguei como bordão academicista - de fato, aconteceu. Busquei me entender enquanto mulher negra, mãe, filha, profissional e pesquisadora, o que causou um certo conflito mental e emocional, pois caíram por terra as crenças de uma vida inteira pautada nos ensinamentos dos dogmas católicos.

Ao buscar compreender sobre a ancestralidade e como essa força se fazia presente na minha existência, sendo o meu corpo um lugar de manifestação de uma memória ancestral rica, coletiva e atuante, compreendi a magnitude do legado africano e de um tempo cíclico capaz de acionar um passado que nos habita, um presente e um futuro que se afetam simultaneamente. Esse entendimento de tempo não linear, representado nesta pesquisa pelos estudos do filósofo John Samuel Mbiti, explica a concepção de tempo presente e futuro que, a partir do vocábulo swahili, *sasa*, enquanto tempo cotidiano, e *zamani*, enquanto tempo mítico em que habitam as pessoas que já se foram, nossos ancestrais, sendo um tempo igualmente presente. Leda Martins também contribuiu para o entendimento de temporalidade nesta pesquisa, a partir da concepção de tempo espiralar, ao concebê-lo como percepção cósmica e filosófica que une, em um mesmo círculo, a ancestralidade e a morte. Nessa concepção, o passado habita o presente e o futuro, o que faz com que os eventos, desvestidos de uma cronologia linear, estejam em processo de uma perene transformação e correlacionados.

Ainda sobre atravessamentos durante esta pesquisa, compreendi, na prática, ainda que com muita dor, que a morte não é o fim. A pessoa que mais acreditou nesta pesquisa, que caminhou junto comigo durante toda a minha vida virou ancestral. Continuar sem ela não tem sido uma tarefa fácil. A minha tia, madrinha, matriarca, amiga, mentora e inspiração desta pesquisa, professora Dra. Ângela Maria da Costa e Silva Coutinho⁷⁴ se tornou ancestral. Compreendi que ser ancestral é privilégio dos que deixam um legado muito grande aqui neste plano. E ela deixou. O peito dói e os olhos molham para esvaziar um pouco a dor sentida. Precisei viver e ainda vivo o luto. Aprendi com os escritos de Chimamanda Ngozi Adichie, em *Notas sobre o luto*, 2021, que o luto é uma forma cruel de aprendizagem, mas que também evoca a memória e a esperança para aqueles que ficam. Nossos laços de amor são indestrutíveis e com a certeza de sua presença aqui, sigo em frente com a bravura dela e dos nossos ancestrais no meu DNA.

Imagem 22: Último registro durante a pesquisa

⁷⁴ Professora de Letras formada pela Universidade Federal Fluminense (1974), Mestre em Letras pela Universidade Federal Fluminense (1993), Doutora em Letras pela Universidade Federal Fluminense (2000) e Pós-doutorado em Educação pela Universidade Federal de Minas Gerais (2017). Currículo Lattes completo disponível em: https://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/busca.do?jsessionid=C2D386E96D4FB9D5B16BA021813F846E.buscatextual_65



Legenda sugerida: Quem sempre imaginou o meu futuro, minha inspiração, com todo meu amor, carinho e saudade.

REFERENCIAIS TEÓRICOS

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. TED TALK: **O perigo de uma história única**. In TED. 7 de out. de 2009. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=D9Ihs241zeg> Acesso dezembro de 2020.

AFROFUTURISMO Cinema e Música em uma Diáspora Intergaláctica
Organização: Kênia Freitas 1ª Edição - Novembro, 2015.

ALMEIDA, Ana Caroline de. **Ruínas futuristas do Cinema Brasileiro Contemporâneo** Dossiê Decolonialidade e Política Das Imagens Logos 55 VOL 27 N 03 PPGCOM UERJ. 2020 p.109 Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/logos/article/view/54260/36790> Acesso em: janeiro de 2022

ASANTE, Molefi Kete. **Afrocentricidade a teoria de mudança social**. Afrocentricidade Internacional, 2014. p.4

ASANTE, Molefi Kete. **Afrocentricidade como Crítica do Paradigma Hegemônico Ocidental: Introdução a uma Ideia**, 2016. Disponível em: https://filosofia-africana.weebly.com/uploads/1/3/2/1/13213792/molefi_kete_asante_-

_afrocentricidade_como_cr%C3%ADtica_do_paradigma_hegem%C3%B4nico_ocident
al._introdu%C3%A7%C3%A3o_a_uma_ideia.pdf Acesso em: outubro de 2021

ASANTE, Molefi Kete. **Afrocentricidade: notas sobre uma posição disciplinar.** In: NASCIMENTO, Elisa Larkin. Afrocentricidade: uma abordagem epistemológica inovadora. São Paulo: Selo Negro, 2009. p. 93-110.

BARRETO, Mauricio L. et al. **O que é urgente e necessário para subsidiar as políticas de enfrentamento da pandemia de COVID-19 no Brasil?** Revista Brasileira de Epidemiologia, Rio de Janeiro, v. 23, 2020. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/1980-549720200032>» <http://dx.doi.org/10.1590/1980-549720200032> Acesso em: setembro de 2022

BENJAMIM, Ruha. **Race After Technology: Abolitionist Tools for the New Jim Code.** 1ª edição. Editora: Polity, 2019. p. 31

BERGMAN, Pär • **Breve panorama do movimento futurista** Revista Ágora. Vitória n. 20. 2014. p. 215-243 Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/agora/article/view/9170> Acesso em: janeiro de 2021.

BRITO et.al, 2020. **Pode um currículo aquilombar-se?** 9 Caderno de Pesquisa. São Paulo, v. 50, n. 176. 2020. p. 429-443. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cp/a/pM5wqSrM6zvPLPP9JwMnhvQ/?format=pdf&lang=pt> Acesso em: dezembro de 2020

BUTLER, Octavia. **Kindred- laços de sangue** 2ª edição. Editora: Morro Branco, 2019.

CALENTE, Carlos **Octavia Butler, Afrofuturismo e a necessidade de criar novos mundos** In: Afrofuturismo Cinema e Música em uma diáspora intergaláctica. 2015 p. 6.

CAMPOS, Gastão. **O pesadelo macabro da Covid-19 no Brasil: entre negacionismos e desvarios.** Trabalho, Educação e Saúde, Rio de Janeiro, v. 18, n. 3, 2020, e00279111. DOI 10.1590/1981-7746-sol00279 Disponível em: <https://www.scielo.br/j/tes/a/sQgGPbjSPqPSqYnsZxWvxwf/?lang=pt> Acesso em: setembro de 2022.

DE SOUSA SANTOS, Boaventura. **Construindo as Epistemologias do Sul: Antologia Esencial. Volume I: Para um pensamento alternativo de alternativas.** Compilado por Maria Paula Meneses... [et al.]. - 1a ed. - Ciudad Autónoma de Buenos Aires: CLACSO, 2018.

DERY, Mark. **Black to the future: Interviews with Samuel R. Delany, Greg Tate and Tricia Rose.** Duke University Press, 1994.

DESIRÉE, Karolina. **Afrofuturismo. Podcast PerifaCom** Episódio 03. 27 de setembro de 2019. Disponível em: <https://open.spotify.com/episode/0hpwVeVIdSpiZVow2gDxpM?si=F9o3RDs5Tj-LXIu5F7JEcA>. Acesso em: outubro de 2020.

DINIZ, Débora; GEBARA, Ivone. **Esperança feminista**. – 1ª.ed.-Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2022.

Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=3wOAVLIKhZU> Acesso em: outubro de 2021

EMICIDA. In: SILVA, Tarcízio. **Comunidades, ativismos e ativismos digitais: Olhares afrodiaspóricos** / LiteraRUA – São Paulo, 2020. p.7.

ESHUN, Kodwo. **More brilliant than the sun: adventures in sonic fiction**. GrãBretanha: Quartet Books. 1998 p. 301.

FONTELLA, Leandro Goya. MEDEIROS, Elizabeth Weber. **Revolução Haitiana: O medo negro assombra a América**. Disc. Scientia. Série: Ciências Humanas, Santa Maria, v. 8, n. 1, p. 59-70, 2007. Disponível em: <https://periodicos.ufn.edu.br/index.php/disciplinarumCH/article/view/1669/1574> Acesso em: outubro de 2022

FREITAS, Kênia; MESSIAS, José. **O futuro será negro ou não será: Afrofuturismo versus Afropessimismo - as distopias do presente**. Revista de la Asociacion Argentina de Estudos de Cine y Audiovisual. Disponível em: www.asaeca.org/imagofagia-Nº17, 2018. Acesso em: maio de 2019.

FREITAS, Kênia. **Afrofuturismo: Cinema e Música em uma Diáspora Intergaláctica**. Caixa Cultural, 2015. Disponível em: <http://www.mostraafrofuturismo.com.br/catalogo.html> Acesso em: maio de 2019.

FREITAS, Kênia.. **Trocando uma Ideia** | Alma Preta Jornalismo. 25 de maio de 2019. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=p4Pg-pfb9C8>. Acesso em: maio de 2019.

GOMES, Nilma Lino. **Educação, identidade negra e formação de professores/as: um olhar sobre o corpo negro e o cabelo crespo**. Educação e Pesquisa, São Paulo, v.29, n.1, 2003 p. 167-182. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ep/a/sGzxY8WTnyQQQbwjG5nSQpK/?format=pdf&lang=pt> Acesso em: fevereiro de 2019

GUIZZO, Antônio. **Utopia versus distopia e o debate rumo à literatura de fim de mundo. 2022** Disponível em: <https://portal.unila.edu.br/noticias/utopia-versus-distopia-e-o-debate-rumo-a-literatura-de-fim-de-mundo> Acesso em: outubro de 2022.

<https://www.dicio.com.br/representatividade/>

<https://www.instagram.com/p/CaFdxzrpyTa/?igshid=NmNmNjAwNzg%3D>

<https://www.itaucultural.org.br/secoes/entrevista/som-que-fez-som-luedji-luna>

IMARISHA, Walidah. **“Rewriting The Future: Using Science Fiction To ReEnvision Justice”**. Bitch. In: Revista Ponto Virgulina Edição temática 1. 2015. p. 262. Disponível em: <https://traducaoliteraria.files.wordpress.com/2020/06/ponto-virgulina-1-afrofuturismo.pdf> Acesso em: outubro de 2021

IMARISHA, Walidah. **“Rewriting The Future: Using Science Fiction To ReEnvision Justice”**. Bitch. 2015. Disponível em: <https://www.walidah.com/blog/2015/2/11/rewriting-the-future-using-sciencefiction-to-re-envision-justice> Acesso em: julho de 2022

KABRAL, Fábio. **AFROFUTURISMO: ensaios sobre narrativas, definições, mitologia e heroísmo**. 2018. Medium.com. Disponível em: https://medium.com/@ka_bral/afrofuturismo-ensaios-sobre-narrativas-defini%C3%A7%C3%B5es-mitologia-e-hero%C3%ADsmo-1c28967c2485 Acesso em: agosto de 2019.

KILEUY, Odé & OXAGUIÃ, Vera de **O candomblé bem explicado (Nações Bantu, Iorubá e Fon)** Organizador: Marcelo Barros Rio de Janeiro 2009 p.110.

LEVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Ed. 14, 1999. p.17.

LOTT, Thiago Horácio. **A (Re)Escritura e a Diferença: Estratégias de Descolonização na obra de Ngugi Wa Thiong’o**. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras: Estudos Literários, Área de concentração em Teorias da Literatura e Representações Culturais, da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Juiz de Fora. 2015. p. 46 Disponível em: <https://repositorio.ufjf.br/jspui/bitstream/ufjf/4719/1/tiagohoraciolott.pdf>

MACHADO, Adilbênia Freire. **Filosofia africana para descolonizar olhares: perspectivas para o ensino das relações étnico-raciais #Tear**: Revista de Educação Ciência e Tecnologia, Canoas, v.3, n.1, 2014. Disponível em: <https://periodicos.ifrs.edu.br/index.php/tear/article/view/1854> Acesso em: setembro de 2020.

MACHADO, Silas. **A identidade negra como busca sobre identidade racial, diáspora e colorismo**. 2020. Disponível em: <https://movimentorevista.com.br/2020/05/a-identidade-negra-como-busca/> Acesso em: julho de 2022.

MARIAH, Morena. **FUTURO NEGRO-Como o afrofuturismo pode ajudar a estruturar modelos de sociedade mais justos para a população negra**. 2020 Disponível em: <https://www.uol.com.br/ecoa/reportagens-especiais/reconstrucao-afrofuturismo/>. Acesso em: dezembro de 2020.

MARIAH, Morena. **Morena Mariah e o afrofuturismo como opção para alcançar novas perspectivas**. HUFFPOST Brasil, 15 de novembro de 2018. Disponível em: https://www.huffpostbrasil.com/2018/11/14/morena-mariah-e-o-afrofuturismo-como-opcao-para-alcancar-novas-perspectivas_a_23588758/ Acesso em: setembro de 2019.

MARTINS, Leda Maria. **Afrografias da memória O reinado do Rosário no Jatobá**. Mazza edições. 2021. p. 31.

MARTINS, Leda Maria. **Performances do tempo Espiral** In: RAVETTI, G.; ARBEX, M. (Orgs.). Performance, exílio, fronteiras: errâncias territoriais e textuais 2002 p. 89. Disponível em: <http://www.letras.ufmg.br/site/e->

livros/Performance,%20ex%C3%ADlio,%20fronteiras%20-%20err%C3%A2ncias%20territoriais%20e%20textuais.pdf Acesso em: janeiro de 2021.

MARTINS, Leda Maria. **Performances do tempo espiralar, poéticas do corpo-tela.** Encruzilhada. 2021. p. 17-206.

MATTA, Gustavo Correia; REGO, Sérgio; SOUTO, Ester Paiva; SEGATA, Jean. **Os impactos sociais da Covid-19 no Brasil: populações vulnerabilizadas e respostas à pandemia.** Rio de Janeiro: Observatório Covid 19; Editora FIOCRUZ, 2021. p.28 Disponível em: <https://books.scielo.org/id/r3hc2/pdf/matta-9786557080320.pdf> Acesso em outubro de 2022.

MBEMBE, Achille. **Crítica da razão negra.** São Paulo: n-1 edições, 2018. p. 18.

MBEMBE, Achille. **Necropolítica Biopoder, soberania, estado de exceção, política de morte.** São Paulo, 2ª edição. 2018 p. 309.

MBITI, John S. **African Religions and Philosophy.** Second revised and enlarged edition. Heinemann. 1969 p.21-22.

MERLEAU PONTY, Maurice. **Fenomenologia da percepção.** 4ª ed., São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011. p. 252-253.

MERLEAU PONTY, Maurice. **O visível e o invisível.** 3ed. São Paulo: Perspectiva, 1992 p. 15-16.

MNU Jornal, 19 **Entevista Lélia Gonzales** 1991 p.8. Entrevista disponível em: <<https://mnu.org.br/os-desafios-da-formacao-politica-da-militancia-do-movimento-negro-unificado-mnu/>> Acesso em: dezembro de 2020.

MOMBAÇA, Jota & MATTIUZZI, Musa Michele. **Carta à leitora preta do fim dos tempos.** In: A dívida impagável. 2020. Disponível em: <https://casadopovo.org.br/wp-content/uploads/2020/01/a-divida-impagavel.pdf> Acesso em: novembro de 2020.

NASCIMENTO, Elisa Larkin **O tempo dos povos africanos.** Ministério da Educação – MEC / Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade – SECAD, 2007. Disponível em: <https://ipeafro.org.br/acervo-digital/leituras/publicacoes-do-ipeafro/suplemento-didatico/> Acesso em: janeiro de 2020.

NERI, Nátaly. **Afrofuturismo: A Necessidade de Novas Utopias** TEDxTalks, Petrópolis 2018. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=_D1y9yZRpis. Acesso em: maio de 2019.

NJERI, Aza. **5 FATOS SOBRE MULHERISMO AFRICANA** 2021 Acesso em:12/05/2021 Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=8oKSn25c7DA&t=511s> Acesso em: outubro de 2021

NJERI, Aza. **Afrofuturismo: que o teatro negro brasileiro incorpore-o cada vez mais em seus fazeres artísticos.** Rio Encena, 2020. Disponível em: <https://rioencena.com/afrofuturismo-que-o-teatro-negro-brasileiro-incorpore-o-cada-vez-mais-em-seus-fazeres-artisticos/> Acesso em: setembro de 2021.

NJERI, Aza. **O ativismo afrofuturista em “A Saga de Dandara e Bizum a Caminho de Wakanda”** Alma Preta Jornalismo. 2019. Disponível em: <https://www.almapreta.com/editorias/o-quilombo/o-ativismo-afrofuturista-em-a-saga-de-dandara-e-bizum-a-caminho-de-wakanda>. Acesso em: setembro de 2021.

NJERI, Aza. **O QUE É SANKOFA? SÉRIE ADINKRA EP.01** Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=3wOAVLIKhZU> Acesso em: janeiro de 2022

NOGUERA, Renato. **Denegrindo a educação: um ensaio filosófico para uma pedagogia da pluriversalidade.** Revista Sul-Americana De Filosofia E Educação (RESAFE), n.18, 62–73. Disponível em: <https://doi.org/10.26512/resafe.v0i18.4523> 2012 p.63 Acesso em: dezembro de 2020.

OLIVEIRA, Eduardo David. **Filosofia da ancestralidade: corpo de mito na filosofia da educação brasileira.** Editora Gráfica Popular. Curitiba, 2007. p.18.

OLIVEIRA, Eduardo. **Epistemologia da Ancestralidade.** 2012 Disponível em: https://filosofia-africana.weebly.com/uploads/1/3/2/1/13213792/eduardo_oliveira_-_epistemologia_da_ancestralidade.pdf. Acesso em: setembro de 2020.

OLIVEIRA, Eduardo. **Filosofia da Ancestralidade: corpo e mito na filosofia da educação brasileira.** Curitiba: Gráfica e Editora Popular, 2007 Acesso em: setembro de 2020.

OQUADRO, Banda. **Jahggant.** Selo Isé Música Criativa. Bahia, 2017. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/oquadro/jahggant/> Acesso em: outubro de 2020.

Pandemia pela Covid-19. Estud. av. 34 (99) maio-agosto de 2020 Disponível em: <https://doi.org/10.1590/s0103-4014.2020.3499.014> Acesso em outubro de 2022.

PINHEIRO, Barbara Carine. **Representatividade Importa?** TVE Bahia, 2017 Disponível em: https://m.facebook.com/tvebahia/videos/representatividade/1658443000880077/?_se_i mp=0eKvFxqSIARrSTLit Acesso em: março de 2022.

PINTO, Valdina Makota. **Meu caminhar, meu viver.** Salvador: Sepromi, 2013 p. 158.

RAMOS, Jarbas Siqueira. **O Corpo-Encruzilhada como Experiência Performativa no Ritual Congadeiro.** Revista Brasileira Estudos da Presença, Porto Alegre, v. 7, n. 2, p. 296-315, maio/ago. 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/rbep/v7n2/2237-2660-rbep-7-02-00296.pdf> Acesso em: outubro de 2020.

RAMOSE, Mogobe. **Sobre a Legitimidade e o Estudo da Filosofia Africana Ensaios Filosóficos.** Volume IV 2011. p.12.

REIS, Maria José; SILVA, Joel Severino; ALMEIDA, GABRIEL Swahili Sales. **Afrocentricidade e pensamento decolonial: perspectivas epistemológicas para pesquisas sobre relações étnico-raciais.** Revista Teias v. 21, n. 62. Seção Temática Raça e Cultura. Acesso em: dezembro de 2021.

RIBEIRO, Katiúscia. **O laboratório de filosofia africana geru mãã na ufrj e os desafios para produção de conhecimento sobre filosofia africana e as relações raciais.** Revista Encantar - Educação, Cultura e Sociedade - Bom Jesus da Lapa, v. 1, n. 1, p. 09-27, jan./abr. 2019 Acesso em: dezembro de 2021.

RIBEIRO, Ronilda IYAKEMI. **Alma Africana no Brasil. Os iorubás.** São Paulo: Editora Oduduwa, 1996. p.24

RICOEUR, Paul. **Tempo e narrativa** v I, 1994, p. 77.

RODRIGUES, Paula. **FUTURO NEGRO - Como o afrofuturismo pode ajudar a estruturar modelos de sociedade mais justos para a população negra** ECOA, SÃO PAULO, 2020 Disponível em: <https://www.uol.com.br/ecoa/reportagens-especiais/reconstrucao-afrofuturismo/#:~:text=O%20afrofuturismo%20faz%20essas%20discuss%C3%B5es,central%2C%20voc%C3%AA%20est%C3%A1%20enxugando%20gelo.> Acesso em: março de 2020.

ROLLO, Maria Fernanda. **Dicionário de História da I República e do Republicanismo.** Lisboa, p.129. 2014.

SANTIN, Silvino. **Educação Física: uma abordagem filosófica da corporeidade.** 1987. p.125.

SANTOS, Márcia; NERY, Joilda; GOES, Emanuelle; SILVA, Alexandre; DOS SANTOS, Andreia; BATISTA, Luís Eduardo; ARAÚJO, Edna Maria. **População negra e Covid-19: reflexões sobre racismo e saúde.** Disponível em: <https://doi.org/10.1590/s0103-4014.2020.3499.014> Acesso em: outubro de 2022.

SAYÃO, Lara. In: LOPES, Nei. & SIMAS, Antônio. **Filosofias Africanas: uma introdução.** Civilização Brasileira 2021, p.9.

SILVA, Kellen Carolina Vieira & QUADRADO, Jaqueline Carvalho. **O afrofuturismo como forma de representação cultural.** 2016. Disponível em: <http://omicult.org/emicult/anais/wp-content/uploads/2016/11> Acesso em: março de 2020

SOUZA, Marcos Vinicius Castro. **Branco Sai Preto Fica: uma análise afrofuturista.** Pró-Reitoria Acadêmica Escola de Educação, Tecnologia e Comunicação Curso de Jornalismo Brasília - DF 2019

SOUZA, Neuza Santos. **Tormar-se negro.** Rio de Janeiro: Zahar, 2021 p. 16

TEIXEIRA, Vika. **Sonho-voo: Expansão.** 2021. Disponível em:

The Huffington Post. **AFROFUTURISMO** Disponível em: <http://staccatoliterario.blogspot.com/2016/06/afrofuturismo.html>. Acesso em: dezembro de 2020.

TOLENTINO, Joana. **Lélia Gonzalez: uma filósofa brasileira abalando as estruturas.** Em construção-Arquivos de Epistemologia Histórica e Estudos da Ciência < número 5 \ 2019 Disponível em: <<https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/emconstrucao/article/view/40848>> Acesso em: novembro de 2020.

WOMACK, Ytasha (2015). Cadete Espacial In FREITAS, Kênia (org.). **Afrofuturismo: cinema e música em uma diáspora intergaláctica.** Caixa Cultural. São Paulo. 2015 Disponível em: https://www.academia.edu/25056285/Mostra_Afrofuturismo_Cinema_e_M%C3%BAsi-ca_em_uma_di%C3%A1spora_Intergal%C3%A1ctica Acesso em: dezembro de 2020.

YASZEK, Lisa. **Race in Science Fiction: The Case of Afrofuturism.** 2013. Disponível em <<http://virtual-sf.com/wpcontent/uploads/2013/08/Yaszek.pdf> > Acesso em: dezembro de 2020.

ZACHARIAS, Pamela; ZEPPINI Paola Sanfelice. **Sobre aprender e fabular em educação.** Linha Mestra - Associação de Leitura do Brasil (ALB) e-ISSN: 1980-9026 <https://doi.org/10.34112/1980-9026> v. 12, n. 35. 2018 Disponível em: <https://lm.alb.org.br/index.php/lm/article/view/56> Acesso em: setembro de 2021.